UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA:
CRIANÇA NA MÃO, ESCOLA NA CONTRAMÃO

um estudo sobre a consciência dos fatores
sociolingüísticos anterior à escola

v. 2

SALVADOR
2005

JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: CRIANÇA NA MÃO, ESCOLA NA CONTRAMÃO

um estudo sobre a consciência dos fatores sociolingüísticos anterior à escola

v. 2

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras e Lingüística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.
Área de concentração: Lingüística Histórica

Orientadora: Profª Drª Suzana Alice Marcelino Cardoso

SALVADOR
2005

ANEXOS

ANEXO A – *Corpus* A. Dados transcritos a partir das sessões realizadas com os alunos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental do Colégio Villa Lobos. Intervenção 1: variação diatópica; Intervenção 2: variação diastrática

ANEXO B – *Corpus* A. Dados transcritos a partir das sessões realizadas com os alunos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental da Escola Barbosa Romeo. Intervenção 1: variação diatópica; Intervenção 2: variação diastrática

ANEXO C – *Corpus* B. Dados transcritos a partir de entrevistas a professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental – Colégio Villa Lobos

ANEXO D – *Corpus* B. Dados transcritos a partir de entrevistas a professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental – Escola Barbosa Romeo

ANEXO E – CD *Hipóteses da criança para explicar a variação lingüística*. Trechos das sessões realizadas com as crianças, organizados a partir de suas hipóteses.

ANEXO A – *Corpus* A. Dados transcritos a partir das sessões realizadas com os alunos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental do Colégio Villa Lobos. Intervenção 1: variação diatópica; Intervenção 2: variação diastrática

COLÉGIO VILLA LOBOS Série: Grupo 6 – Educação Infantil Intervenção 1: Concepções das crianças sobre a variação diatópica da língua

DOC.: Gravação com os alunos do grupo 6 da professora Maíza que cursam a alfabetização do colégio Villa Lobos, eles têm idade média de 6 anos, né isso meninos?

HELOÍSA: Não, menos eu. Eu tenho 5 anos, vou fazer 6.

DOC.: Eu queria saber qual é o nome de vocês e as idades. Você [apontando]

HELOÍSA: Eloísa.

DOC.: Você tem quantos anos, Helô?

HELOÍSA: 5 Anos.

DOC.: Você...

CECI: Ceci.

DOC.: Quantos anos, Ceci?

CECI: 6 anos.

DOC.: E você...

IASMINE: Iasmine.

DOC.: Quantos anos, Iasmine?

IASMINE: 6 anos

ALICE: Alice...

DOC.: Quantos anos. Alice?

ALICE: 6 anos.

HELOÍSA: Todo mundo aqui tem 6 anos, menos eu.

DOC.: E você tem 5 né, Helô? Vamos lá. Então é o seguinte: o DVD que a gente vai passar para vocês assistirem essa historia, é uma historia de Chico Bento. Vocês já conhecem Chico Bento?

TODOS: Eu, eu.

HELOÍSA: Sabe que eu já tenho revistas lá na minha outra casa que meu pai tem.

DOC.: Quantas revistas?

HELOÍSA: Varias.

DOC.: Varias,.e você gosta de Chico Bento? Você, Ceci, o que você conhece sobre Chico Bento?

CECI: E...! que ele não gosta de tomar banho.

DOC.: Chico Bento não gosta de tomar banho não, é?

HELOÍSA: Mentira, é o cascão que não gosta de tomar banho.

DOC.: É o cascão que não gosta de tomar banho, né, Helô?

ELOÍSA : Ele tem 4 piercing [?] na cabeça.

DOC.: É mesmo? E o que mais você sabe de Chico Bento? Felipe, o que você sabe sobre Chico Bento?

HELOÍSA: Eu sou cheia de revistinha dele.

DOC.: Felipe, o que você conhece de Chico Bento?

FELIPE: Que ele é roceiro.

DOC.: Ele é roceiro é? Como assim, roceiro?

FELIPE: Ele mora na fazenda.

DOC.: Ele mora na fazenda? O que mais? Alice, Como é Chico Bento? Diga, Felipe...

FELIPE: Heloísa é apaixonada por ele.

HELOÍSA: Tá difícil, meu filho,

DOC.: O que mais, Iasmine? Como é Chico Bento?

IASMINE: Não sei.

DOC.: E você. Ceci, como é Chico Bento?

CECI: É feio.

DOC.: É feio é? Ok, então agora vamos fazer o seguinte: a gente vai ver o DVD e eu vou contar para vocês como é a historia. Se alguém já assistiu ao vídeo, não tem problema assistir de novo, certo?

MENINA: A porta tá aberta.

DOC.: Ok, então vamos fechar a porta. Quem já viu essa historia de Chico Bento?

TODOS: Eu, eu.

DOC.: Quem já viu, vê de novo. Agora eu vou contar mais ou menos como é a historia, para ver se vocês vão gostar. Chico Bento, como Helô falou, mora na roça, e nessa historia Chico Bento,vai visitar um primo dele que mora na cidade.

MENINA: Eu já sei.

HELOÍSA: Eu já li, eu tenho esse livro.

DOC.: Ah! que jóia, então lá na cidade ele vai encontrar o shopping.

HELOÍSA: Ele quer sair, mas tem uma chuva.

DOC.: Então pronto, vamos passar pra gente assistir? Vamos lá.

[Exibição do vídeo]

DOC.: Gostaram da história?

TODOS: Eu gostei, gostamos

DOC.: O que vocês gostaram mais? Espera aí, como é, Alice?

ALICE: Na hora que o primo leva ele para o shopping.

DOC.: Ceci, gostou mais do quê?

CECI: A hora que ele tá no rio.

DOC.: A hora que ele tá no rio? Iasmine?

IASMINE: Quando [ININT], que aparece na água, né?

DOC.: E você, Helô?

HELOÍSA: Eu gostei mais na hora que ele voltou para a fazenda.

DOC.: A hora que ele voltou pra fazenda. Felipe?

FELIPE: Eu gostei mais quando ele fugiu dos rapazes.

DOC.: Dos guardas, né? Agora me diz uma coisa: como vocês vêem Chico Bento em relação ao primo dele, eles são muito diferentes?

FELIPE: Um é da cidade e o outro é da roça.

DOC.: E isso faz diferença? E isso faz diferença, Felipe, um ser da cidade e o outro da roça?

FELIPE: Eu acho que faz.

HELOÍSA: Não, não faz diferença.

DOC.: Faz diferença não? Nenhuma? São muito parecidos?

MENINA: Sim, o jeito do cabelo.

DOC.: E o que eles tem de diferentes, Helô, vamos tentar lembrar, diga aí?

MENINO: O cabelo.

DOC.: A roupa é diferente?

HELOÍSA: A roupa, a casa, o rosto...

MENINO: Sapatos.

DOC.: O que mais tem de diferente, Chico Bento e o primo, o que vocês acham que tem de diferente entre os dois?

ALUNO: A cabeça, os olhos.

DOC.: E no jeito de ser deles dois tem muita diferença?

MENINA: Tem.

DOC.: Quais são?

MENINA: Chico Bento não sabe ir pro shopping, porque ele é da fazenda.

DOC.: O que mais tem de diferente no jeito de ser deles?

MENINA: Chico no shopping é mal criado, ele é acostumado com a fazenda, roça.

DOC.: Chico no shopping é mal criado, né, Alice? O que mais tem de diferente no jeito de Chico Bento e o primo, hein, Felipe?

FELIPE: Ele acha a fazenda diferente do shopping. Ele acha o shopping é legal.

DOC.: O que mais Iasmine? Chico Bento é igualzinho ao primo? Tem diferença ou não?

TODOS: Tem diferença.

DOC.: Vocês lembram?

MENINO: Um anda calçado e o outro anda descalço.

DOC.: O fato de um andar calçado e outro andar descalço. Não tem mais nada neles, no fato deles serem diferentes? O jeito de ser de cada um.

HELOÍSA: O jeito que ele fala. Um é da roca e o outro é da cidade

DOC.: Como assim, Helô, o jeito como ele fala? O jeito de falar dos dois vocês acham diferente? E fala diferente quando é da roça e da cidade?

MENINA: Fala.

DOC.: Por quê?

MENINA: Por exemplo "você" fala "oce".

HELOÍSA: "Flor" fala "frô".

DOC.: E por que que é assim, Helô? Por que na cidade fala de um jeito e na roca de outro?

HELOÍSA: Não tenho idéia.

DOC.: Não tem idéia? Agora fiquei curioso na fala de vocês. Por que você acha, Alice, que o menino da roça fala diferente do da cidade?

ALICE : Porque eles não moram no mesmo lugar?

DOC.: E isso faz a gente falar diferente quando não mora no mesmo lugar?

ALICE: Porque a mãe não é a mesma.

DOC.: A mãe não é a mesma?

HELOÍSA: Pode ser pelo costume.

DOC.: Como assim pelo costume, Elô?

HELOÍSA: Pelo costume da roça, pelas pessoas quando falam, aí pode se acostumar e falar também, e pode ser pelo...

DOC.: E os costumes da roça são diferentes do da cidade, é?

HELOÍSA: São.

DOC.: E a forma de falar é um costume também, Elô?

HELOÍSA: Quando eu tava na minha fazenda toda hora meu pai mudava de sotaque.

DOC.: Toda hora na fazenda seu pai muda de sotaque, é? E como você fala na fazenda?

HELOÍSA: Eu troco..(risadas) troco umas letras.

ALUNA: Como é que você fala "você"?

DOC.: Como é, troca as letras e fala como, Elô?

HELOÍSA: Eu coloco o "t" sabe porque? Lá na fazenda todo mundo fala assim, coloca o "t".

DOC.: Hã? Coloca o "t", é?

HELOÍSA: No lugar...

DOC.: Dá um exemplo aí pra eu ver. Não lembra, não, é?

ALUNO: Fala "ocê".

ALUNO: Por exemplo "você" o "e" ,troca por "t" "votê"

DOC.: Ah, é assim que você fala: ê

ALUNO: Não é, nada, tira o "v", fica "oce"

DOC.: No caso de "você" tira o "v" e fica "oce".

HELOÍSA: Não lembro nunca não: como é?

DOC.: Não lembra não.

HELOÍSA: Mas tem bastante "t".

DOC.: É, ne? E me diz uma coisa: vocês conhecem pessoas que falam diferente de vocês?

TODOS: Eu conheço.

MENINA: Eu tenho uma prima que fala inglês. É porque minha prima e minha tia moram nos Estados Unidos.

HELOÍSA: O primo do meu pai fala inglês que tá nos Estados Unidos.

DOC.: Diga, Elô, você conhece um primo do seu pai... E aqui no Brasil você conhece alguém que fala diferente de você?

FELIPE: Eu conheço.

DOC.: Diga, Felipe.

FELIPE: Minha tia.

DOC.: Por que, como é que ela fala?

FELIPE: Ela fala... chinês.

DOC.: Ah! Ela fala chinês?

MENINO: Ela é chinesa.

DOC.: Mas e no Brasil todo mundo fala igual?

[ININT]

ALICE: Minha prima, ela mora no Brasil, mas foi pra China e só tá acostumada a falar chinês. Aí quando eu vou cantar com ela eu não entendo o que ela tá dizendo, porque ela tá falando chinês.

DOC.: É, né, Alice.

HELOÍSA: Sabia que eu tenho um monte, todas as minhas primas quase a maioria falam paulista.

DOC.: E como é falar paulista?

TODOS: Eu sei.

DOC.: Como é falar paulista?

MENINA: *Carne*, *porta* [com sotaque do R retroflexo]

DOC.: E é diferente de como a gente fala?

MENINA: [ININT] *Por favor* [com sotaque do R retroflexo]

DOC.: E onde fala assim? Em São Paulo fala assim?

MENINA: Fala não.

DOC.: E porque é diferente Bahia e São Paulo?

MENINA: É porque é outro lugar, e outra língua.

DOC.: É em outra língua, é em outro lugar? São Paulo fala uma língua diferente da nossa?

IASMINE: Fala, mas não é muito diferente.

DOC.: Não é muito diferente, não? Iasmine, aliás, Alice.

ALICE: É.

DOC.: Mas é engraçado, São Paulo fala de um jeito e Salvador de outro.

MENINA: E a roca outro.

DOC.: É, e a roça de outro, é verdade. É gente, tá bom, eu queria agradecer. Quer mais falar?

MENINA: O alfabeto de São Paulo é diferente.

DOC.: O alfabeto é diferente?

MENINA: O namorado da minha irmã fala assim: "Tia, *por favor* [com sotaque do R retroflexo] posso abrir a janela?"

DOC.: *Por favor* [repete a pronúncia] é assim, é? Eu queria que vocês me dissessem agora como é que vocês explicam essa coisa de São Paulo falar de um jeito e Salvador de outro. Por que vocês acham que isso ocorre?

MENINA: Você sabia que toda a vez que eu tenho férias eu vou para o sertão?

DOC.: Você vai pro sertão? E como é lá?

HELOÍSA: Tem cachorro, tem piscina.

DOC.: E porque você falou do sertão agora. Elô?

HELOÍSA: Porque lá tem uma terra e meu pai chama de sertão.

DOC.: Ah! Chama de sertão? E lá o jeito de falar é diferente do daqui também?

HELOÍSA: É.

DOC.: Como é que é diferente?

HELOÍSA: Não sei .

DOC.: E porque é diferente, Elô?

HELOÍSA: Porque do costume. Porque do costume mesmo, né?

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 1ª
Intervenção 1: Concepções das crianças sobre a variação diatópica da língua

DOC.: Bem, vou começar a entrevista agora com os alunos da 1ª série da professora Kátia do colégio Villa Lobos. Seu nome...

JAIRO: Jairo.

DOC.: Quantos anos, Jairo?

JAIRO: 8.

DOC.: 8. E você?

ISABELLE: Isabelle.

DOC.: Isabele, quantos anos?

ISABELLE: 7.

DOC.: 7. E você?

MARIA: Maria.

DOC.: Quantos anos, Maria?

MARIA: 6,

DOC.: 6. E você?

JÚLIO: Júlio, tenho 7 anos.

DOC.: 7 anos, né? [...] A gente vai fazer agora um trabalho, a gente vai assistir um vídeo e depois do vídeo a gente vai conversar sobre ele. O vídeo é sobre Chico Bento. Vocês conhecem Chico Bento?

CRIANCAS: [Todos dizem juntos que conhecem.]

DOC.: É .E quem sabe alguma coisa sobre Chico Bento que pode me falar?

MENINA: Eu, eu posso.

MENINO: Professor, é DVD, é?

DOC.: É DVD.

MARIA: Ele é da roça.

DOC.: Que ele é da roça, o que mais, Mara, você sabe?

MARIA: E que também ele tem uma amiga.

DOC.: Tem uma amiga? E quem sabe mais alguma coisa?

ISABELLE: Eu sei.

DOC.: O que, Belle?

ISABELLE: Ele é amigo de Rosinha.

DOC.: Ele é amigo da Rosinha.O que mais? Ninguém lembra mais nada de Chico Bento?

ISABELLE: Eu não.

DOC.: Não lembra não? Não, né, Jairo. Júlio não lembra nada de Chico Bento? O que mais, Mara?

MARIA: E também ele vive sobre aventuras.

DOC.: Ele gosta de aventura, né?

MENINO: E ele é fazendeiro.

DOC.: Mora na roça. Então vamos assistir o vídeo, depois a gente conversa tá certo? E aí tem Chico Bento no shopping.

ISABELLE: E ele fazia coisas erradas.

DOC.: Coisas erradas, tipo o que, Belle?

ISABELLE: Ir no elevador, quer ir para o 6º andar e vai para o 5º.

DOC.: Errar porque usa o elevador. O que mais?

MENINA: E também ele pode ir nos brinquedos legais e cair de lá de cima.

DOC.: Ele ia mexer, né? Vamos assistir agora pra gente ver? Vamos lá.

[Exibição do vídeo]

DOC.: Vamos lá. E aí, gostaram da história?

MENINA: Eu entendi. Ele fez tudo errado.

DOC.: Gostaram de Chico Bento? Diga aí, Belle, conta aí o que você gostou mais.

ISABELLE: Eu gostei mais quando ele foi na fonte do shopping, mas pensou que era chuveiro, mas não era. Ele queria tomar banho, e foi procurar peixe e não achou.

MENINO: Eu também (interrompendo).

ISABELLE: E aí tinha um casal perto e o homem viu a bunda dele.

DOC.: E você gostou do que mais? [Pergunta a outro aluno]

MENINO: Mesma coisa também.

DOC.: Da mesma cena, foi? E Mara, você também? E Júlio?

JÚLIO: Eu também gostei muito dessa.

DOC.: Agora me responda uma coisa, Chico e o primo são muito diferentes ou diferentes?

TODOS: São diferentes.

DOC.: E o que eles têm de diferente, Belle.

ISABELLE: Porque ele mora na roça e o primo dele, não. E ele já é acostumado a fala dele. O primo dele já é acostumado no shopping.

DOC.: Tem diferença na fala deles?

ISABELLE: Chico Bento não é acostumado em shopping. E ele fala igual o pessoal da roça, e o primo dele não, fala normal.

DOC.: E o pessoal da roça não fala normal, não?

ISABELLE: Fala.

DOC.: E por que você acha que é diferente a fala de um e a fala do outro?

ISABELLE: Porque cada um tem sua língua.

DOC.: Cada um tem sua língua, é? Cada um como? O da roça tem uma e o da cidade tem outra?

ISABELLE: É.

DOC.: Mara, e o que mais você observou de diferente entre Chico Bento e o primo?

MARIA: Que o primo dele mora na cidade grande, o Chico, não. E o Chico Bento fala estranho.

DOC.: Por que estranho, Mara? Por que o povo da roça fala estranho?

MARIA: Porque tem a língua deles.

DOC.: Tem outra língua ou é a mesma?

MARIA: É outra.

DOC.: Mas deu para vocês entenderem ele falando?

MARIA: Deu.

DOC.: E como é que é outra língua e a gente entende?

MARIA: Porque é parecida.

DOC.: É parecida, é?

MARIA: É.

DOC.: Mas como é isso? Será que é outra língua?

MARIA: É outra.

DOC.: E porque a gente entendeu?

MARIA: Não, é outra língua. Porque, sabe, inglês não é nossa mas só que a gente entende.

DOC.: Mas se a gente estudar inglês, né? Essa de Chico Bento, a gente estudou essa outra língua?

MARIA: Não.

DOC.: E por que a gente entende?

MARIA: Não sei.

MENINO: Porque é muito parecida.

DOC.: É.

MARIA: Eu sei sim, sabe por quê? Porque eu já fui pra roça.

DOC.: E é diferente roça da cidade?

MARIA: É diferente.

DOC.: Como é?

MARIA: Eu já vi uma pessoa falando assim.

MENINO: Meu pai tem uma casa na roça.

DOC.: Casa na roça é?

MARIA: Eu já fui na roça, sabe por quê?

MENINO: Eu também já vi uma pessoa da roça.

ISABELLE: Mas eu já fui para roça. E tem um monte de bichinho.

DOC.: É mesmo?

ISABELLE: Oh! Amarante, também...

MENINA: Eu já vi varias pessoas falando assim.

DOC.: E onde é que vocês viram essas pessoas?

ISABELLE : Aqui. Porque às vezes eles moram lá, mas também vem para aqui.

DOC.: Eles fazem o quê essas pessoas que você conhece que fala assim? Quem são eles?

ISABELLE: Não sei.

DOC.: Vocês só acham que tem algumas que falam assim.É isso?

ISABELLE: É.

DOC.: Por que você acha Belle que na cidade fala de um jeito e na roça de outro?

MENINO: Porque cada país tem uma língua.

DOC.: Mas a roça é outro país?

MENINO: Não.

DOC.: Porque será que na roça, mesmo país, fala de um jeito e na cidade do outro?

ALUNO: Não sei.

DOC.: Porque você acha que acontece isso? Qual foi sua hipótese?

ALUNOS: Sei lá.

DOC.: Em?

ALUNOS: Não sei.

MARIA: Porque lá o pessoal da roça tem uma língua que faz a diferença da cidade? Porque lá tem piscina, aí lá pode andar de cavalo livre, pode fazer um monte de coisa. E também aqui na cidade tem uma fala e na roça tem outra. E a Bahia tem uma fala e a roça tem outra?

DOC.: Mas por que que a fala é diferente da roça e da cidade?

MARIA: Não dá para explicar, não sei.

FELIPE: Eu sei

DOC.: Diga, Felipe.

FELIPE: Porque Deus ...mandou essa fala?

DOC.: Eh.

FELIPE: Pra...pra o pessoal da roça e aqui.

DOC.: Ah, é mesmo?

FELIPE: Mandou pra gente, daqui da cidade e o pessoal da roça (ININT).

DOC.: Você acha que é por causa disso...

FELIPE: É.

DOC.: ...que na roça fala de outro jeito? Belle, me diga, Belle, estou curioso. O que você pensa sobre isso?

ISABELLE: Porque...

DOC.: E se você tivesse nascido na roça, você ia falar como?

ISABELLE: Como Chico Bento.

DOC.: Porque?

ISABELLE : Porque eu morava lá.

DOC.: Hã... Por que você tava morando lá? E porque você ia falar lá desse jeito, igual a Chico Bento?

ISABELLE: Porque se minha mãe fosse de lá, e eu morasse aqui, eu ia falar como aqui, e ela ia falar a língua de lá, mas se eu morasse lá eu ia falar a língua de lá e se minha mãe morasse aqui, minha mãe ia falar a língua daqui.

DOC.: E se você morasse em São Paulo?

ISABELLE: Eu ia falar paulista.

DOC.: E como é falar paulista?

ISABELLE: Não sei.

DOC.: É, é diferente de falar igual a Bahia?

ISABELLE: É.

DOC.: Você já conhece alguma pessoa paulista?

MENINO: Eu sei.

DOC.: Como é, você não lembra como elas falam?

MENINO: Ele é paulista, a palavra ele é paulista.

ISABELLE: O negócio do *ocê* é paulista.

DOC.: E eles falam diferente?

ISABELLE: Fala.

MENINO: A palavra ...eu já sei, a palavra "elle" [nome de letra] é paulista.

DOC.: É, né? E por que o cara paulista fala diferente do cara da Bahia?

ISABELLE: Porque...não dá pra dizer.

DOC.: Oxe, Belle, então pensa, porque você acha que seria?

FELIPE: Porque deus mandou, também

DOC.: Certo. Você acha que é por que Deus mandou?

FELIPE: É.

DOC.: O que mais? São Paulo fala de um jeito aqui na Bahia fala de outro...

FELIPE: É...por causa disso...

DOC.: E se você for pra São Paulo, você vai começar a falar igual a paulista?

ISABELLE: Não.

ISABELLE: Se eu for pra China, eu vou ter que falar com ele, se eu não souber, agora se eu não souber eu vou ter que fazer alguma coisa...

DOC.: E se você for pra São Paulo vai falar do seu jeito mesmo, né?

ISABELLE: É porque São Paulo entende... porque é muito junto.

DOC.: Vamos voltar àquela questão: se você fosse muito tempo em São Paulo, você acha que você ia falar mais parecido com um paulista ou mais parecido com um baiano?

ISABELLE: Quando eu voltasse eu ia continuar sabendo muito paulista, mas só que eu continuava falando baiano.

DOC.: É, né? E por que você acha que ia aprender muito paulista se você fosse morar lá?

ISABELLE: Não, eu ia falar com muita gente. Eu ia pro shopping, eu ia fazer um bocado de coisas, e lá todas as pessoas são paulistas, mas só que algumas pessoas são tudo... E quase todas são paulistas, porque moram lá. Aí eu ia ficar sabendo falar com os outros, aí eu ia aprender.

DOC.: Ok então , então me diz uma coisa... Diga, Mara.

MARIA: Se...eu não sei se lá, se ele ficasse lá muito e muito tempo, mas São Paulo...

DOC.: Sim, você ia falar mais parecido com São Paulo, é?

MARIA: É, mas ...

DOC.: E porque você acha que isso ia acontecer?

MARIA: Se eu nascesse aqui, ficasse lá em São Paulo, não, essa coisa de São Paulo, aí tem sua língua, Chico Bento também tem a dele.

DOC.: E se você fosse morar em São Paulo muito tempo, você me disse que ia falar muito parecido com o pessoal de São Paulo, porque você acha que isso ia acontecer?

MARIA: Porque eu ia nascer lá, e ia se acostumar.

DOC.: Ia se acostumar, né? Me diz uma coisa, agora eu tenho uma curiosidade para perguntar a vocês...

ALUNA: Eu ia me acostumar se eu fosse lá, se ela ficar tanto tempo lá conversando com eles, tanto tempo, vai falar Brasil. E daqui a pouco se acostuma, com eles.

DOC.: Hã?

ALUNA: Vai falar tanto Brasil, aí falava “elle” paulista, “eme”. Aí vai se acostumar a falar “elle”, “eme”, essas coisas?

DOC.: Ahn...

ALUNA: Por causa que eu passei uns cinco dias lá...

DOC.: Diga, Belle.

ISABELLE: Se eu for lá em São Paulo e ficar muito tempo, às vezes eu podia, até me atrapalhar e falar um pouco de São Paulo, mas só que a minha língua ainda ia continuar brasileiro.

DOC.: Mas a de São Paulo também não é brasileiro, não?

ISABELLE: É ...é brasileira, mas só que eu to dizendo baiana.

DOC.: Júlio, e você Júlio? Você acha que Chico Bento é muito diferente do primo dele?

JÚLIO: Acho.

DOC.: Que mais que você vê de diferença?

JÚLIO: Todas as diferenças, que Chico Bento está acostumado com as florestas, e o primo dele não.

DOC.: O primo dele, não. Agora eu tenho uma curiosidade para perguntar a vocês. Vocês viram que na hora que Chico Bento tava comprando sapato, o rapaz da loja ofereceu a ele: "Você quer um calçado?" Aí Chico Bento falou assim: "Calçado, o marido da calçada?" Aí o rapaz falou assim: "Não, sapato". Por que o Chico Bento estranhou essa palavra *calçado*?

ISABELLE: Eu sei porque *calçado* é como a gente chama aqui, e lá eles podem .... Aliás a gente também chama *sapato*, agora lá na loja é mais elegante falar *calçado*, mas só que lá eles falam *sapato*. E quando ele entrou na cidade dele, onde ele mora, não existia dinheiro. Então ele, aí ele... chamou o policial e ele não quis mais porque ele não sabia que tinha que pagar tudo no shopping, e ele não tinha dinheiro, ele não sabia.

DOC.: Então você acha que ele não entendeu a palavra *calçado* por quê?

ISABELLE: Não sei, porque ele mora na roça, e ... também se ele mora na roça ele pensou que *calçado* era marido da *calçada*, porque marido é casado com mulher, por isso que ele achou isso.

DOC.: Ok, então você acha que ele não conhecia porque na roça não tinha essa palavra, é?

ISABELLE: É.

DOC.: Agora uma outra curiosidade minha: vocês viram na hora que Chico Bento tava olhando as letras no shopping? Ele estranhou aquelas letras: "Minha

professora parece que não me ensinou direito, que eu não tou conseguindo entender nada".

ISABELLE: Sei.

DOC.: Porque Chico Bento não conseguiu entender?

ISABELLE: Porque ele tinha professora?

DOC.: Tinha, ele chama de *fessora* até.

ISABELLE: Eu acho porque as letras lá podiam ser cursivas, podiam ser aquelas letras que são muito atrapalhadas, que tem aquelas pontinhas embaixo na letra, vários tipos de letra, aí ele podia se confundir.

DOC.: Por isso, né?

ISABELLE: Ele viu vários tipos de letras e a professora não ensinou para ele esse tipo de letra. E aqui a gente aprendeu e para ele a letra normal é bastão.

DOC.: Diga, Felipe.

FELIPE: Porque assim, a letra "D", a letra normal que ele achava era aquela, só que agora ele tava acostumado com a letra bastão porque a professora dele ensinou a letra bastão, porque lá a letra é bastão e aqui é letra cursiva.

DOC.: Vou fazer então mais uma pergunta agora, agora eu quero que todo mundo fala, lembra de uma coisa, então vai ter a vez de um, de um e de outro. O que é que Chico Bento falou que é diferente da forma que a gente fala, quem lembra de alguma frase que ele disse que é diferente da forma que a gente fala? Diga, Belle.

ISABELLE: Ele falou que...

DOC.: Alguma palavra que ele falou que é diferente da gente...

ISABELLE: Ele falou que não tem problema ir na *fonte* do shopping, porque ele falou no *rio*.

DOC.: E a palavra, ele falou de um jeito diferente da gente?

ISABELLE: Falou é... a palavra, ele disse nesse "rio", mas só que na língua dele, né? Nesse rio, que ele pensou que a fonte fosse rio, nesse rio, não tem problema. E o primo dele tava em volta de todo mundo e ele ficou com vergonha, pois todos eram daquele país, não era do país de Chico Bento. E Chico Bento ficava descalço, sem roupa. Chico Bento tirou a roupa e ficava lá.

DOC.: Ok, quem mais? Diga, Júlio. Teve alguma coisa que Chico Bento falou que é diferente do que a gente fala?

JÚLIO: *Inté*.

DOC.: Ele disse o quê?

JÚLIO: *Até*, só que ele disse *inté*.

DOC.: Ele disse *inté*, e é diferente da forma que a gente fala? E por que Chico Bento fala diferente, Júlio?

JÚLIO: Porque ele é da roça.

DOC.: Mara, o que mais Chico Bento falou que é diferente do jeito que a gente fala?

MARIA: Ele falou que não tem problema e que o primo dele já tinha achado.

DOC.: E tem alguma palavra que ele falou que é diferente da forma que a gente fala? Diga, Felipe.

FELIPE: *Shopping*.

DOC.: Sim.

FELIPE: Ele disse a palavra *shopping* errado.

DOC.: Foi diferente?

FELIPE: Ele chamou o *shopping* de *mercado*

DOC.: E o que mais vocês lembram?

ISABELLE: Não sei. Eu lembro que ele falou que "*até* que pode", só que na língua dele "*inté* que pode".

DOC.: Tá, gente, obrigado pela entrevista de vocês, viu.

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 2ª
Intervenção 1: Concepções das crianças sobre a variação diatópica da língua

DOC.: A gente vai, vai ouvir, vai ver um vídeo com uma história que tem uma personagem chamada Chico Bento, né, vocês já conhecem esse personagem?

ALUNOS: Sim, já.

DOC.: Tá bom, conhecem de onde?

ALUNOS: Da Mônica, da revistinha.

DOC.: Da revistinha em quadrinhos, né? O que é que vocês sabem sobre Chico Bento?

ALUNOS: Chico Bento é... um amigo de um macaco.

[Viram a capa do DVD e reconheceram uma história já vista]

DOC.: Antes disso, o que vocês sabem sobre Chico Bento? Renatinha...

ALUNO: O Chico Bento mora na fazenda.

DOC.: Sim.

RENATA: Ele mora na roça. A namorada dele é Rosinha.

DOC.: Sim, a namorada dele é Rosinha. Que mais? Ele mora na roça, que mais vocês sabem sobre ele?

ALUNO: Ele fala estranho, fala engraçado, ele fica, diz as letras...

DOC.: Hã.

ALUNO: Quem faz isso é o Cebolinha.

DOC.: O que que vocês observam de diferente em Chico Bento?

ALUNO: [ININT]

DOC.: Ah, jóia, que mais que alguém sabe dele?

ALUNO: Sei que ele anda de chapéu, sei que anda descalço e com uma camisa amarela e uma calça azul de listrinhas [com ajuda dos colegas].

DOC.: Tá bom, então vou perguntar uma outra coisa agora pra todo mundo ter chance de falar.

ALUNO: Não toma banho.

DOC.: Ele não gosta de tomar banho é?

ALUNOS: Gosta, gosta sim.

ALUNO: É Cascão quem não gosta.

DOC.: Então vamos falar um pouquinho sobre a história, não pode todo mundo falar de vez, senão a gente não entende nada. O DVD que a gente vai passar, a história que a gente vai passar tá dentro deste DVD que tem três histórias, certo? O que eu vou pedir é o seguinte: Quem é que já assistiu este DVD?

[Pede ao grupo de alunos que imagine do que vai tratar a história chamada Chico no Shopping. Os alunos que já assistiram falaram sobre a história, os demais disseram que não tinham assistido, assim levantaram suas hipóteses]

DOC.: Agora, a gente vai assistir, que não é tão grande assim. Depois do vídeo a gente vai precisar conversar mais um pouquinho, tá certo?

TODOS: Tá.

DOC.: Vamos lá.

[Exibição do vídeo.]

DOC.: Quem é que pode me dizer assim, resumir o que é que entendeu da história? Uma pessoa...

[Silêncio]

DOC.: Você [apontando], o que é que você entendeu da história? Resuma pros seus colegas...

ALUNO: Que... o Chico Bento...

ALUNO: Porque...porque ele não conhecia porque ele era da roça e aí ele falou, se atrapalhando em tudo [ININT]. Ele devolveu os sapatos e [ININT].

DOC.: Bruna...

BRUNA: Eh, ele não sabia... o nome das lojas... Ele falou que a professora dele não tinha ensinado.

DOC.: Por que que ele falou isso?

ALUNO: Por causa que tava em inglês.

DOC.: E Chico não sabe inglês. Ok, que mais, você [apontando]...

ALUNO: Ele ficou sentindo medo, tava perdido.

DOC.: Ele pensou que o primo dele tava perdido, mas foi ele que tava. Agora eu queria perguntar uma outra coisa: quem é que aparece nessa história? Cada um vai me dizer e aí eu vou passando, quem aparece? uma pessoa.

ALUNO: Os guardas.

DOC.: Os guardas...

ALUNO: O primo do Chico.

DOC.: O primo do Chico...

ALUNO: O homem da loja.

DOC.: O homem da loja...

ALUNO: Aquele amigo do Chico

[Confusão entre os meninos para explicar que se tratava do primo dele da roça]

ALUNO: Não é o mesmo, não é o mesmo.

DOC.: Ah, o primo da roça. Aquele que tava deitado com ele na roça é o mesmo que tava com ele no shopping?

TODOS: Não.

DOC.: Agora eu tenho uma pergunta pra poder fazer... Essas pessoas que vocês viram no... no vídeo, como é que são essas pessoas? Você [apontando], como são essas pessoas?

ALUNO: O Chico nunca foi num shopping, não sabia subir escada rolante.

[O DOC. repete o que diz os alunos]

DOC.: Agora eu vou fazer uma pergunta, vou fazer uma pergunta pra ver como é que vocês pensam sobre isso, né? Por exemplo, vamos nos concentrar em duas pessoas dessa história: Chico e o primo dele que estava lá no shopping, tá certo? Chico e o primo dele que estava no shopping. Eu queria que... Renata, diga pra mim o que você diz de Chico Bento em relação ao primo dele? Você acha que Chico Bento é muito parecido com o primo, é diferente do primo?

RENATA: É diferente do primo, porque o primo não fala errado, não fala *ocê* [enfaticamente]. O primo dele tem mais consciência dentro do shopping.

DOC.: O primo dele tem mais consciência dentro do shopping? Por que será que o primo dele tem mais consciência dentro do shopping?

ALUNO: Porque ele tá acostumado, porque ele é da cidade.

DOC.: Porque ele já conhece o shopping...

ALUNO: Conhece.

DOC.: Você [apontando], que mais?

ALUNO: Porque o primo do Chico é da cidade e Chico é da roça.

DOC.: Sim, isso faz alguma diferença pra eles?

TODOS: Faz.

DOC.: Que tipo de diferença?

ALUNO: Ele fala errado.

ALUNO: Chico tá acostumado com a natureza, tomar banho de cachoeira.

ALUNO: Ele adora pescar.

DOC.: O jeito que Chico falou no shopping, vocês acham que as pessoas lá no shopping estranham... o jeito que ele fala, estranharam ou não estranharam?

ALUNO: Sim, estranharam.

DOC.: Como assim, me digam aí sobre isso...

ALUNO: Chico [ININT]...

DOC.: E lá na hora que Chico tá na rede, deitado debaixo da árvore no final, falando com o primo dele, com o outro primo, será que alguém estranhou o jeito que ele fala?

TODOS: Não.

DOC.: Por quê?

ALUNO: Porque lá é a roça e lá aprenderam a falar do mesmo jeito.

DOC.: Como é?

ALUNO: Lá eles aprendem a falar do mesmo jeito.

DOC.: Aí o outro não estranhou, o outro primo não estranhou...

ALUNO: Claro, que o outro é da roça, primo entende o que o outro fala.

DOC.: Tem mais alguma diferença entre Chico e o rapazinho lá da cidade?

ALUNO: Tem, a roupa.

DOC.: Agora vamos pensar o seguinte: se o coleguinha de Chico fosse lá pra roça, ele ia estranhar alguma coisa?

ALUNO: Ia.

ALUNO: Não ia.

[A sala se divide.]

DOC.: Não ia estranhar nada? O que é que você [apontando] acha que o rapaz da cidade ia estranhar se fosse pra roça?

ALUNO: É porque ele... não ia assistir televisão, computador...

DOC.: Porque na roça não tem... Alguém da roça será que ia estranhar esse menino chegando lá na roça? Estranhar alguma coisa nele? O que seria diferente pra eles na roça?

ALUNO: A roupa.

DOC.: O tipo de roupa...

ALUNO: Os sapatos.

DOC.: Os sapatos, porque lá na roça Chico não usa...

ALUNO: O jeito dele falar porque Chico já se acostumou com a roça, já começou a falar, eh, [ININT] assim,

ALUNO: Com um sotaque diferente.

ALUNO: Da cidade, não, da cidade fala assim, melhor, o da cidade fala como a gente.

DOC.: E você acha que lá na roça o menino também alguém ia estranhar o jeito dele? Vocês acham que é muito diferente a forma que fala na roça e a forma que fala na cidade?

ALUNO: Eu acho, sim.

TODOS: Sim.

DOC.: Qual seria a diferença que vocês acham que tem?

ALUNO: *Ocê* é *você*.

DOC.: A gente fala *você* aqui. Será que a gente fala *você* mesmo? Todo mundo fala *você*?

ALUNO: Eu.

ALUNO: Na roça fala *tu*.

DOC.: Na roça fala *tu*. É só na roça que fala *tu*?

ALUNO: Não.

DOC.: Vocês conhecem alguém de outro lugar que fala *tu* também? Que não seja da roça?

ALUNO: Eu.

DOC.: Quem você conhece?

ALUNO: É Isabela da 5ª série, ela fala *ocê*, mas é que ela não é de onde Chico é...

DOC.: Ela não é da roça...

ALUNO: Não.

ALUNO: Aquele menino da 1ª série, porque ele é da Espanha.

DOC.: Ah, e ele fala diferente...

ALUNO: É.

DOC.: Por que ele é da Espanha e a Espanha é outro país, né?

ALUNO: Eu tinha uma colega que ela era do Rio de Janeiro...

DOC.: E o que acontece com ela?

ALUNO: Ela tinha uma, um sotaque diferente.

DOC.: E por que será que a colega sua do Rio de Janeiro tinha o sotaque diferente?

ALUNO: Porque ela é do Rio de Janeiro.

DOC.: E porque isso acontece, na Bahia fala de um jeito e no Rio é de outro?

ALUNO: Porque são pessoas que vivem num lugar diferente, são pessoas que vem de um outro país, de outra cidade...

DOC.: Por que será que uma cidade fala diferente de outra cidade?

ALUNO: Porque é geração diferente...

DOC.: Geração diferente? Por que é diferente de uma cidade para outra?

ALUNO: Porque uma é antiga e outra é nova.

DOC.: Uma é antiga, outra é nova?

ALUNO: Cada cidade tem um jeito de falar.

DOC.: Cada cidade tem um jeito de falar...Mas porque será que isso acontece?

ALUNO: Ah, [ININT] porque aprende costumes diferentes...

DOC.: Aprende costumes diferentes...Hum!

[O DOC. Agradece a turma e se despede.]

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: Grupo 6 – Educação Infantil
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Entrevista com a aluna Alice, do grupo 6, do Colégio Villa Lobos. Tá indo pra primeira série, né Alice? Você tem quantos anos, Alice?

ALICE: 6... 7.

DOC.: 7 anos, né isso?

ALICE: É.

DOC.: Tá terminando a alfabetização, e tá indo pra primeira série, né isso?

ALICE: É.

DOC.: Alice, deixa eu te explicar, é... as pessoas, quando crescem, que vão trabalhar, elas trabalham com o quê?

ALICE: Professor.

DOC.: Pode ser professor, o quê mais?

ALICE: Fala aí de novo.

DOC.: O quê mais, as pessoas fazem quando elas crescem? Pode ser professor,...

ALICE: Médica.

DOC.: Médica.

ALICE: Diretor.

DOC.: Diretor, o que mais?

ALICE: É...

DOC.: Dentista.

ALICE: Dentista.

DOC.: Advogado, não pode?

ALICE: Advogado?

DOC.: Não conhece advogado, não?

ALICE: Conheço.

DOC.: Então, pode ser empregada doméstica, não pode?

ALICE: Pode ser.

DOC.: Pode ser babá, não pode?

ALICE: Pode ser mãe.

DOC.: Pode ser mãe, exatamente! Então deixa eu te explicar, o que que acontece: eu gravei umas entrevistas, com algumas pessoas... A primeira pessoa que você vai ouvir, Alice, eu quero que você me diga se você acha que ela é uma juíza, você conhece uma juíza? Já ouviu falar em juíza? Então, eu quero que você pense e diga se você acha que ela é uma juíza, ou uma faxineira, tá bom? Vamos ouvir a primeira pessoa. Eu estou perguntando a Alice se essa pessoa é empregada doméstica ou é... uma médica, tá certo?

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, Alice, você acha que é uma empregada doméstica, ou é uma médica?

ALICE: Uma médica.

DOC.: Por que você acha que é uma médica?

ALICE: Porque... sei lá! Eu acho que é uma médica.

DOC.: Achou uma voz de médica, foi?

ALICE: É.

DOC.: E a voz de médica é diferente da voz de empregada, é?

ALICE: É.

DOC.: Hã.

ALICE: É.

DOC.: Como é diferente?

ALICE: Falando.

DOC.: Falando, é?

ALICE: É.

DOC.: Hã. Vamos ver a próxima, então.
Eu estou perguntando se ela é uma dentista, ou a moça que varre a rua.

Você acha que ela é o que, a dentista, ou a moça que varre a rua?

ALICE: A moça que varre a rua.

DOC.: Por que é a moça que varre rua?

ALICE: Porque... ela falou que ia de casa em casa, aí eu achei que é a moça que varre a rua.

DOC.: Por que ela falou que ia de casa em casa, você achou que ela é a moça que varre a rua, é? Agora eu vou te mostrar a última, tá? Pra você ver. Você acha, que essa aí é uma entrevista que eu fiz com uma empregada doméstica, ou se é uma entrevista que eu fiz, com uma médica, tá bom? Se é uma médica, ou se é uma empregada doméstica.

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, você acha que ela faz o que, Alice?

ALICE: Empregada doméstica.

DOC.: Por quê você acha que é uma empregada doméstica?

ALICE: Porque aí ela falou sobre amarelinha.

DOC.: Ãh? Por que ela falou sobre amarelinha, foi? Ela parece com uma médica ou com uma empregada?

ALICE: Com uma empregada.

DOC.: Com uma empregada, é?

ALICE: É.

DOC.: Então tá bom, Alice, muito obrigado!
Essa terceira pessoa que eu passei pra ela ouvir foi a entrevista, com Alice, eu gravei a primeira entrevista com a menina da casa de Sarah [empregada doméstica], e a segunda foi com Joana [dentista], e a terceira foi com Liliane [empregada doméstica].

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: Grupo 6 – Educação Infantil
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Eloísa, quantos anos, Elô?

ELOÍSA: 6.

DOC.: 6 anos.

CECY: 7.

DOC.: Cecy, 7 anos.

FELIPE: 7.

DOC.: 7 anos, Felipe. E?

JOÃO: 6.

DOC.: E seu nome, é?

TODOS: João.

DOC.: João, é? Tá bom, João.

FELIPE: 10, né, João? [O aluno brinca com a idade do colega.]

DOC.: 7 anos, 6 ou 7, João?

JOÃO: 6.

DOC.: 6 anos. Bem, deixa eu contar pra vocês, agora. Oh, vocês vão ouvir uma fita, e vocês vão me ajudar a tentar ver quem são essas pessoas que estão falando. Só que a gente não pode falar dois de vez, porque se não, na hora que tio Amarante for transcrever pro papel, a fita, ele não vai entender nada. Então, cada um tem que falar, bem cada um na sua vez, né, João? Agora, a fita é a seguinte: Eu gravei cinco pessoas falando, só que eu não sei o que que essas pessoas fazem, vocês vão me ajudar.
Vocês sabem, o quê que as pessoas fazem? Oh, por exemplo: Eu sou o diretor dessa escola, Deane é coordenadora, Maíza é professora. O que mais que as pessoas podem fazer, na vida delas, quando crescem?

ALUNA: Sei lá! Trabalhar.

DOC.: Trabalhar, com quê?

ALUNA: Com pessoas.

DOC.: Sim, mas elas fazem o quê?

FELIPE:: Biologia.

DOC.: Biologia.

ALUNA: É, ela trabalha como professor, diretor...

DOC.: Como professor, como diretor de escola...

ALUNA: Coordenador.

DOC.: O que mais?

ALUNA: Sei lá!

DOC.: Só isso que as pessoas fazem?

ALUNA: Médico.

DOC.: Médico, o que mais?

ALUNA: Agente de viagem.

OUTRA: Diretor, dentista...

DOC.: Dentista.

ALUNA: Professor de natação.

OUTRA: Professor de ballet.

DOC.: Só isso que as pessoas fazem?

ALUNO: Não.

DOC.: O que mais?

ALUNA: Médico de bicho.

DOC.: Médico de bicho, o que mais?

ALUNA: Veterinário.

OUTRA: Médico.

OUTRA: Dentista.

DOC.: Só isso, mais nada?

ALUNA: M & M's. Médico de M & M's. [Brincando]

DOC.: É?

TODOS: Risadas.

DOC.: Que mais?

ALUNO: A moça que trabalha fazendo chocolate.

DOC.: Tem alguém que trabalha no jardim?

TODOS: Tem!

ALUNA: Jardineiro.

DOC.: Jardineiro, o que mais?

ALUNA: Carpinteiro.

DOC.: Carpinteiro, que mais?

ALUNA: Sim, é... pessoas!

DOC.: Hã? Dentro da casa da gente, tem alguém que trabalha?

TODOS: Tem.

ALUNO: Faxineiro.

ALUNA: Empregada.

DOC.: A pessoa que faz a faxina.

ALUNA: Empregado, faxineiro, blá, blá, blá.

DOC.: A empregada, a babá, certo? Tem um bucado de profissões. No shopping, tem alguém que trabalha?

ALUNA: Tem.

DOC.: Faz o que no shopping?

ALUNA: Dono de loja.

DOC.: Dono de loja.

ALUNA: Tem gente, que a gente viaja, que a minha mãe...

DOC.: Tem vendedor de loja, também, né?

ALUNA: É. Diretor de faculdade...

DOC.: Diretor de faculdade.

ALUNA: Quem trabalha em padaria.

DOC.: Exatamente! Então, oh, o trabalho que eu vou dar pra vocês vai exigir de vocês muita atenção.

ALUNA: E professor.

DOC.: E professor. ...vai exigir muita atenção, eu gravei cinco pessoas falando, e eu queria que vocês ouvissem, e dissessem: "eu acho que essa pessoa, faz não sei o que, eu acho que ela é... médica!". Aí eu vou perguntar por que, que vocês vão dizer, que vocês acham que ela é médica. Só que elas estão falando sobre uma brincadeira de amarelinha. Só que vocês vão precisar tentar descobrir, se vocês sabem o que elas fazem, se ela é médica, se ela é empregada, ou se ela vende na loja, ou se ela é...

ALUNA: Só que já é adulto?

DOC.: Já é adulto. Vocês vão tentar descobrir o que que elas fazem. Silêncio, pra ouvir a primeira pessoa:

CECY: Eu não entendi.

DOC.: Você vai ouvir as pessoas falando, viu, Ceci? E você vai tentar imaginar o que você acha que essas pessoas fazem. Se ela é empregada, ou se ela é uma professora, ou se ela é uma dentista... Não é cantando não, é falando.

CECY: Vamos ver, então.

DOC.: Vamos ver? O que vocês acham, que essas fazem? Só um minutinho, primeira pessoa.

[AUDIÇÃO]

ALUNA: Professora.

DOC.: Vocês acham que é uma professora, por quê?

ALUNA: Eu acho, que é uma...

OUTRA: Professora, por causa que...

OUTRA: Não, deixe eu falar.

ALUNO: Diretora.

DOC.: Um de cada vez!

ALUNA: Professora, por causa que tava brincando de amarelinha.

DOC.: Mas será, que todo mundo...

ALUNA: Não, diverte criança...

DOC.: Você acha que é só...

ALUNA: Por causa que professora, é... ela é professora, pois ela brinca com as crianças no parquinho, e também é muito... eu acho que é pessoa que brinca com criança.

DOC.: Você acha que é uma pessoa que brinca com criança?

ALUNA: Ou é uma professora, ou é uma babá.

OUTRA: Tanto que tá brincando de amarelinha.

DOC.: Se falar dois de vez, o tio Amarante não consegue transcrever.

ALUNA: Ou é uma babá, ou é uma professora.

DOC.: Você acha que pode ser uma babá, ou uma professora?

ALUNA: Eu acho que... a gente... eu tenho certeza, que é gente que cuida de criança, por causa que está brincando de amarelinha. É babá...

DOC.: Mas todas vão estar falando de amarelinha, todas as pessoas que eu entrevistei pedi pra falar de amarelinha.

ALUNA: É, mas também, parece que é babá.

DOC.: É?

ALUNA: Parece que é...

DOC.: É uma babá, ou é uma professora, vocês acham?

ALUNAS: Babá. É babá.

ALUNA: Porque, também brinca com as... a babá brinca com as crianças.

CECY: Não, é a professora!

DOC.: Por que, Cecy?

CECY: Por causa que tá falando de números.

DOC.: Ela falou dos números, foi?

CECY: É, tá brincando, e ao mesmo tempo tá... ensinando.

DOC.: Tá bom, vamos ver então. Vamos ver o próximo, tá bom? Quem que vocês acham que é essa pessoa? Que que vocês acham que essa pessoa faz?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Essa faz o quê?

FELIPE: Posso falar primeiro?

DOC.: Felipe, primeiro, vá!

FELIPE: É... eu acho que é uma mãe.

CECY: É mãe!

ELOÍSA: É mãe!

DOC.: É mãe?

ALUNA: Por causa que ela fala assim: "primeiro, fala meu filho, né?" Depois, fala tudo que ele faz. Ela que vai pra escola, fala que brinca na escola, que brinca de amarelinha.

OUTRA: É. Eu achava que era uma mãe, mesmo. Por causa que ele já falou, a gente ouviu e achou que era uma mãe, porque parece com uma mãe, mesmo. Eu acho que é, eu tenho absoluta certeza.

DOC.: É mãe, ela não faz nada na vida? Ou é só mãe?

ALUNA: Como também tem o trabalho, né? Que a gente precisa de ganhar.

DOC.: E ela, é só mãe? Ou ela faz alguma coisa, será?

ALUNO: Faz.

ALUNA: Não ela... ela também brinca com o filho, deve ser.

DOC.: Tá bom!

ALUNA: Que ele... ele desenha, e ela fica brincando com ele.

DOC.: Então vamos ouvir a terceira pessoa agora, tá bom?

ALUNO: Onde que eu coloco isso? [Pergunta sobre um livro que estava na sua mão]

[AUDIÇÃO]

DOC.: Que que vocês acham que essa pessoa faz?

ALUNA: Acho que é impossível descobrir.

DOC.: Por quê?

ALUNA: Acho que esse [ININT] é amarelinha.

OUTRA: Que a amiga dela preferida...

ALUNA: Eu acho que eu não me meto.

DOC.: Sim, tudo bem, mas ela faz o quE na vida?

ALUNA: É... brinca com as crianças, meu filho. Só se for uma auxiliar pra brincar, então.

DOC.: Vocês não sentem nada, assim de...

ALUNA: [ININT] sei lá.

DOC.: Agora, a gente tem que... tem que se apoiar em alguma coisa, né? Pra poder tentar ver.

ALUNA: Eu acho que ela é dona de um orfanato, por causa que ela brinca com as crianças.

DOC.: É?

ALUNA: Mas outros professores também brincam, qualquer professora brinca. Quando a gente dá cambalhota no chão...

DOC.: Então, tá bom. Posso passar pra próxima?

TODOS: Pode.

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, gente, que é que essa pessoa faz?

ALUNA: É uma professora.

ALUNO: É uma auxiliar, explicando como brincar de amarelinha.

ALUNA: É uma professora.

DOC.: É uma auxiliar, como? Auxiliar de sala de aula?

ALUNO: Eu...

ALUNA: É auxiliar de aula.

OUTRA: Eu acho que é uma professora de educação física, por causa que estava explicando uma brincadeira.

DOC.: Hã?

ALUNA: Eu acho...

OUTRA: E também o professor e a professora de educação física ensina muitas brincadeiras.

ALUNA: Eu acho que é professor, também.

DOC.: Então, vamos ouvir o próximo.

ALUNA: Posso apertar?

DOC.: Pode.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Essa aí, agora faz o quê?

ALUNA: Ela é... não sei.

ALUNO: Eu acho que é uma professora.

ELOÍSA: Eu acho...

DOC.: Fala, Elô.

ELOÍSA: Eu acho que é uma professora de música e de brincadeira.

ALUNA: Eu também.

DOC.: Só porquE ela cantou?

ALUNA: Porque ela brincou, sei lá!

DOC.: Tá bom, então.

ALUNA: É seu quarto.

DOC.: Então pronto gente, agora a gente terminou.

ALUNA: Então, eu posso apertar?

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: Grupo 6 – Educação Infantil
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua (Re-entrevista)

DOC.: Re-entrevista com os alunos da educação infantil, da professora Maíza.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Vocês acham que é uma babá, por quê?

ALUNA: Por causa que ela falou: "os meninos brigavam", e eu e meus amigos também brigam. Assim, e também: "a gente corre", e eu também... acho que é babá.

DOC: É.

ALUNA: Sabe porque eu acho que é babá, por causa que ela falou sobre os meninos. E como eu ... a de lá de casa também briga.

ALUNA: Eu acho que é uma auxiliar.

DOC: Auxiliar, por quê?

ALUNA: Do jeito que ela falou, assim. E auxiliar é a mesma coisa que babá.

DOC: Por quê?

CECI: Porque tem os meninos que ficam brigando, e até o jeito de falar.

DOC: Como assim, Ceci?

HELOÍSA: Por exemplo: as pessoas falam: "os meninos", e a babá fala: "os menino".

DOC: Fala assim, é? E quem fala assim não é normal, não é?

ALUNA: Não, parece babá, porque as babás falam: " os menino", "as menina", tudo assim.

DOC: Hã.

HELOÍSA: A gente fala: 'os meninos' e as babás falam: 'os menino' e, não parece normal, parece de outra cidade, parece outro sotaque, para outra pessoa, uma babá mesmo.

CECI: É um pouco diferente.

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: Grupo 6 – Educação Infantil
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Entrevista com Luka, aluno do grupo 6, da professora Maíza, do Colégio Villa Lobos. Você tem quantos anos, Luka?

LUKA: 6.

DOC.: 6 anos, né?

DOC.: Luka, deixe eu te explicar, a gente tá fazendo um trabalho e você vai ouvir umas pessoas falando no gravador, tá certo? São umas mulheres que tão falando, e todas elas estão falando da mesma coisa, tá bom?

LUKA: Tá.

DOC.: Elas estão falando de uma brincadeira de amarelinha, sabe aquela brincadeira? Todas elas estão falando dessa brincadeira, e elas são grandes, adultas e elas trabalham com coisas diferentes.Tem uma delas que é empregada, uma dentista, outra que é uma vendedora de uma loja no shopping, outra que é medica. E eu quero que você me ajude a descobrir quem é que é medica e quem é que é empregada, tá bom?

LUKA: Tá.

DOC.: Eu vou passar um pedacinho da fita e você vai ouvindo.Você vai me dizer se ela é uma empregada ou é uma medica.

[AUDIÇÃO]

LUKA: Médica.

DOC.: Por que uma médica?

LUKA: Porque ela disse que ficou o dia inteiro.

DOC.: E médico fica o dia inteiro?

LUKA: É. É no trabalho.Tá certo?

DOC.: Eu acho que tá. Agora eu queria saber de Luka se essa aqui é uma dentista ou faxineira?

[AUDIÇÃO]

LUKA: Faxineira.

DOC.: Por que você acha que ela é uma faxineira?

LUKA: Não sei.

DOC.: Hein?

LUKA: Eu chutei.

DOC.: Por que você acha que a faxineira é?

LUKA: Eu chutei.

DOC.: Você chutou, foi?

LUKA: Mas é certo?

[O aluno se desconcentra e fica brincando com as coisas na mesa. Durante a entrevista teve pouca atenção ao que estava fazendo.]

DOC.: Vamos pensar, vamos direito...

LUKA: Mas era certo?

DOC.: Vamos ver se você presta atenção...

LUKA: Faxineira.

DOC.: Faxineira, Luka? Por que a faxineira é essa? Hein?

LUKA: Porque ela disse que é melhor.

DOC.: Ãh, diz o quê?

DOC.: Luka, assim você vai cair.

LUKA: Assim tá melhor.

DOC.: Vamos ver agora ...

LUKA: Era faxineira?

DOC.: Era faxineira?

LUKA: Era.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Você acha que ela é uma empregada doméstica ou ela é uma médica? Presta atenção.

LUKA: Eu já sei o que é, é uma medica. Médica.

DOC.: Presta atenção

LUKA: Médica...

DOC.: Hein, Luka?

DOC.: Ele disse que não sabe porque essa aí é uma medica (entrevista numero 3).

LUKA: Ali ô ô [brincando com o gravador].

DOC.: Na verdade foi a entrevista com a empregada. [Comenta após a saída do aluno]

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 1ª série
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Gravação com os alunos da 1º série, do colégio Villa Lobos, da professora Kátia.
Milena tem quantos anos, Milena?

MILENA: 8 anos.

DOC.: 8 anos... Felipe, quantos anos?

FELIPE: 7.

DOC.: 7 anos. Júlio?

JÚLIO: 7.

DOC.: 7 anos, estão terminando a 1ª série, né isso?

ALUNO: Eu ainda vou demorar pra fazer 8.

ALUNO: Eu já fiz, em 4 de Setembro.

DOC.: Jóia. Deixa eu explicar pra vocês, a gente vai falar um pouco...a gente vai ouvir uma fita, com algumas pessoas falando, cada uma separada da outra. E eu queria... essas pessoas são pessoas que trabalham. Eu queria saber, assim, vocês acham que as pessoas quando crescem, elas trabalham com o quê? Elas podem fazer o quê, quando crescem?

ALUNA: Trabalhar.

ALUNO: Professor.

DOC.: Pode ser professor, o quê mais?

ALUNO: Dentista.

ALUNA: Advogada.

DOC.: Pode ser advogado, pode ser dentista...

ALUNO: Veterinário.

DOC.: Veterinário...

ALUNO: Médico.

DOC.: Veterinário, médico, o quê mais?

ALUNO: Empregada.

DOC.: Hã?

ALUNO: Secretário.

DOC.: Secretário, o quê mais pode ser?

ALUNO: Empresários.

DOC.: Empresários, o quê mais?

ALUNO: Banquista.

DOC.: Banquista? É bancário que chama?

ALUNO: É.

DOC.: O quê mais? Só isso? E quem varre a casa?

ALUNA: Empregada.

DOC.: Empregada doméstica... o quê mais? Quem trabalha na loja do shopping?

ALUNO: Lojeiro.

DOC.: Lojeiro?

ALUNA: Vendedora.

DOC.: Vendedora... né, no shopping? Então tá bom, deixe eu explicar o que que acontece. Deixa eu explicar, Felipe. Você tem, a gente tem... eu gravei umas cinco mulheres falando, e todas elas estão falando sobre a mesma coisa. Que é a brincadeira, assim oh [imita a brincadeira da amarelinha]. Que brincadeira é essa?

ALUNA: Amarelinha.

DOC.: É amarelinha. Então, essas cinco pessoas, que eu acho que gravei, são cinco mulheres, todas estão falando sobre amarelinha, só que eu quero que vocês ouçam a fita, e tentem ver o que que vocês acham que elas fazem. Quem é que vocês acham que é uma empregada, quem é que vocês acham que é uma dentista, uma advogada, uma médica, quem é que vocês acham que varre o shopping, quem é que vocês acham que vende no shopping, tá certo?

ALUNO: Vende o shopping?

DOC.: Que é vendedora no shopping, né? E aí vocês vão ouvir essas pessoas, tá bom?
A entrevista nº 1, que eu pedi aos meninos da primeira série, é pra me dizerem, se essa pessoa que eles vão ouvir é uma faxineira, ou é uma médica. Tá bom, vamos ouvir, então?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Vocês acham que essa é o quê?

FELIPE: Empregada.

DOC.: Por que, Felipe?

FELIPE: Porque empregada, joga amarelinha...

ALUNO: Porque empregada pode até jogar, e médico não pode, ele tem que fazer experiências com as pessoas.

DOC.: Hã.

ALUNO: Ele não brinca.

DOC.: É, né?

ALUNA: E a empregada, uma babá que cuida de crianças, ela pode até brincar de amarelinha.

DOC.: É? Então vamos ver a próxima? A próxima, é a entrevista nº 2, eu quero que vocês me digam de novo, se essa pessoa que vocês vão ouvir agora, se ela é uma juíza. Tá certo? Se vocês acham que ela é uma empregada, ou juíza. Vamos ver?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Vamos lá! Um de cada vez, Felipe!

FELIPE: Por causa que ela diz que lava roupa, depois o menino vai pra escola.

DOC.: Hã. Júlio acha que é o quê?

JÚLIO: Era a mesma coisa, que eu ia falar.

DOC.: Mesma coisa, que ela é empregada?

JÚLIO: Ahn, hã.

DOC.: Por que você acha, Júlio?

JÚLIO: A mesma coisa...

DOC.: A mesma coisa que ele falou, né? E Milena?

MILENA: Eu acho, porque ela falou que lavava roupa, e que ela é empregada, e empregada faz essas coisas mesmo.

ALUNO: E também leva o menino pra escola.

ALUNO: Êta! Eu nunca vi empregada levar menino pra escola.

DOC.: Tá bom, então vamos ouvir a próxima?

ALUNO: Vamos!

DOC.: A próxima, eu quero que vocês me digam, se vocês acham que ela é empregada, ou se ela é uma dentista, tá bom? Vamos ouvir.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Vocês acham que ela é o quê?

TODOS: Empregada.

DOC.: Por que?

ALUNO: Porque ela tá falando dos tempos dela, como era antes, e também ela só...

DOC.: Você acha que ela é empregada, também? Por quê?

JULIO: Porque também, ela tá falando como é que ela vivia, depois só.

DOC.: Hã. Mile, acha que é empregada?

MILENA: Acho, porque ela tava falando como era a infância dela, e nos tempos de hoje ela virou uma empregada.

DOC.: Ela falou isso?

MILENA: Eu entendi isso.

DOC.: Então, vou voltar de novo. O quê que ela fala? Presta atenção!

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, parece...

ALUNO: Por causa que ela falou, que na infância, ela desenhava amarelinha...

DOC.: E uma dentista na infância, não brincou também, não?

ALUNA: Brincou.

ALUNO: Dentista.

ALUNA: Dentista, quando era na infância, poderia brincar.

ALUNO: É dentista.

DOC.: E aí, é uma empregada, ou uma dentista?

FELIPE: Dentista.

DOC.: Por que, Felipe?

FELIPE: Porque na infância dela, as duas brincavam.

MILENA: Então, significa que você acha, que uma é empregada, e outra é dentista.

DOC.: Hã. Pode ser as duas coisas, né?

ALUNO: Pode.

DOC.: Tá bom, vamos ver a próxima, então?

TODOS: Bora!

DOC.: A próxima, eu quero que vocês me digam, se essa menina que tá falando aí, é a menina que trabalha na loja do shopping, ou se é a menina que limpa o shopping, tá bom? Vamos ver.

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, essa aí, vocês acham que é a que vende na loja do shopping, ou a que limpa o shopping?

MILENA: A que limpa.

DOC.: Por que, Milena?

MILENA: Porque... é porque quando ela.. ela falou interior, e tem gente que sempre é do interior.

DOC.: Gente que limpa o chão é que é do interior, é?

MILENA: É do interior. Eu ouvi isso.

DOC.: E eu vim do interior, também, mas não limpo o chão, não. [Risadas]

MILENA: Porque você trabalha na escola.

DOC.: Felipe, você acha que é o quê, a menina que trabalha no shopping, ou a que limpa, varre o chão...

FELIPE: Ainda não decidi.

DOC.: Não decidiu, não é? Não deu pra perceber, não? Você não desconfia não, né? Julio?

JULIO: Eu ainda não consegui.

DOC.: Não, né? Vamos lá, pra próxima?

MILENA: Vamos!

DOC.: A próxima, eu quero que vocês me digam, se vocês acham, se ela é a dona do apartamento, ou se ela é a menina que limpa o apartamento, tá bom? Vamos ver!

[AUDIÇÃO]

DOC.: Vocês acham que essa menina... Milena, é a menina que limpa o apartamento, ou é a dona do apartamento?

MILENA: Ainda não decidi, porque pode ser a dona do apartamento, e pode ser a que limpa, eu não decidi.

DOC.: Não, né? Felipe?

FELIPE: Por causa que ela limpava o chão.

DOC.: Hã.

FELIPE: E contava de um até dez.

DOC.: Hã.

FELIPE: E ia pulando de saci-pererê.

DOC.: É, né? E você Julio, acha que é o quê?

JULIO: Ainda não decidi.

DOC.: Não, né? Milena?

MILENA: Eu achei que é a que limpa o apartamento.

DOC.: Por que, Milena?

MILENA: Porque, tá dizendo que ela limpa o chão, e quando ela brinca, ela sempre... a mesma coisa que Felipe disse.

DOC.: Hã, então tá bom. A mesma coisa que Felipe disse? Então, tá bom, vamos ver a última? A última agora, eu quero que vocês prestem bastante atenção, e vocês me digam se ela é uma médica, ou se ela é uma faxineira, tá bom? Vamos ver!

[AUDIÇÃO]

ALUNO: Você já fez esse.

DOC.: Mas agora é outra pessoa falando.

ALUNO: Faxineira.

DOC.: E aí, por que, Felipe?

FELIPE: Por causa que ela brincava de amarelinha, mas a médica também pode brincar de amarelinha.

DOC.: E por que você acha que ela era a faxineira, Júlio?

JULIO: É porque toda faxineira... ela tava falando, que ela saía com as crianças pra brincar de amarelinha, com elas.

DOC.: Hã.

JULIO: E tinha uma menina, que só brigava toda hora.

DOC.: Hã. E Mile?

MILENA: A mesma coisa que Júlio.

DOC.: Ela poderia ser uma médica, também?

ALUNO: Poderia, por causa que ela também brincava de amarelinha, nos tempos dela.

DOC.: Vamos ouvir de novo, pra ver? Presta atenção, pra você ver, só essa.

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, parece uma médica, ou uma empregada?

ALUNO: Empregada.

DOC.: Por quê?

ALUNO: Por causa que ela brincava de amarelinha.

MILENA: Faxineira.

ALUNO: Faxineira, porque quando ela brincava de amarelinha no tempo dela, tinha uma menina que brigava.

DOC.: Hã.

ALUNO: Só.

DOC.: Ok, Júlio?

JULIO: Também.

DOC.: Mudou de opinião?

JULIO: Não, a mesma coisa que eu falei.

DOC.: Então tá bom. Obrigado, meninos!

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 1ª série
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

[O DOC. pergunta os nomes e explica sobre o que vão fazer, sobre a audição e a identificação das profissões]

FÁBIO: Fábio.

DOC.: Fábio.

ISABELLE: Isabelle.

DOC.: Isabelle.

JAIRO: Jairo.

DOC.: Jairo.

MARIA: Maria.

DOC.: Maria.

DOC.: As idades. Maria tem quantos anos?

MARIA: 7.

JAIRO: 8.

ISABELLE: 7.

FÁBIO: 8.

DOC.: Então vamos lá, ouvir a fita da primeira pessoa.

[AUDIÇÃO]

DOC.: O que que essa primeira pessoa faz?

TODOS: Professora.

DOC.: Por que, Jairo, professora?

JAIRO: Porque a voz que estava explicando, é uma professora.

[Os alunos todos concordam]

DOC.: Mas todas vão tá explicando como é brincar de amarelinha.

JAIRO: Mas ela está explicando para os alunos.

DOC.: Certo. Todo mundo acha isso? Que é uma professora?

[Os alunos respondem afirmativamente]

DOC.: Então, vamos para a segunda.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Essa faz o quê?

ISABELLI: Eu acho que ela é dentista.

DOC.: É?

JAIRO: Eu acho que ela é aluna.

DOC.: Por que aluna, Jairo?

JAIRO: Porque ela falou que ia pro colégio.

DOC.: É, mas ela tá contando como era, quando ela era pequena. Hoje ela é o quê?

ISABELLE: Eu acho que ela é dentista.

MARIA: Professora.

DOC.: Dentista, Belle, por quê?

ISABELLE: A voz assim...

DOC.: Mas tem uma voz que é de dentista, e outra que não é de dentista?

ISABELLE: É porque, tem dentista que fala igualzinho ao jeito dela.

DOC.: É?

JAIRO: A voz do dentista, não tem nada a ver.

ALUNA: Porque dentista fala tudo certinho. Por causa que... entendeu?

DOC.: Hã... e ela fala tudo certinho, é?

ISABELLE: Eu achei.

JAIRO: Ela falou que... [ININT]

ISABELLE: Eu acho que é professora de novo, porque tem a mesma voz.

DOC.: É? Então vamos ver o próximo.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Ela faz o quê?

ISABELLE: Babá.

DOC.: É Belle, por que babá?

ISABELLE: Não sei.

DOC.: Só adivinha, então?

JAIRO: Eu acho que ela é mãe.

DOC.: Por que que é mãe?

JAIRO: Porque ela tava falando com o filho.

DOC.: Ela tava falando aqui com o filho, foi?

ISABELLE: Não, ela tava falando, como ela brincava, quando era criança.

JAIRO: É, mas eu acho que ela é mãe.

DOC.: Você acha que ela era mãe. Fábio, acha que é o quê, ela?

FÁBIO: Voz mais de mãe, só fazia: "he, he, he". Voz de mãe.

DOC.: Hã? E Maria, acha que é o quê?

MARIA: Mãe.

DOC.: Mãe também? Uma mãe que não faz nada, só é mãe?

ISABELLE: Não, uma mãe que tá explicando pro filho o que é...

JAIRO: Não, ela tava falando com ela mesma, naquela hora.

DOC.: Hã? Tá bom, então. Vamos ver a próxima?

[AUDIÇÃO]

TODOS: Babá.

DOC.: Espera aí, eu vou parar. Fábio, você acha que é o quê?

FÁBIO: Babá.

DOC.: Por que você acha que é uma babá?

FÁBIO: Por causa da voz.

DOC.: Como é a voz?

FÁBIO: Tem vez que ela erra as palavras.

DOC.: Tem vez o quê?

FÁBIO: Que ela erra as palavras.

DOC.: Hã, aí você acha que é uma babá? Bele?

ISABELLE: Eu acho que ela é uma mãe.

DOC.: Uma mãe?

ISABELLE: É.

DOC.: Por que que é uma mãe?

ISABELLE: Sei lá.

JAIRO: Eu acho que ela é uma cantora.

DOC.: Por que você acha que ela é cantora, Maria?

MARIA: Eu acho que ela é uma babá, por causa que eu conheço uma babá que já foi minha amiga, ela se chamava Juci, e tinha essa mesma voz.

DOC.: Ah, então as babás todas têm a voz igual, é?

TODOS: Não, mais ou menos.

DOC.: Ah!

ISABELLE: Mas, eu acho que eu conheço.

DOC.: Tá certo então, agora vamos pra próxima.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Belle.

ISABELLE: Eu acho que ela trabalha no museu.

DOC.: Por que, Belle?

ISABELLE: Porque, quando ela tava com calor e grita, o museu tem eco.

JAIRO: No cemitério.

DOC.: O museu quando grita, tem eco...

JAIRO: No cemitério, caveira...

DOC.: Jairo, trabalha no cemitério, é? Caveira, é? Por que você acha?

JAIRO: Porque falou assim: "Ahhhh!"

DOC.: E isso quer dizer, isso?

JAIRO: Não, porque ficou rezando...

DOC.: Maria?

MARIA: Eu acho que é uma mãe, porque eu ouvi uma voz de mãe.

DOC.: Eu tava conversando com ela. Ela é uma mãe, porque eu ouvi ela falando: "Eu sou uma mãe de...". Fábio?

FÁBIO: Eu acho que ela é uma pintora.

DOC.: Por que, Fábio, ela é uma pintora?

FÁBIO: Porque sim.

DOC.: É? Então tá bom. Agora eu quero fazer um exercício com vocês: eu quero saber se essa pessoa, que vocês estavam ouvindo era uma dentista, ou uma empregada doméstica.

ISABELLE: Eu acho que ela é uma dentista.

DOC.: Por que, Belle?

ISABELLE: O jeito de falar.

DOC.: O jeito de falar, é? Jairo?

JAIRO: Eu acho que era uma babá.

DOC.: Ela era uma babá, por quê?

JAIRO: Porque ela falou: "Errei!". E dentista não fala isso.

DOC.: Não fala, não, né? Maria?

MARIA: Eu acho que ela é uma empregada doméstica, porque ela fala de dinheiro, e ela não fala direito igual a dentista, ela fala: “errei”.

DOC.: Muito bom. Então, vamos fazer o seguinte, vamos fazer o teste com esta outra pessoa, aí vocês vêem o que ela faz, tá bom? Eu estou perguntando na entrevista número 2, é uma empregada doméstica, ou é uma médica?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Jairo, você acha que é uma médica, ou empregada doméstica?

JAIRO: Médica.

DOC.: Por quê?

JAIRO: Porque tava falando tudo direitinho.

DOC.: Ela tava falando tudo direitinho, é? Maria?

MARIA: Médica.

DOC.: Por que, Maria?

MARIA: Por causa que... [ININT].

DOC.: Hã.. e Fábio?

FÁBIO: Eu acho que é uma médica, porque ela ia pra escola, e empregada não tem dinheiro pra pagar escola.

DOC.: Hã, não tem dinheiro?

JAIRO: Mas, só que também tem escola pública, que pode...

DOC.: Hã. Belle acha que é quem?

ISABELLE: Médica.

DOC.: Por que, Belle?

ISABELLE: Por causa que ela fala de um jeito, assim, como Maria falou, e também porque lá tava em silêncio.

DOC.: É, né? Ta bom, obrigado, então!

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 1ª série
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Gravação com a aluna Eduarda da 1ª série do Colégio Villa Lobos, aluna da Professora Kátia. Duda, você tem quantos anos?

DUDA: Sete.

DOC.: Sete anos, né? Tá terminando a 1ª série, né? As pessoas trabalham com o quê, Duda?

DUDA: Profissões.

DOC.: Profissões, e o que elas fazem que você conhece?

DUDA: Doméstica, cozinheira, estudante, é médico, dentista, empresário... só.

DOC.: Só? Tem o que mais? Mais nada? Você lembra? Tem gente que varre a rua?

DUDA: Faxineiro.

DOC.: Que trabalha em loja tem?

DUDA: Deixa eu ver...

DOC.: Tem vendedor de loja?

DUDA: Vendedor.

DOC.: O que mais?

DUDA: Carteiro.

DOC.: Cantor, carteiro, dançarina, tem um bocado de profissão, não é?

DUDA: Muita.

DOC.: Deixa eu te explicar o que você vai fazer. Você vai ouvir... [Fala das entrevistas]. Essa 1ª pessoa que você ouvir eu queria que você tentasse imaginar se você acha que ela é uma empregada ou se ela é uma dona de uma empresa, tá certo? Se ela é empregada ou se ela é dona de uma empresa, tá certo? Então vamos lá...

[AUDIÇÃO]

DUDA: Empregada doméstica.

DOC.: Por que você acha que é uma empregada doméstica?

DUDA: Porque ela tá falando que ela tá brincando, porque ela tá brincando, e o jeito que ela fala, o jeito que ela joga as pedrinhas parece o jeito de empregada.

DOC.: É?

DUDA: É.

DOC.: E não parece dona de uma empresa, não?

DUDA: Não.

DOC.: Por que você acha que não parece?

DUDA: Porque ela não fala, se ela fosse dona de empresa dava pra perceber, ela ia falar de um jeito mais forte.

DOC.: Hã, e quem é que fala com o jeito mais forte?

DUDA: A dona.

DOC.: A dona de uma empresa fala de um jeito mais forte, é? E como é o jeito mais forte?

DUDA: Assim, alto.

DOC.: Hã.

DUDA: Fala alto.

DOC.: Fala alto, né? Então vamos ouvir a segunda agora. Nesse número 2 eu quero saber de Duda se a pessoa que ela tá ouvindo é a menina que limpa o shopping ou é a menina ou a moça que trabalha na loja do shopping, tá bom?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Você acha que essa é o quê? Uma menina que limpa o chão do shopping ou a que trabalha numa loja?

DUDA: Vendedora.

DOC.: Você acha que é vendedora, é?

DUDA: É.

DOC.: Por que você acha que é a vendedora?

DUDA: Porque ela disse que entra na loja, sai da loja, entra na loja.

DOC.: Por causa disso, ela parece mais com a vendedora do que com a menina que faz a limpeza lá? Hã, então tá bom, vamos ouvir a próxima. E nessa entrevista, Duda, eu quero que você observe se você acha que essa pessoa que tá falando é uma advogada ou é... é... deixa eu ver... se ela é advogada ou se ela é uma pessoa que limpa a rua. Você sabe que tem gente que limpa a rua, não sabe? Então tá bom, preste atenção, se você acha que ela é advogada ou se ela é uma pessoa que varre a rua, tá certo?

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, Duda?

DUDA: Eu acho que é uma advogada.

DOC.: Você acha que é uma advogada?

DUDA: Porque se ela fosse [ININT]... Ela tá dizendo que quando era criança dentro da casa dela, que ela brincava de amarelinha riscando o chão.

DOC.: Hã.

DUDA: Aí parece mais uma advogada...

DOC.: E parece mais uma advogada por isso é?

DUDA: É.

DOC.: Hã. E você acha que poderia ser mais uma... o que mais além de advogada?

DUDA: Ela poderia ser médica, dentista...

DOC.: Hã, porque você acha que ela poderia ser médica, dentista, essa pessoa que falou aí?

DUDA: Porque ... ela é calma de falar, porque tem alguns dentistas que falam tudo rápido.

DOC.: Hã, e ela é calma de falar é?

DUDA: É.

DOC.: Hã. Você acha que o jeito dela de falar parece mais com uma dentista, uma médica, o que mais, que outras pessoas você acha que teria o jeito assim de falar?

DUDA: É, que tem o jeito de falar?

DOC.: Você acha que se fosse uma empregada doméstica, por exemplo, ela falaria desse jeito?

DUDA: Hã hã.

DOC.: Também igualzinha a essa?

DUDA: Também, eu tenho certeza.

DOC.: A empregada também fala calmo é?

DUDA: Fala.

DOC.: Fala, é? Então vamos passar de novo, você vai ouvir só o finalzinho dela, viu?

DUDA: Advogada.

DOC.: É mais advogada, né?

DUDA: Hã, hã.

DOC.: Explica de novo que eu não entendi aquela hora.

DUDA: Porque ela tá dizendo assim que [ININT]...

DOC.: Você acha que parece mais advogada, né?

DUDA: É.

DOC.: Então vamos ver a próxima?

DUDA: Hã, hã.

DOC.: O que eu vou te mostrar te mostrar agora, Duda, eu quero que você me diga se você acha que ela é a dona do apartamento ou se ela é a menina que limpa o prédio, tá? Vamos ver.

[AUDIÇÃO]

DUDA: Eu acho que é a pessoa que limpa.

DOC.: Por que você acha que é a pessoa que limpa?

DUDA: Ela falou de um jeito, barulho.

DOC.: É, né? É barulho perto dela é? E o jeito, ela fala de um jeito como?

DUDA: Ela fala que tá fazendo barulho do vento, então eu acho que é a moça que limpa o prédio.

DOC.: Que limpa o prédio, né? Então vamos ver a última agora? Se essa agora que a gente vai ouvir, Duda, se ela é uma faxineira ou se ela é uma dentista, tá bom? Se ela é uma faxineira ou se ela é uma dentista, vamos ouvir?

[AUDIÇÃO]

DUDA: Faxineira.

DOC.: Você acha que essa é faxineira é, Duda? Por quê?

DUDA: O jeito dela falar "a gente não tinha tempo", ela fala como a gente estranho né? Então parece mais uma faxineira.

DOC.: Como é o jeito estranho?

DUDA: Ela fala assim, de jeito que a gente pensa que parece mais uma empregada mesmo.

DOC.: E como é o jeito assim, tenta me lembrar de algum pedaço que você lembra assim que parece.

DUDA: "Que a gente não tinha t(i)empo"

DOC.: Hã.

DUDA: Ela fala tempo, aí parecia mais uma faxineira mesmo.

DOC.: Então, tá bom, eu vou voltar a entrevista dela pra você falar "aí parece", certo? Eu quero saber onde é que você acha, tá bom? Vamos ver?

DOC.: O que você acha que parece?

DUDA: Tempo.

DOC.: Por que ela fala diferente é?

DUDA: É.

DOC.: Hã. Então vamos ver de novo, você me fala onde tem coisa diferente viu?

DUDA: os problemas

DOC.: O que foi que teve aí?

DUDA: Os problemas e as brigas [a empregada disse "os pobrema, as briga"]

DOC.: É. O que tá diferente que você achou?

DUDA: Porque assim, a dentista não falaria assim.

DOC.: Ela falaria como?

DUDA: Ela ia falar “a gente não tinha tempo”, mas essa aí fala diferente da dentista.

DOC.: Ela fala diferente, né? Vamos ver agora, se você se lembra de algum ponto que ela fala que você achou diferente, tá.

DUDA: “pulava, pulava, pulava”

DOC.: E aí tem mais alguma coisa que você achou diferente?

DUDA: Não.

DOC.: Tá bom, então. Muito obrigado, Duda, pela sua ajuda.

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 2ª série
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Agora, estamos com a 2º série da professora Paula. Agora, eu quero que vocês digam nome e idade.

BERNARDO: Bernardo, 9 anos.

RENATA: Renata, 8 anos.

PEDRO: Pedro, 8 anos.

CAROLINA: Carolina, 8 anos.

DOC.: Bem, o trabalho é o seguinte.

[Explica o que eles terão que fazer]

[AUDIÇÃO]

DOC.: Berna, essa pessoa faz o quê, que você acha?

BERNARDO: Joga amarelinha.

DOC.: Sim, mas a função dela, é o quê? Ela é uma empregada, uma médica? É o que que você acha?

BERNARDO: Empregada.

DOC.: Por que que você acha que é uma empregada?

BERNARDO: Não sei.

DOC.: É só por achar. Renata, acha que é o quê?

RENATA: Eu acho que ela não trabalha.

DOC.: Que ela não trabalha, que não faz nada? Ela é dona de casa, é?

RENTA: É.

DOC.: Pedro...

PEDRO: Explicante.

DOC.: Por que você acha que é dona de casa, Renata?

RENATA: Porque ali, ela falou que brincava de amarelinha...

DOC.: Mas ela tava falando da infância. Agora é outra história.

CAROLINA: Jogar pedrinha.

RENATA: Jogar pedrinha.

DOC.: Pedro acha que é o quê?

PEDRO: Brincante.

DOC.: Brincante?

ALUNA: Ôxe...

DOC.: Mas ela não brinca, não, ela tá falando como ela brincava. Carol, acha que é o quê?

CAROL: Eu acho que ela era babá.

DOC.: Babá, por que Carol?

CAROL: Eu acho, que ela tava cuidando de uma criança e brincando com ela.

PEDRO: Mais ou menos, as babás brincavam antigamente.

DOC.: Então tá bom, vamos pra próxima.

[AUDIÇÃO]

PEDRO: Eu acho que é doméstica.

DOC.: Por que Pedro, você acha que é doméstica?

PEDRO: Porque ela fala que brinca, e ela deve estar explicando a brincadeira, pra alguém pequeninho.

DOC.: Renata, você acha que a pessoa faz o quê?

RENATA: Eu acho que ela é uma empregada.

DOC.: Por que você acha que ela é uma empregada?

RENATA: Porque ela diz aí que ela passava roupa, lavava os pratos.

DOC.: Hã, certo. Você acha, que é por causa disso. Pedro acha que é o quê?

PEDRO: Estudante.

DOC.: Por que, Pedro?

PEDRO: Por que ela fica falando que ia pra escola...

DOC.: Ela tá falando, tá narrando uma história, quando ela tava pequena, mas ela tá grande, agora. Ela tá contando: "Quando eu era pequena, eu brincava disso...". E hoje, ela faz o quê?

ALUNA: Eu acho que ela é doméstica.

DOC.: Por que você acha que ela é doméstica?

ALUNA: Porque ela fala que lava prato.

DOC.: Hã.

ALUNA: Faz muitas coisas.

DOC.: Carol, acha que é o quê?

CAROL: Eu acho que é empregada, porque tá dizendo que limpa o chão, lava a louça, limpa os pratos, passa roupa. E isso empregada que faz.

DOC.: Mas isso é quando ela era pequena.

RENATA: Amarante, só que tem que gente pequena acostuma, e quando é grande faz...

DOC.: ... a mesma coisa...

RENATA: ... a mesma coisa que fazia, quando era pequena.

DOC.: Hã. Berna?

BERNARDO: Professor.

DOC.: Por que ela é professora, Berna?

BERNARDO: Porque não desiste nunca, e eu ouvi quando... [ININT]

DOC.: Hã. Tá jóia. Vamos pra terceira, ta bom?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Pedro, você acha que isso aí é o quê?

PEDRO: Eu acho que ela é inventora.

DOC.: Inventora, por que ela é inventora?

PEDRO: Porque "a 1º e a 2º é individual, a 3º e a 4º é em dupla" [Repete a frase ouvida na fita.].

DOC.: Hã. E Carol, acha que ela é o quê?

CAROL: Eu também acho que ela é inventora, ela tá dizendo como é que se brinca de amarelinha.

DOC.: Hã.

CAROL: Das ordens, da dupla.

DOC.: Pedro, ou Berna?

BERNARDO: Eu acho que é dona de casa.

DOC.: É dona de casa, por quê?

BERNARDO: Porque ela ficava brincando na rua, quando não tinha trabalho.

DOC.: Ela tá falando isso?

BERNARDO: Não, mas eu acho que ela é dona de casa.

DOC.: Hã. Renata?

RENATA: Eu acho que... ela é uma empregada, que é uma babá, que cuida e tava ensinado uma criança a brincar de amarelinha.

DOC.: Ah é, né? Então vamos ver a próxima.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Carol, você acha que essa faz o quê?

CAROL: Eu acho que essa é mãe.

DOC.: Hã.

CAROL: Porque, eu acho que ela tá ensinando uma brincadeira pro filho.

DOC.: Hã, é uma mãe né, Berna?

BERNARDO: Eu acho que ela é agricultora que mora no sertão.

DOC.: Hã.

BERNARDO: Pra ajudar a plantar mais, ela ficava brincando na terra.

DOC.: Hã. Renata?

RENATA: Eu acho que ela é uma mãe, que tava ensinando ao filho do patrão brincar de amarelinha.

DOC.: Hã. Pedro?

PEDRO: Doméstica.

DOC.: Por que, Pedro?

PEDRO: Porque estava ensinado ao filho do patrão brincar de amarelinha.

[AUDIÇÃO]

DOC.: E essa, faz o quê?

BERNARDO: Cantora.

DOC.: É, por que, Berna?

BERNARDO: Porque eu acho que ela tá no microfone.

DOC.: É, Renata? Nada? Carol?

CAROL: Eu acho que ela é jornalista.

DOC.: É?

CAROL: É porque ela tá explicando sobre a peça.

DOC.: Tá bom, agora eu quero fazer um exercício com vocês. Eu vou passar duas pessoas, e vocês vão tentar dizer qual delas é a empregada, e qual é a dentista, tá certo?

TODOS: Tá!

[AUDIÇÃO]

DOC.: Vamos lá! Qual delas é a dentista?

BERNARDO: A primeira, eu acho que é a empregada, porque do jeito de falar.

DOC.: Como assim, Berna?

BERNARDO: O jeito de falar dela.

DOC.: Hã.

BERNARDO: É tipo o de uma empregada.

DOC.: Como é o jeito de falar dela?

BERNARDO: Baixo, calmo.

DOC.: Renata. E a outra é dentista, Berna?

BERNARDO: É, eu achei que ela é dentista.

DOC.: É, tá bom. Renata?

RENATA: Eu achei que a primeira é empregada, porque se ela fala, ela ensina como joga amarelinha. E a segunda, dentista, porque ela fala: "a primeira é unitária, a segunda é em dupla", então tem jeito de falar de dentista.

DOC.: Hã. Pedro, a primeira é o quê?

PEDRO: A primeira é empregada.

DOC.: Por que, Pedro?

PEDRO: Porque ela fala que primeiro, ela lavava roupa e fazia um bucado de coisas.

DOC.: Hã.

PEDRO: Faz coisa de doméstica. E a segunda é dentista.

DOC.: Por que você acha que a segunda é dentista?

PEDRO: Porque ela fica falando, que ela pula amarelinha e depois vai pra o dentista.

DOC.: É, né? Como é o jeito de falar de um dentista?

BERNARDO: Como tá aí.

DOC.: Usando esses termos, é Berna? Ok. Tá bom então, meninos.

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 2ª série
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Entrevista com os alunos da 2º série B, do colégio Villa Lobos, alunos da professora Gleiciane. Aí, eu quero que vocês digam o nome e a idade.

RENAN: Meu nome é Renan, 8 anos.

JEFERSON: Meu nome é Jeferson, 9 anos.

DOC.: Então Renan e Jeferson. Deixa eu explicar pra vocês; antes de fazer a entrevista, eu queria saber assim: quando as pessoas crescem, elas vão trabalhar, não vão?

ALUNO: Vão.

DOC.: Elas trabalham geralmente com o quê?

JEFERSON:: Medicina.

DOC.: Pode ser médico, o que mais?

JEFERSON: Gráfico.

DOC.: Pode ser gráfico, trabalhar com gráfica, né? O que mais? Pode ser médico, gráfico...

ALUNO: Polícia.

DOC.: Pode ser polícia...

ALUNO: Cabeleireiro.

DOC.: Cabeleireiro.

ALUNO: Cantor.

DOC.: Cantor, cantora, né? Dentista, o que mais?

ALUNO: Sapateiro.

DOC.: Engraxador.

DOC.: Engraxador, engraxate que chama, né? O que mais? Tem alguém que trabalha na limpeza?

ALUNO: Na empresa?

JEFERSON: Meu pai tem uma gráfica.

DOC.: Teu pai tem uma gráfica?

RENAN: Meu tio.

DOC.: Tem faxineiro, faxineira, profissão?

ALUNO: É, tem uma faxineira que toda semana vai lá e limpa.

DOC.: Então tá bom, eu vou começar a entrevista, e vou explicar pra vocês como é que é: a primeira pessoa, que eu estou perguntando para Renan e Jeferson é da entrevista 1. É pra eles dizerem se ela é uma faxineira ou uma advogada. Vocês vão me dizer, se ela é uma faxineira ou uma advogada. Vamos ver?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Vocês acham que ela é o que?

TODOS: Faxineira.

ALUNO: Faxineira, porque ela... aí eu não sei, mas advogada assim, também não brinca.

DOC.: É?

ALUNO: Não se diverte muito assim, brincando. Advogado é coisa séria, entendeu?

DOC.: Então vamos ver a próxima? E você acha o que, Renan?

RENAN: A mesma coisa.

DOC.: Que é faxineira também. Agora, a segunda pessoa, vocês acham que ela é, deixa eu passar primeiro, vocês acham que ela é a mulher que trabalha dentro de casa, ou a que faz a limpeza do prédio?

[AUDIÇÃO]

ALUNO: Diarista.

DOC.: É. Se ela é diarista, ou se ela é a dona da casa...

ALUNO: Não sei, eu não escutei, ele não deixou eu terminar.

DOC.: Você acha que é diarista por que, Renan?

RENAN: Porque ela falou que trabalha o dia inteiro, até a noite.

DOC.: É, né? Vamos continuar ouvindo pra ver.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Por que diarista?

ALUNO: Ela falou extrato, e é comida. E é diarista.

OUTRO: Vai pra escola, vai pra casa.

ALUNO: É diarista.

OUTRO: É diarista.

DOC.: Essa mulher que tá falando aí é uma dentista ou é uma empregada doméstica, tá bom?

ALUNO: Tá.

[AUDIÇÃO]

DOC.: E nessa entrevista, vocês acham que ela é o quê?

ALUNO: Ela é diarista.

DOC.: Por que você acha?

ALUNO: Porque diarista brinca, ela gosta de criança. E também dentista mexe mais com dente.

DOC.: Sim, mas eu perguntei as pessoas como era a brincadeira de amarelinha, todas contaram. Essa aí parece mais a dentista ou a empregada?

ALUNO: Mais parece a empregada.

DOC.: A empregada?

ALUNO: É.

DOC.: Hã. Então vamos ver agora, essa aqui.
Essa agora é a minha entrevista com Liliane. Essa entrevista que eu vou passar aqui agora vocês vão dizer a mesma coisa, se vocês acham que essa pessoa que tá falando aí é uma empregada doméstica ou é uma médica, tá bom? Vocês acham que ela é empregada ou uma médica? Preste atenção pra vocês ouvirem.

[AUDIÇÃO]

ALUNO: Empregada.

DOC.: Por que você acha que é empregada?

ALUNO: Porque...

OUTRO: Eu acho que é a médica.

DOC.: Por quê?

OUTRO: Porque tava com muito movimento.

DOC.: Por que você acha que é empregada, Jeferson?

JEFERSON: Porque ela tem o sotaque mais...

DOC.: Como?

JEFERSON: Mais brincalhona.

ALUNO: É.

DOC.: Tem o sotaque mais brincalhão, é?

ALUNO: É.

DOC.: Então tá bom, eu vou passar e você vai me dizer onde tá esse sotaque brincalhão, tá?

[AUDIÇÃO]

ALUNO: Ela falou "os meninos".

DOC.: Ela falou como?

ALUNO: "A gente corria com os meninos."

DOC.: Então eu vou passar e aí você vai dizer "eu acho que a empregada é nessa parte", tá bom? Vê aí, você vai me falar "Eu acho nessa parte parece". Você falou, aí eu fiquei interessado pra ouvir, Jeferson.

[AUDIÇÃO]

ALUNO: Essa aí.

DOC.: O que é que tem essa?

ALUNO: "Os menino jogavam com a gente."

DOC.: O que que parece com empregada que você achou nessa frase?

ALUNO: O sotaque dela.

DOC.: E como é sotaque dela?

ALUNO: Tem muita gente que fala assim: “os menino”.

DOC.: Os menino?

ALUNO: É, os menino.

DOC.: E você fala assim também? Você fala como?

ALUNO: Os meninos.

DOC.: Os meninos, e quem é que fala assim? Empregada fala assim, é?

ALUNO: É, gente, muita gente da roça fala assim.

DOC.: Gente da roça fala assim, é?

ALUNO: É.

DOC.: Hã. Tá bom, então, Jeferson. Obrigado, viu, Renan. Por que você acha que empregada fala assim, Jeferson? Pode ir, Renan, deixa só eu perguntar uma coisa aqui a Jeferson. Por que você acha que gente da roça, empregada, fala assim?

JEFERSON: É porque convivem mais com... elas são mais relaxadas, entendeu?

DOC.: Hã. Como assim relaxadas?

ALUNO: Relaxadas.

DOC.: Hã.

DOC.: E você acha que eles falam desse jeito só por isso?

ALUNO: É

DOC.: É, né? Tá bom, então, obrigado, Jeferson.

JEFERSON: Tchau!

COLÉGIO VILLA LOBOS
Série: 4ª série
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Agora eu vou fazer entrevista com os alunos da série. O lance é o seguinte: primeiro eu quero saber o nome e a idade. São alunos da 4ª série do Colégio Villa Lobos alunos das professoras Xanda e Gene.
Seu nome e sua idade.

ALISSON: Alisson, 4ª serie B

VAGNER: Vagner, 4ª série A

DOC.: Meninos, é o seguinte: eu gravei uma entrevista com algumas pessoas falando sobre a mesma coisa.Todas elas estão falando da brincadeira amarelinha, lembra? Aquela de pular no chão? Eu pedi pra elas falarem de amarelinha. Como é que era quando elas eram crianças? Como brincavam? Como é que faziam? Aí eu esqueci de anotar quem era cada uma delas, e eu queria que vocês me dessem uma ajuda, me dizendo. O que vocês acham que essas pessoas fazem na vida delas? Quando a gente cresce, faz o que de profissão?

ALUNO: Trabalho.

DOC.: Trabalho com o que mais ou menos? Diga o que vocês conhecem aí.

ALUNO: Estuda.

DOC.: Pode ser estudante.

ALUNO: Trabalhar em engenharia.

DOC.: Em engenharia, o que mais?

ALUNO: Engenharia mecânica.

DOC.: Médico...

ALUNO: Outras coisas...

DOC.: O que mais de profissão vocês conhecem?

ALUNO: Professor.

DOC.: Professor...

ALUNO: Engenheiro...

DOC.: Engenheiro, só essas?

ALUNO: Não.

DOC.: Oxente, Alisson, tem tantas...

ALISSON: É.

ALUNO: Lixeiro.

DOC.: Lixeiro, faxineiro...

ALUNO: Faxineiro, bombeiro...

DOC.: Bombeiro, empregada doméstica...

ALUNO: Policial.

DOC.: Então, esse é o desafio: eu gravei cinco mulheres falando, todas da mesma idade, e eu quero que vocês tentem adivinhar o que é que vocês acham que elas fazem? "Eu acho que essa é tal coisa, essa é tal coisa, essa poderia ser isso, isso, isso". Entenderam?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Sobre a entrevista número 1, essa mulher, vocês acham que ela deve fazer o que mais na vida dela, das profissões que a gente falou?

ALUNO: Ser professora

DOC.: Ela tem cara de professora? Alisson concorda?

ALISSON: Cara eu não sei, mas é...médica.

DOC.: Pode ser uma médica, poderia ser uma professora, uma pedagoga...

ALUNO: Uma psicóloga.

DOC.: O que mais? E se eu dissesse pra vocês que ela... eu vou dar duas opções, qual das duas vocês acham que ela é? Ela é uma empregada doméstica ou ela é uma professora?

ALUNO: Uma empregada doméstica.

DOC.: Você acha que ela é uma empregada doméstica por que, Alisson? Você acha que ela é empregada domestica?

ALISSON: Sei lá, o jeito de falar.

DOC.: Como é o jeito de falar? Tenta me dizer como é que você acha isso?

ALUNO: Fala como é a brincadeira, ah não sei.

DOC.: Hã. Então vamos tentar a segunda. A segunda pessoa fala agora .

[AUDIÇÃO]

DOC.: Você acha que a segunda é o quê?

ALUNO: Empregada doméstica.

OUTRO: Ou então ela faz faculdade ou é medica.

DOC.: Por quê?

ALUNO: 24 horas assim...

DOC.: Hã.

ALUNO: Eu escutei alguma coisa de noite.

DOC.: De noite? Vamos ver, pra ver.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Nessa entrevista número 2, essa menina é o quê?

ALUNO: Empregada doméstica, ela falou de roupas, essas coisas...

DOC.: Hã. E Alisson concorda? Você acha as mesmas coisas que ele falou?

ALISSON: É.

ALUNO: Ela faz faculdade a noite e trabalha de manhã como empregada doméstica.

DOC.: É, né? Então vamos ver o restante? Essa que eu vou passar, eu queria que vocês me dissessem se ela é dentista ou se ela é faxineira de um prédio, que faz limpeza no prédio, tá certo?

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, ela parece mais uma dentista ou...

ALUNO: Ela parece mais uma dentista, porque ela fica ensinando a brincadeira de amarelinha.

DOC.: É...

ALUNO: É, ela ensina.

DOC.: Ensina explicando, é?

ALUNO: Ela explica como é a brincadeira de amarelinha.

DOC.: Hã. E você?

ALUNO: Eu acho, eu acho que ela é faxineira de um prédio.

DOC.: É? Porque você acha que ela é faxineira?

ALUNO: Não sei, eu acho que ela tá varrendo a rua.

DOC.: Hã.

ALUNO: Eu acho que ela tá varrendo lá, aí ela vê uma calçada lá.

DOC.: Mas ela falou isso?

ALUNO: Não.

DOC.: Você concorda que Vagner falou, que achou que ela é uma dentista? Porque é o jeito de explicar, ela fala explicando é Vagner?

VAGNER: Ela explica a brincadeira de amarelinha.

DOC.: Hã.

VAGNER: Pra mim ela é dentista.

DOC.: Pra você ela é dentista, né? Então tá bom, vamos ver agora a última, tá certo?

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, você acha que ela é o quê?

ALUNO: Eu acho que ela é faxineira, empregada doméstica.

DOC.: Por quê?

ALUNO: Ela fala de um jeito assim...

DOC.: Como é o jeito?

ALUNO: A gíria, como ela fala, a gíria do nordeste.

DOC.: E como é que ela fala? O que vocês estranham na fala dela assim?

ALUNO: A gíria dela.

OUTRO: Ela fala assim, diferente de uma dentista.

DOC.: Quem parece mais com uma dentista, essa ou aquela que falou antes dessa?

ALUNO: A que falou antes dessa.

DOC.: A que falou antes dela . E quem parece mais uma empregada?

ALUNO: Essa.

DOC.: Então vamos fazer o seguinte: eu vou passar a fita dela de novo e vocês vão me dizer: "Amarante isso aí eu achei estranho". Vocês vão identificar pra mim.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Pode falar.

ALUNO: "A gente não tinha tempo."

OUTRO: "Os ploblemas."

DOC.: O que é que tem aí?

ALUNO: "Os problemas", que ela falou errado.

DOC.: Falou errado, foi?

ALUNO: A gíria.

DOC.: É errado falar assim, *pobrema*, é?

ALUNO: É.

DOC.: É, né? Por que que é errado?

ALUNO: Porque o certo é *problema*.

DOC.: O certo é problema, é? E quem foi que disse isso a vocês?

ALUNO: O errado é *pobrema*.Todo mundo fala assim *problema*, eu acho que é o certo.

DOC.: Hã. Então vamos ver o resto, pra ver.

[AUDIÇÃO]

DOC.: O que é que tem?

ALUNO: "Os meninos."

DOC.: O que é que tem de problema aí?

ALUNO: “Menino.”

DOC.: E você falaria como?

(OS): “Os meninos se jogavam na frente da gente”. E ela fala: “os menino se jogava na frente da gente”.

DOC.: Por que vocês estranham ela falar “os menino”? Ninguém fala assim, não?

ALUNO: Não, na cidade grande a gente escuta é...

OUTRO: ... outras palavras, a gente escuta *menino* normal, a gente não escuta as pessoas falando daquele jeito.

DOC.: Do jeito dela, né?

ALUNO: É.

DOC.: Então vamos ver se ela fala mais alguma coisa que vocês estranham.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Tem mais alguma coisa aí?

ALUNO: O jeito que ela fala *amarelinha*.

[O DOC. se despede dos alunos e agradece pela entrevista.]

ANEXO B – *Corpus* A. Dados transcritos a partir das sessões realizadas com os alunos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental da Escola Municipal Barbosa Romeo. Intervenção 1: variação diatópica; Intervenção 2: variação diastrática.

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Série: CEB 1
Intervenção 1: Concepções das crianças sobre a variação diatópica da língua

DOC.: O nome de cada um pra eu poder saber.

AMANDA: Amanda.

DOC.: Amanda tem quantos anos, Amanda?

AMANDA: 7.

DOC.: 7 anos. Como é seu nome? [Para outro aluno.]

RODRIGO: Rodrigo, 6 anos.

DOC.: Rodrigo, 6 anos.

MILENA: Milena, 6 anos.

DOC.: Milena, 6 anos.

JOSÉ: José Mario de Souza Brito, 8 anos.

DOC.: José Mario de Souza Brito, 8 anos.

Ok. Aí pronto, a gente vai ver o filme. Vocês são alunos da professora Aline, né isso? Estuda... que grupo é? CEB I, né isso? Então tá bom, a gente vai ver o filme agora, a gente vai conversar um pouco, e depois vou gravar e, no final, vou bater uma foto de vocês, depois eu trago, pra vocês verem como ficou. Tá bom? Aí, vou dar de presente pra vocês a foto. Agora tem que participar direitinho do encontro, aqui comigo. Tá bom, então?
Então vamos conversar. O filme que eu vou passar tem um personagem chamado Chico Bento, já ouviram falar nele?

ALUNA: Não.

DOC.: Nunca ouviram falar em Chico Bento? Nunca viram Chico Bento?

ALUNA: Não.

DOC.: É mesmo? Nunca viu, não, Rodrigo?

RODRIGO: Não.

DOC.: É mesmo? Deixe eu ver se eu aprendi o nome, é Rodrigo?

ALUNA: Amanda, Milena e José Mario. [Apontando]

DOC.: [Apontando] José Mario, Milena, Amanda. Milena, Amanda, Rodrigo. Rodrigo, Milena, Amanda. Amanda, Milena... não! Amanda, Milena, Rodrigo, José Mario. É pra eu decorar. Ok, o meu é Amarante. Decoraram, já? Amarante, Milena.

MILENA: Amarante.

DOC.: Amarante, José Mario; Amarante, Amanda; Amarante, Rodrigo. Tá decorado?

TODOS: Tá!

DOC.: Camila, Natália. Eu decoro, viu? Vamos lá, então, ver o filme?

[EXIBIÇÃO DO FILME]

DOC.: O que que vocês gostaram mais? Vamos lá! Amanda. Gostou mais de que, Amanda? O que que você gostou mais da história? Vou passar pra Milena. Milena, gostou mais de quê?

MILENA: Eu gostei... ... ...

DOC.: Vou passar pra Rodrigo.

MILENA: Não, não! Eu gostei daquele negócio, naquela parte que ele tava, é... é na, por dentro de uma lagoa.

DOC.: É, da fonte, né?

MILENA: É.

DOC.: Que tem no shopping. E Rodrigo, gostou mais de que?

MILENA: Eu gostei na hora que o homem também empurrou ele, naquela escada que tem na loja.

DOC.: Que o cara... por cima dele, né?

JOSÉ: Eu gostei de Chico Bento.

DOC.: É? Vocês já conheciam Chico Bento, antes? Amanda? Milena? Rodrigo?

RODRIGO: Eu nunca ouvi falar de Chico Bento.

DOC.: Não, né? E vocês acham que Chico Bento é parecido com aquele amigo dele, o primo dele? Ou é diferente?

MILENA: Parece.

JOSÉ: Diferente.

DOC.: Mas é diferente em que, José Mario, Chico Bento do primo?. Tem alguma diferença entre eles?

JOSÉ: Tem.

DOC.: Quais são as diferenças?

MILENA: Uma tem cabelo loiro, e outro tem cabelo preto.

DOC.: É, que mais tem de diferente? Chico Bento e o primo, tem alguma coisa neles que é diferente?

ALUNA: Eu nunca tirei uma foto sentada, não.

DOC.: Não? Mas é depois a foto.

ALUNO: Eu quero tirar uma foto com ela.

DOC.: Que mais tem de diferente, no Chico Bento e no primo dele? Nada, no jeito deles serem?

MILENA: Tem, o rosto.

DOC.: O rosto? O que mais de diferente?

MILENA: O nariz, a perna e a roupa.

DOC.: Eles moram na mesma cidade os dois?

JOSÉ: Não.

MILENA: Mora.

DOC.: É José Mario? Não mora na mesma cidade? E Chico Bento, mora onde?

MILENA: Mora na mesma cidade.

DOC.: Os dois moram na cidade? Mas Chico Bento não foi visitar o primo no shopping?

MILENA: Foi.

DOC.: E no final da história, Chico Bento aparece aonde? Lembra no final, que ele tá debaixo de uma árvore, numa lagoa, assim, sol, conversando?

ALUNA: Sei.

ALUNO: Debaixo de uma árvore.

DOC.: Ali, parece uma cidade, ou parece o campo?

ALUNA: Parece uma cidade... um campo.

JOSÉ: No campo.

DOC.: No campo, né?

MILENA: Na Cida... no campo.

DOC.: É? Mas tem que decidir, é na cidade ou no campo?

TODOS: No campo.

DOC.: E Chico Bento tem alguma forma... o jeito que Chico Bento fala é parecido com a do primo ou diferente?

TODOS: Não, é diferente.

DOC.: Como é a diferença, assim, hein José Mario, qual a diferença que tem na forma de Chico Bento falar, e na do primo?

ALUNA: Isso grava a palavra que a gente faz, é?

DOC.: É, depois eu vou mostrar pra vocês.

ALUNO: Gravador, né?

DOC.: É. Mas o que que você falou... que que você acha que tem na forma que Chico Bento fala, e na que o primo fala? Tem alguma diferença? Rodrigo?

AMANDA: Tem, tem alguma diferença.

DOC.: O que que tem Amanda, de diferente?

AMANDA: Ele fala...

ALUNO: A risada.

AMANDA: A risada.

ALUNO: O rosto.

AMANDA: O rosto.

DOC.: Na fala deles, o que mais Rodrigo tem de diferente?

RODRIGO: Água doce.

MILENA: Hummm!!! [Brincando com o gravador.]

DOC.: Água doce, é? Da cidade, né? Do campo, lá da roça. Então não tem mais nada de diferente, não? Mas, Milena, assim vou ouvir seu: "hum"!

MILENA: Ãh?

DOC.: Se fizer esse "hum", no microfone, eu vou ouvir. Então, tá bom. Vamos bater a foto, agora? Vamos lá pra fora?

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Série: CEB 2
Intervenção 1: Concepções das crianças sobre a variação diatópica da língua

DOC.: Agora estou gravando o segundo grupo de alunos da professora Bia, da escola Barbosa Romeu, no dia 28 de outubro.

DOC.: Seu nome?

DIEGO: Diego.

DOC.: Quantos anos, Diego?

DIEGO: 7.

DOC.: 7 anos. Estuda aqui na escola há muito tempo?

DIEGO: Já.

DOC.: Já, né? Você é? [Para outro aluno.]

BRUNO: Bruno.

DOC.: Bruno. Quantos anos, Bruno?

BRUNO: 7.

DOC.: Estuda há muito tempo na escola, Bruno?

BRUNO: Estudo.

DOC.: Você é?

CAROL: Carol.

DOC.: Carol, quantos anos?

CAROL: 7.

DOC.: Estuda há muito tempo aqui na escola?

ALUNO: Eu tenho 8 anos.

DOC.: E você, é o...?

LEONI: Leoni.

ALUNO: Ele tem 8 anos.

DOC.: Quantos anos, Leoni? 7?

LEONI: 8.

DOC.: E você estuda na escola há muito tempo?

ALUNO: Não.

LEONI: Estudo.

DOC.: É?

ALUNO: Mentira, mentira!

OUTRO: Ele estuda há pouquinho.

DOC.: Tá, mas não tem problema, não. Tá bom, depois a gente vai conversar. Oh, deixe eu explicar uma coisa: o que que vocês conhecem de Chico Bento? Vamos lá, primeiro.

ALUNO: É... É... Cebolinha pega a Mônica, pra pegar o macaco.

OUTRO: Ele vai pegar o macaco.

DOC.: Mas vocês já conhecem Chico Bento, já ouviram alguma vez?

ALGUNS: Eu já!

DOC.: Vêem onde Chico Bento?

ALUNO: Eu já! Eu já!

ALUNO: A gente aprendeu aqui na escola, que tinha a fita. Aqui tem fita...

DOC.: É, né?

ALUNO: Que aqui no dia, chega teve a festa. Aí botaram a fita de Chico Bento.

DOC.: Aí vocês já conhecem, então, ele? O que que vocês sabem sobre ele? Nada?

ALUNO: Não.

OUTRO: Cebolinha, ele... ele acha o macaco. Ele...

DOC.: Ele só tem um dente, é Leoni?

LEONI: Oi?

DOC.: Ele só tem um dente, é?

LEONI: Não, 5.

DOC.: O que mais você sabe?

LEONI: Ele é da roça.

DOC.: Ele é da roça?

ALUNO: É.

DOC.: Vamos lá!

[EXIBIÇÃO DO FILME]

DOC.: O combinado que a gente fez foi o quê? Não pode falar dois de vez, senão não consigo traduzir lá em casa, escrever no papel, tá bom? Primeira coisa que eu queria saber é o seguinte: Vocês gostaram da história?

ALUNO: Ele foi passar no shopping.

OUTRO: Ele se...

ALUNO: Perdeu do primo, se perdeu do primo, ele ficou descalço, jogou o sapato fora.

OUTRO: Ele caiu.

OUTRO: Aí ele... aí ele...

ALUNO: Aí o homem chegou.

DOC.: Vou parar um pouquinho. Da história, o que que você gostou mais?

BRUNO: Ele no "elevador-escada".

DOC.: Na hora que ele sobe na escada? O quê mais? Lucas, né?

BRUNO: Bruno.

DOC.: Bruno, é. É que eu misturo com o outro menino. Que mais, Bruno, que você gostou?

BRUNO: Quando ele foi pra fonte mergulhar.

DOC.: Quando ele foi pra fonte mergulhar...

BRUNO: No shopping.

DOC.: ...com a bunda pra fora, não foi?
BRUNO: Foi.

DOC.: Agora eu vou perguntar pra Carol, depois vou voltar pra vocês de novo.

BRUNO: Pode ir. Vai Carol!

DOC.: Carol, o que que você gostou mais, Carol?

CAROL: Eu gostei do... Ah! Não sei, não.

DOC.: De nada, você gostou, Carol?

CAROL: Eu gostei...

ALUNO: Ele... ele subiu na escada.

CAROL: Ele subiu na escada, depois...

ALUNO: O homem...

CAROL: Ele empurrou o homem, ele empurrou o "homi"... Ele... é, o moço empurrou ele, ele depois caiu de novo, e depois ele andou, aí depois ele tirou o sapato, e jogou no...

DOC.: Leoni, gostou mais de quê?

LEONI: Eu gostei... da hora que ele caiu é... que ele... Oh [ININT] entrou dentro daquela fonte, daquela fonte do shopping.

DOC.: Do shopping, na fonte, né? E Diego, gostou mais de quê?

DIEGO: Eu gostei mais da parte do shopping, que ele meteu o sapato na hora que ele foi tomar banho, e teve uma hora que ele meteu...

ALUNO: Tomar banho, não! Que ele foi mergulhar.

DIEGO: ...que ele meteu, que ele meteu o sapato na hora, no... segurança.

DOC.: Muito bom! Agora eu vou fazer outra pergunta, tá bom?

ALUNO: Grava aí! Grava aí!

DOC.: Tá gravando.

ALUNO: Bota aí, pra gente falar.

DOC.: Não, agora eu vou fazer uma nova pergunta: vocês acham que Chico Bento e o primo são muito parecidos, ou eles têm diferenças?

BRUNO: Parecidos.

DOC.: O que que tem de parecido nele, Bruno?

BRUNO: A cara.

DOC.: A cara deles é parecida? O que mais?

BRUNO: O cabelo.

DOC.: Cabelo? Que mais?

BRUNO: O corpo.

DOC.: O corpo?

BRUNO: E o pé.

DOC.: E o pé? E eles têm alguma coisa de diferente, vocês acham que eles têm o que diferente?

CAROL: Tem.

DOC.: Tem o que de diferente, Carol?

ALUNO: A roupa.

DOC.: A roupa é diferente?

ALUNO: É...

DOC.: O que mais que é diferente?

ALUNO: Mais nada.

DOC.: Nada de diferente entre Chico Bento e o primo?

CAROL: O sapato.

DOC.: As blusas, o sapato.

ALUNO: O chapéu.

DOC.: O chapéu, né? Que um tem chapéu, né? E o outro não tem, né Bruno? O que mais Diego, que tem de diferente?

DIEGO: Mais nada. E eu... todos os negócios deles é igual, menos o sapato.

DOC.: Não tem nada... Leoni, tem o que de diferente mais neles dois? Que mais tem de diferente, neles dois, Leoni? Nada! O jeito de ser?

ALUNO: O rosto.

DOC.: No jeito de ser, deles. Por exemplo: aqui o jeito de ser de vocês...

ALUNO:: [ININT]

DOC.: Chico Bento tá faltando um dente, na frente, né? E no jeito de ser deles, eles são... eles têm o mesmo jeito de ser?

ALUNO: Tem.

DOC.: Ou é diferente o jeito de ser, um é de um jeito, o outro é de outro?

ALUNO: É o mesmo andar, e é o [ININT].

DOC.: É? E eles moram na mesma cidade?

TODOS: Mora.

DOC.: Mora?

ALUNO: Mesma casa.

OUTRO: Não.

ALUNO: Mora sim! Se eles são primos

DOC.: Não, vocês não viram, não? Carol, Chico Bento mora aonde?

ALUNO: Em uma roça.

DOC.: O Leoni falando; Chico Bento mora na roça, né Leoni? E o outro na cidade, isso mesmo, Carol. Agora, e isso ele... não tem nenhuma diferença, por morar na cidade e outro na roça, não?

TODOS: Não.

DOC.: Tem o quê, Leoni?

LEONI: Ele [ININT], é falando, conversando com o amigo dele.

DOC.: Exatamente.

LEONI: A fala é diferente.

DOC.: A fala dos dois é diferente, é Leoni?

LEONI: É.

DOC.: O que é que tem de diferente na fala deles?

ALUNO: Porque a de Chico Bento é alta e a do homem é baixa.

DOC.: Só tem essa diferença, a fala ser alta e baixa?

LEONI: Não... é... a de Chico Bento é, aquele que tem um chapéu é baixa, e a do outro, na hora como ele gritou: "Ahhhhhhhhhhhhhh!"

DOC.: É verdade.

ALUNO: Mentira, que a de Chico Bento...

DOC.: Mas, tem o que mais de diferente na fala? Queria ouvir Leoni agora, que vocês não tão deixando Leoni falar. Eu tenho que ouvir a voz dele, também. Que que tem mais de diferente, Leoni, na fala deles? Que você falou. Que mais tem de diferente na fala deles?

LEONI: Eu esqueci.

DOC.: Por que você lembrou da fala deles, que é diferente?

ALUNO: Quando ele... o homem amostrou o sapato, ele... ele [ININT] sem pagar do shopping.

DOC.: É?

ALUNO: Quando ele diz: 'eu tou duro'.

DOC.: [Risadas] Carol, tem... você acha que a fala deles também é diferente?

CAROL: [ININT]

DOC.: É? O que que tem de diferença na fala deles?

CAROL: Uma é baixa, e a outra é alta.

DOC.: Uma é baixa e a outra é alta, assim é? Mas foi essa mesma a diferença que você sentiu, Leoni? Uma ser baixa e a outra ser alta? Ou foi outro tipo de diferença?

LEONI: Não, no mesmo tamanho, os dois.

ALUNO: Um maior, que é Chico Bento. É um pouquinho maior.

LEONI: É, ele fala mais grosso.

DOC.: É? Ok então, vou parar a entrevista agora, e aí a gente vai bater as fotos, tá bom?

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Série: CEB 2
Intervenção 1: Concepções das crianças sobre a variação diatópica da língua

DOC.: Eu preciso aprender o nome de vocês, aí vocês podem falar daí, que dá pra ouvir direitinho. Começa por onde? Você! [Aponta cada aluno]

THAINÁ: Thainá.

DOC.: Thainá? Tem quantos anos, Thainá?

THAINÁ: 7 anos.

DOC.: Sete anos, aluna da professora Bia, né? Do Colégio Barbosa Romeo.Vocês gostam da escola?

ALUNO: Escola Municipal Barbosa Romeo.

DOC.: Escola Municipal Barbosa Romeo, muito bem!
Thainá tem 7 anos, então. E você?

CAMILA: Camila.

DOC.: Camila tem quantos anos?

CAMILA: 7.

DOC.: 7 anos também.Estuda aqui há muito tempo, Camila? Entrou esse ano aqui na escola, foi? Camila, 7anos. E você?

NATÁLIA: Natália.

DOC.: Natália tem quantos anos, Natália?

NATÁLIA: 8.

DOC.: 8 anos, estuda aqui na escola há muito tempo? Também entrou esse ano? E você é?

SAMUEL: Samuel.

DOC.: Samuel quantos anos, Samuel?

SAMUEL: 7.

DOC.: [Repete os nomes para decorar] Deixe eu ver se eu aprendi: Thainá, Camila, Natália e Samuca, Samuel, certo? Thainá, Camila, Natália e Samuel. Samuel,

Natália, Camila, Thainá. Agora aprender o meu nome, o meu, o meu nome é mais difícil: Amarante.

TODOS: Amarante!

DOC.: OK, então? Então já que estamos apresentados, já que a gente já se conhece, já sabe o nome de todos...

SAMUEL: [ININT]

DOC.: Já,um bocadão né Samuca? Vamos lá! Já que nos conhecemos, agora quero que vocês assistam ao filme, pra poder a gente conversar sobre ele, tá bom? Então, vamos lá! Deixe eu ver onde é que liga aqui. Oh, deixe eu explicar pra vocês como é a história: essa história é uma história que tem um personagem chamado Chico Bento, vocês já ouviram falar de Chico Bento?

SAMUEL: Ah, eu tenho revistinha.

DOC.: Tem revistinha dele? Gostam de Chico Bento?

SAMUEL: ... dele no shopping.

DOC.: Agora deixe eu combinar uma coisa com vocês, oh: na hora que a gente for perguntar, depois que passar essa, essa conversa da gente, que vocês virem o vídeo, e que eu for chegar na minha casa, eu vou sentar com essa fita, pra ouvir e passar tudo pro papel, aí se duas pessoas falam ao mesmo tempo, eu não consigo passar pro papel. Podemos fazer esse combinado, então? Cada um só fala de uma vez, que aí a gente não... na hora de passar pro papel, eu consigo passar, tá bom? Pode ser? Então tá bom! Essa história Chico Bento vai pra... o shopping.

SAMUEL: O shopping!

DOC.: Né? Vai visitar o shopping, vai visitar o primo dele. Aí depois a gente vai conversar sobre isso. Vocês já conhecem Chico Bento? Sabem o que de Chico Bento? O que que vocês já sabem sobre Chico Bento? Quem sabe alguma coisa de Chico Bento? Samuca, sabe alguma coisa de Chico Bento? Nada! Tu não tem revistinha dele?

SAMUEL: Mas eu não leio.

DOC.: Não lê a revistinha, não né?

SAMUEL: Não gosto de ler.

DOC.: Mas não conhece nada de Chico Bento? Como é que Chico Bento é?

SAMUEL: Ele é um menino descalço.

DOC.: Ah, tá vendo que você já sabe alguma coisa sobre ele! Pois é. Então vamos assistir o vídeo, então? E depois a gente conversa de novo.

SAMUEL: [ININT]

DOC.: É? Vamos ver então!

[EXIBIÇÃO DO FILME]

DOC.: Que que vocês gostaram mais da história?

SAMUEL: Eu gostei quando ele entrou na piscina, e os dois "casal", falou: "oi... eu olho essa bunda..."

DOC.: Ah! É a parte que todo mundo mais gosta, é aquela. E Camila, gostou mais de quê? Dessa parte também? Foi a parte que vocês mais riram, não foi? Natália?

NATÁLIA: Também.

DOC.: Também gostou mais dessa parte? E Tainá?

TAINÁ: Também.

DOC.: Também? Agora o que é que vocês acham.... como é que vocês... quem que aparece nessa história? Fala aí pra mim. Quem é que aparece nessa história?

SAMUEL: Os guardas.

DOC.: Ãh?

SAMUEL: Chico Bento, o primo, o dono da loja e o... o... rapaz.

DOC.: Agora, me diz uma coisa, vamos pensar aqui, eu queria que vocês pensassem uma coisa comigo: o Chico Bento e o primo, como é que eles são? São muito parecidos, são muito diferentes? Como é que eles são? São muito parecidos, São muito parecidos, são muito diferentes? Como é que eles são?

SAMUEL: São muito diferentes.

DOC.: O que que tem de diferente, Samuca?

SAMUEL: É... um é a mesma coisa do outro.

DOC.: Como assim a mesma coisa?

SAMUEL: Um veste a roupa, e o outro não tem a mesma roupa.

DOC.: A roupa é diferente, é?

SAMUEL: É.

DOC.: O quê que tem de diferente na roupa deles?

SAMUEL: Um tava com a roupa vermelha, e ele tava com a roupa amarela.

DOC.: Ãh?

SAMUEL: Ele tava com a camisa amarela, e o primo tava com a camisa vermelha.

DOC.: Que mais? Vocês viram o que de diferente neles? Tainá, o que é que tem de diferente em Chico Bento e o primo?

TAINÁ: O cabelo.

DOC.: O cabelo é diferente, é? Como é o cabelo deles, Tainá?

SAMUEL: O chapéu, que um tem um. O Chico Bento tem, e o outro não tem.

DOC.: Ah, Chico Bento tem chapéu e o primo não tem chapéu?

SAMUEL: O primo tem sapato e Chico Bento não tem.

DOC.: Ah, Chico Bento parece que só usou botina pra ir pro shopping, não foi?

SAMUEL: É.

DOC.: Que mais que vocês vêem de diferente nos dois? Mais nada diferente? Tem?

ALUNA: A roupa.

DOC.: A roupa, o cabelo, o sapato, o que mais? São bem parecidinhos, mesmo? Hein, hein, Samuca? E no jeito deles serem, eles são muito parecidos no jeito de ser, ou são diferentes?

ALGUNS: Não sei.

DOC.: O jeito deles, é parecido, ou é diferente? O que que tem de diferente, Natália, no jeito deles?

NATÁLIA: A roupa.

DOC.: Ãh?

SAMUEL: Porque um tava, tava...

DOC.: O que que tem de diferente no jeito deles, o jeito deles é igual, ou eles são muito diferentes, no jeito de ser? O que que tem de diferente neles, que vocês observam? Nada? Fiz uma pergunta agora, pra vocês pensarem. E aí?

SAMUEL: O jeito de diferente?

DOC.: O que que eles tem de diferente no jeito? O jeito deles assim, é igualzinho ou tem alguma diferença?

SAMUEL: Igual, porque os dois são brancos.

DOC.: Os dois são brancos, mas é só isso que fazem os dois serem iguais?

SAMUEL: Não.

DOC.: Chico Bento vive num lugar perto do shopping? Então me fale um pouquinho sobre isso.

ALUNO: No interior.

SAMUEL: Ele vive...

DOC.: Ãh?

CAMILA: Porque ele mora na fazenda.

DOC.: Ele mora na fazenda, e o primo?

ALUNA: Mora.

DOC.: O primo também mora na fazenda, aquele primo dele? Você concorda, Camila, que o primo dele mora na fazenda também?

SAMUEL: Eu concordo.

DOC.: Concorda? Tainá?

TAINÁ: Concordo.

DOC.: É? Então os dois foram... mas o Chico Bento foi visitar o primo. Chico Bento foi visitar o primo, e aí o que que aconteceu? Se o primo tava lá perto do shopping. Já conhecia... quem conhecia mais o shopping, Chico Bento, ou o primo?

(A): O primo.

DOC.: O primo, então será que o primo mora na, na... fazenda, igual a Chico Bento?

SAMUEL: Não, mora perto do shopping.

DOC.: Deve morar perto do shopping, né, Lucas? E o que é que tem no jeito deles...

SAMUEL: Meu nome não é Lucas, não.

DOC.: Oh, esqueci! Samuca, Samuel.
O que que tem de diferente mais nele? O que que vocês observam mais de diferente neles? Nada?! São tão igualzinho, no jeito deles serem?

ALGUÉM: Ãh hã.

DOC.: Bota a cabeça pra funcionar, aí. Vamos pensar, aí. Lembrar de todos os detalhes de Chico Bento, todos os detalhezinhos que vocês lembrarem, dele e do primo, tem alguma coisa aí que seja de diferente, não?

SAMUEL: Tem!

DOC.: O quê Samuca? Vamos lá, vá!

SAMUEL: Porque o outro tava com dinheiro, e Chico Bento tava duro.

DOC.: Um tinha dinheiro e Chico Bento não tinha. Tá vendo? Já é mais alguma coisa, não tem mais nada?

SAMUEL: Pra ele comprar o sapato, ele tava duro.

DOC.: Ele não tinha. Tava duro, sem dinheiro pra comprar o sapato. Agora, Chico Bento fala do mesmo jeito que o primo dele?

TODOS: Não.

DOC.: O que que tem de diferente?

SAMUEL: A voz de Chico Bento é um pouquinho baixa.

DOC.: A voz de Chico Bento é um pouquinho baixa? É... Tainá? Tem algum jeito que Chico Bento fala diferente do primo, você concorda?

TAINÁ: Concordo.

DOC.: E como é que você vê essa diferença? Que diferença é que tem na fala deles dois?

TAINÁ: É porque um fala baixo e o outro fala alto.

DOC.: Um fala baixo e outro fala alto, é? Natália pensa também assim? Camila? Camila pensa assim também? Não tem mais nada de diferente na fala deles? Chico Bento mora na fazenda, na fazenda fala igual na acidade? Vocês acham que fala igual ou que fala diferente?

TODOS: Fala diferente.

DOC.: Como assim é a diferença da cidade pra roça? O jeito de falar?

ALUNA: Aqui também não fala igual no Japão, não.

DOC.: Aqui também não fala igual ao Japão, não. É verdade, Tainá. Cada um fala uma língua, é? E a língua da roça é diferente da língua da cidade?

TAINÁ: Aqui fala brasileiro.

DOC.: Aqui fala brasileiro, é? Hein? A língua da roça é outra língua, e a da cidade é outra? Vocês acham assim? Quem conhece alguém que mora na roça?

ALUNA: Eu conheço.

DOC.: Como é que é que essa pessoa fala? É outra língua?

ALUNA: Ela fala a mesma que eu falo.

DOC.: Mas fala parecido com você, ou diferente?

TAINÁ: Parecido, um pouquinho.

DOC.: E o que é que tem de diferente, Tainá?

TAINÁ: A língua.

DOC.: Como assim, a língua?

TAINÁ: Eu falo de um jeito, e a outra fala de outro.

SAMUEL: É, o jeito.

DOC.: Agora eu queria que Samuel me explicasse isso, como é assim, na roça fala de um jeito, e o outro fala de outro jeito, é assim? Vocês conhecem alguém que fale diferente de vocês?

ALGUÉM: Eu não.

OUTRA: Inglês.

DOC.: Gente que fala inglês. Mas gente que fala português mesmo, igual a gente, mas que fala de um jeito diferente?

ALUNA: Eu não.

DOC.: Conhece não?

ALUNA: Eu conheço uma que fala Alemão, que é minha tia, colega...

DOC.: Mas alguém que fale português, que vocês conhecem, mas que fala um pouco diferente da gente, nunca viram, não? Uma pessoa que fale assim, um pouco diferente da gente.

TAINÁ: Eu já.

DOC.: E aí, fala pra mim, Tainá, como é essa pessoa? Fala português, é?

TAINÁ: Mas faz muito tempo, me esqueci até.

DOC.: É?

SAMUEL: Ela tá dizendo que é os gringo.

TAINÁ: É.

DOC.: Aqui no Brasil, todo mundo fala igualzinho, igualzinho, igualzinho?

TODOS: Não.

DOC.: Não?

SAMUEL: Fala tudo diferente, cada um tem sua língua de falar diferente.

DOC.: Cada um tem sua língua de falar diferente, é? Aqui na Bahia todo mundo fala igual?

ALUNA: Não.

DOC.: A Bahia fala igual a São Paulo?

ALUNA: Minha tia, minha tia...

DOC.: Hein, Samuca, a Bahia fala igual a São Paulo?

SAMUEL: Não.

DOC.: Não? Você conhece alguém que fala igual ao povo de São Paulo?

SAMUEL: Minha tia fala.

DOC.: Como é que sua tia fala, você sabe imitar, não? Não?

ALUNA: Nem eu sei.

DOC.: Oh, então é isso gente. Eu queria... eu queria agradecer a vocês, viu? Por vocês terem vindo assistir ao vídeo, conversar um pouco comigo. Tá bom? Querem ver as fotos, como é que ficaram?

ALUNA: Quero.

DOC.: Então venham cá, pra vocês verem. Deixe eu só botar o dia da gravação. Hoje é dia quanto do mês?

SAMUEL: 28.

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Série: Educação Infantil
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: São alunos da professora...

TODOS: Mira.

DOC.: Que é aquela professora bonita que tava lá, hã. Agora vocês vão dizer o nome e a idade. Você é? [Aponta cada aluno]

MARCUS: Marcus.

DOC.: Quantos anos, Marcus?

MARCUS: É 6 anos.

DOC.: 6 anos. E você?

MARCELLE: Marcelle.

DOC.: Marcela.

MARCELLE: Marcelle.

DOC.: Quantos anos, Marcelle?

MARCELLE: 5.

MARIA CECÍLIA: Maria Cecília.

DOC.: Quantos anos?

MARIA CECÍLIA: 6.

NAÍSA: Naísa.

DOC.: Quantos anos?

NAÍSA: 6 anos.

DOC.: E você?

RODRIGO: Tenho 6 anos e meu nome é Rodrigo.

DOC.: Rodrigo, 6 anos. Muito bem, agora se ficar balançando a cadeira esse barulho todo aparece, tem que ficar bem quietinho pra não ficar barulho na cadeira, tá certo?

RODRIGO: Tá certo.

DOC.: Bem quietinho pra não ficar barulho na fita. Deixa eu explicar o que a gente vai fazer. Primeiro eu queria saber de vocês, se vocês sabem me dizer o que é que as pessoas fazem quando elas crescem. Quando as pessoas crescem, o que é que elas fazem? Que viram adultas, elas fazem o que pra trabalhar?

ALUNA: Fazem comida...

DOC.: Fazem comida, o que mais? Quando elas crescem ficam no [ININT] só é?

ALUNA: Faz arroz...

ALUNO: Faz carne...

ALUNA: Faz feijão... varrer a casa.

DOC.: Tá, vou ouvir todo mundo de novo, um de cada vez. Arrumar a casa, fazer comida, você falou o que mais?

ALUNA: Trabalhar...

DOC.: Trabalhar em quê?

ALUNA: Em dinheiro.

DOC.: Em dinheiro e o que mais? Quais são as profissões que vocês conhecem?

ALUNA: Fazer comida.

ALUNA: Lavar prato.

DOC.: Lavar prato, o que mais?

ALUNA: Varrer a casa.

DOC.: Hã?

ALUNA: Varrer a casa.

DOC.: Varrer a casa, qual mais, profissão? Só isso?

ALUNA: Passar pano.

DOC.: E quando a gente adoece, procura quem quando estamos doentes?

ALUNA: Médico.

DOC.: Médico, então tem médico também, tem a profissão de médico...

ALUNA: Tem.

DOC.: E quando a gente vai aprender a gente procura quem?

ALUNA: A professora.

DOC.: A professora, não é? E quando a gente tá com o dente doente, a gente procura quem?

ALUNA: O médico.

DOC.: O dentista. E quando a gente vai comprar uma roupa, a gente procura quem?

ALUNA: Uma loja.

DOC.: Uma loja, lá vai ter uma vendedora, não vai? Pra poder vender pra gente? Então tudo isso é profissão, né não? Como também a mulher que faz a comida, a mulher que lava roupa, que lava o carro, que dirige o carro, tudo isso é profissão. Agora eu quero a ajuda de vocês.

[Explica o que vão fazer.]

[AUDIÇÃO]

DOC.: É uma médica ou empregada doméstica?

ALUNA: Médica.

DOC.: Você acha que é uma médica?

ALUNO: Doméstica.

DOC.: Por que é uma doméstica?

ALUNO: Porque ela é.

DOC.: É só por isso?

ALUNO: Não, porque ela é médica.

DOC.: Por que você acha que ela é médica? Você acha que ela é médica por quê?

ALUNA: Porque ela tem voz de médica.

ALUNO: Ela é feia.

DOC.: Você disse que ela tem voz de médica, por que você acha que ela tem voz de médica? Tem voz de médica? A voz de médica é diferente da empregada?

ALUNA: É.

DOC.: Por que é diferente?

ALUNA: Porque a voz da médica fala alto.

DOC.: É? E a empregada não fala alto, não?

ALUNO: Fala.

DOC.: Qual a diferença então, que vocês acharam que ela é médica?

ALUNA: É doméstica.

ALUNO: É doméstica.

DOC.: E vocês, por que acham que ela é médica? Fiquei pensando em vocês, você falou que ela é médica, por quê?

ALUNA: Ela é médica.

ALUNO: É doméstica.

DOC.: Tá certo, então vamos pra outra. Agora vocês vão ouvir e vão me dizer se ela é uma faxineira. Essa aqui, vocês falaram que a outra é uma coisa e era outra. Agora vamos ouvir essa, vê se ela é médica ou se é varredora de rua. Tá certo? Se ela é a menina que varre a rua ou se ela é uma médica, tá bom? Vamos prestar atenção.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Ela é a menina que varre a rua ou parece uma médica?

ALUNO: É uma médica.

ALUNA: É uma médica.

ALUNO: A que varre a rua.

DOC.: Por que você acha que parece a que varre a rua?

ALUNO: Porque ela falou.

DOC.: Ela falou isso?

ALUNA: Foi.

ALUNO: Eu não ouvi, não.

DOC.: Não, ela parece uma pessoa que trabalha no hospital, uma médica, ou que varre rua?

ALUNA: Parece uma pessoa que varre rua?

DOC.: E por que você acha isso?

ALUNA: Porque a voz dela é alta.

DOC.: A voz dela é alta? Hum, é. Então tá bom, então.

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Série: CEB 1
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Os alunos da professora Aline, né isso, que fazem CEB I, né isso? Então, vamos lá! Você é? [Pergunta a cada aluno]

JAZIEL: Jaziel.

DOC.: Zé?

JAZIEL: Jaziel.

DOC.: E você?

PATRIQUE: Patrique.

DOC.: Patrique.

ÉRICA: Érica.

DOC.: Érica.

LAIANA: Laiana.

DOC.: Laiana. Jaziel tem quantos anos?

JAZIEL: 6.

DOC.: Patrique?

PATRIQUE: 6.

DOC.: 6? Érica?

ÉRICA; 6.

DOC.: 6? E Laiana?

LAIANA: 6.

DOC.: Então todos tem 6 anos, né isso? Então tá bom, deixa eu explicar o que que acontece. As pessoas quando crescem elas trabalham fazendo o quê?

ÉRICA: Trabalha de empregada, lavando roupa.

DOC.: Lavando roupa, né, Érica? O que mais? De empregada, cozinheira. O que mais?

ALUNA: Lavando prato.

DOC.: O que, quando as pessoas crescem, o que mais elas podem fazer?

ALUNA: Varrer a casa, fazer a comida.

DOC.: Mas só isso que as pessoas fazem?

ALUNA: Levar o cachorro pra passear.

DOC.: Só isso?

ALUNA: Não, e depois fazer as coisas, limpar a casa.

DOC.: Tá, então tá bom, mas as pessoas que trabalham fora, na rua, trabalham em quê?

ALUNA: Trabalham em prédio.

DOC.: Trabalham em prédio fazendo o quê?

ALUNA: Leva os cachorros pra passear, lava os pratos.

DOC.: Hã?

ALUNA: É... fazer a comida, um bocado de coisas.

DOC.: Tá bom, e me diz uma coisa, vocês já foram alguma vez ao médico?

TODOS: Eu já!

DOC.: Tem médico também, que trabalha, né? Além de médico, tem o que mais?

ALUNA: É... doméstica.

DOC.: Além de doméstica e médico, tem o que mais?

ALUNO: Médico.

ALUNA: Médico.

OUTRA: Eu já fui no médico.

DOC.: Não tem mais nada? No shopping, tem gente que trabalha no shopping?

TODOS: Tem!

DOC.: Que vende na loja, não tem?

ALUNO: No dia do Natal, tem Papai Noel.

DOC.: É, exatamente.

ALUNA: Eu já fui no médico, que me deu pirulito.

DOC.: Lhe deu um pirulito, foi? O que mais tem de profissão, que vocês conhecem? Médico, tem motorista de táxi, não tem?

TODOS: Tem!

DOC.: Tem médico, motorista de ônibus.

ALUNA: Tem gente que dirige carro.

ALUNO: Dirige topique.

DOC.: O que mais? Tem dentista?

ALUNA: Buzu.

DOC.: Tem dentista?

ALUNA: Tem.

DOC.: Tem dentista também. O que mais a gente conhece, de profissão? Professor, também, não tem...

ALUNA: Professora.

DOC.: Então, deixe eu explicar o que que vocês vão fazer agora, ta?

[Explica aos alunos]

[AUDIÇÃO]

DOC.: Essa primeira entrevista, essa pessoa, vocês acham que faz o quê? Faz o que, Érica?

ÉRICA: É... trabalha.

DOC.: Trabalha com o que, Érica?

ÉRICA: De motorista.

DOC.: Você acha que essa mulher é uma motorista? Por que ela é uma motorista?

ÉRICA: Porque ela...

DOC.: Por que ela... o quê? Por que ela é motorista de ônibus? Ela falou isso?

ALUNA: Não.

DOC.: Vocês acham que ela faz o quê? Patrique, você acha que essa mulher que falou, faz o quê?

ALUNA: Lava roupa.

DOC.: Você acha que ela lava roupa? Por que, Laiana, você acha que ela lava roupa?

ALUNA: Porque ela é ocupada.

DOC.: Por que ela é ocupada, né? Vamos ver a segunda, então.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Você! Davi, depois Jaziel, né? Você acha que essa mulher faz o quê?

JAZIEL: Dirige.

DOC.: Você acha que ela dirige o quê? Carro?

JAZIEL: É.

DOC.: Por que, Jaziel?

JAZIEL. Porque...

DOC.: Hein? Não sabe por que, só sabe que você acha que ela dirige.
Vamos ouvir a entrevista número 2 dessa mulher, que ela parece ser uma médica, ou uma empregada doméstica?

[AUDIÇÃO NOVAMENTE]

ALUNA: Uma empregada e lava roupa.

DOC.: Por que você acha que ela é uma empregada, Laiana?

LAIANA: Porque sim.

DOC.: Fala alto, pro tio ouvir.

LAIANA: Porque sim.

DOC.: Porque sim. Patrique acha que ela é uma empregada, também? Ou é uma médica?

PATRIQUE: Médica.

DOC.: Por que você acha que é uma médica?

PATRIQUE: Porque trabalha muito.

DOC.: Por que trabalha muito?! E empregada não trabalha muito também, não?

PATRIQUE: Trabalha.

DOC.: Trabalha, é? E Jaziel, acha que é o quê? Uma médica, ou uma empregada doméstica?

JAZIEL: Médica.

DOC.: Médica, por que Jaziel?

JAZIEL: Porque sim.

DOC.: Porque sim, né? Vamos ver a outra, agora. A terceira entrevista, eu quero que vocês me digam se ela é uma advogada ou se ela é mulher que trabalha como varredora de rua. Tá bom?

ALUNA: Tá.

DOC.: Se ela é uma mulher que varre rua ou se ela é uma advogada, tá certo?

ALUNA: Tá.

ALUNO: Uma advogada.

DOC.: Você não viu ainda. Vamos ver?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Essa aí da entrevista 3, vocês acham que ela parece uma advogada ou uma empregada doméstica?

ALUNA: Uma advogada.

DOC.: Por que, Érica, você acha que é uma advogada?

ÉRICA: Porque sim.

DOC.: É. Você não acha que pode ser empregada doméstica também, não? O que que você achou, Patrique? Parece com o jeito de uma empregada doméstica, ou com uma advogada?

PATRIQUE: Advogada.

DOC.: Por que você achou?

PATRIQUE: Porque sim.

DOC.: É, e Jaziel?

JAZIEL: Uma advogada.

DOC.: Advogada? E Laiana?

LAIANA: Advogada.

DOC.: Parece uma advogada? Vocês imaginam, por que parece uma advogada? Por que parece uma advogada?

ALUNO: Porque sim.

DOC.: Só 'porque sim'? Não tem nada que ajudou a vocês descobrirem que ela é uma advogada? Ela é uma advogada mesmo, sabia? O que vocês acham, que fez, que fez descobrir que ela é uma advogada?

ALUNA: O trabalho... ela trabalha muito.

DOC.: Você acha que ela trabalha muito, é?

ALUNO: Lava os pratos.

DOC.: Ela falou aí, que lava prato?

ALUNA: Não. Ela disse que ela...

DOC.: Vou passar de novo, só um pedacinho. Vocês ouviram ela falando, vou voltar só um pouquinho, pra vocês ouvirem.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Por que você acha que ela é uma advogada? Por que será que ela parece uma advogada, que vocês falaram?

ALUNA: Ela falou que gostava muito de amarelinha.

DOC.: Pois é. Por que ela parece uma advogada, que todo mundo falou?

ALUNA: Porque, porque é advogada.

DOC.: É?

ALUNA: É.

DOC.: Davi, por que você acha que é uma advogada?

DAVI: Ela falou tudo, como é que fala, Tudo explicado.

DOC.: Ela falou tudo explicado, e advogado gosta de falar tudo explicado, né? Vocês concordam com Davi? Ela fala tudo explicado, fala?

ALUNA: Fala.

ALUNO: Ela não explicou como era amarelinha, não...

DOC.: Então tá bom, vamos ver a próxima?

ALUNA: Vamos.

DOC.: Ela é uma mulher que trabalha no shopping, uma vendedora do shopping, ou uma caixa de supermercado?

[AUDIÇÃO]

ALUNA: Ela é... ela fala muito de...

DOC.: Fala como, Érica?

ÉRICA: De supermercado.

DOC.: Ela falou de supermercado, aí? Não! O que que você acha, Patrique, ela trabalha no supermercado ou no shopping?

PATRIQUE: No shopping.

DOC.: Por que você acha que ela trabalha no shopping, hein?

PATRIQUE: Não sei.

DOC.: É? E Jaziel?

JAZIEL: Trabalha no shopping.

DOC.: Trabalha no shopping, por quê?

JAZIEL: Porque sim.

DOC.: Porque sim. E Laiana?

LAIANA: No shopping.

DOC.: Por que, Lai?

LAIANA: Porque ela falou que vende roupa.

DOC.: Ela falou que vende roupa, falou?

ALUNA: Não.

DOC.: Mas você acha que ela trabalha no shopping? E Érica, ela trabalha no shopping, Érica? Tá bom então, vamos ver a próxima.

[AUDIÇÃO]

DOC.: E aí, ela é a menina que é zeladora do prédio ou é a dona do apartamento? Nada? Hein, Érica?

ÉRICA: Apartamento.

DOC.: Ela é dona do apartamento, não é a zeladora, não? Laiana?

LAIANA: Dona do apartamento.

DOC.: Dona do apartamento. E Jaziel?

JAZIEL: Zeladora.

DOC.: Zeladora por que, Jaziel? Hein? Só por que vocês acham? Não podem dizer nada sobre elas?

ALUNA: Eu não.

DOC.: Não, né?

ALUNA: Eu não sei onde ela mora...

DOC.: Mas, ouvindo ela falar, não dar pra perceber, não? Então tá bom. Agora eu tenho uma pergunta pra vocês: essa aí é uma médica, ou empregada doméstica?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Patrique, você acha que ela é uma médica ou uma empregada doméstica?

PATRIQUE: Médica.

DOC.: É? Jaziel?

JAZIEL: Empregada.

DOC.: Por que você acha que ela é uma empregada, Érica?

ÉRICA: Médica.

DOC.: Você acha que ela é uma médica. E Aline? Oh, Laiana!

LAIANA: Médica.

DOC.: Médica, e Davi?

DAVI: Empregada.

DOC.: Por que você acha, Davi, que é um empregada?

DAVI: A voz dela.

DOC.: A voz dela, é?

DAVI: É.

DOC.: Vamos ouvir de novo, pra ver se ela parece uma médica ou uma empregada. Bora ver?! Vocês acham que ela é o quê? Médica ou empregada?

ALUNO: Médica.

DOC.: Médica, Patrique, por que você acha que ela é médica?

PATRIQUE: Porque sim.

ÉRICA: Pra mim, é empregada.

DOC.: Pra você, é empregada? Por que você acha que é uma empregada, Érica?

ÉRICA: Porque ela tem a voz de empregada.

DOC.: Como é voz de empregada? Hein? Como é voz de empregada, que você tá falando? Pode falar. Hein? Fala! Você acha que ela tem a voz de empregada? Você acha, Jaziel, que ela tem uma voz de empregada? Como é a voz de empregada?

JAZIEL: Alta.

DOC.: É?

ÉRICA: Alta, muito alta.

DOC.: É? O quê mais que é que tem na voz de empregada?

ÉRICA: A voz de empregada é muito alta.

DOC.: Muito alta, né? Tá bom, então.

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Série: 4ª série
Intervenção 2: Concepções das crianças sobre a variação diastrática da língua

DOC.: Gravação com os alunos Rafael e Katie da 4º série, né, do Colégio Barbosa Romeo, alunos da professora Gene. Vamos lá! Oh, só um minutinho. Rafa tem quantos anos?

RAFAEL: 10.

DOC.: 10? E Katie?

KATIE: 10.

DOC.: 10, né? Então vamos ouvir as pessoas?

[AUDIÇÃO]

DOC.: Essa primeira tem cara da médica, ou da dentista? Ou da empregada?

KATIE: Dentista.

DOC.: Da dentista? Por quê?

KATIE: Porque ela fala que é em dupla, assim. Como se fosse dupla de... rancar o dente.

DOC.: É? Rafa, acha que é a dentista, por quê?

RAFAEL: Porque em dupla**,** pra escovar os dentes, olhar o dente dos alunos.

DOC.: É?

RAFAEL: É.

DOC.: Vamos ouvir a outra, então? Vamos ver a outra.

[AUDIÇÃO]

DOC.: Essa daí parece com quem, Katie?

KATIE: Com a empregada.

DOC.: Por que você acha?

KATIE: Ah, porque ela falou: “um pé”, como se fosse um pé de sapato, de uma criança que ela tava cuidando, essas coisas.

DOC.: Por que, você, Rafa?

RAFAEL: Porque ela disse assim: “um negócio no chão amarelo”, parecendo que... quer dizer, a casa tava suja.

DOC.: Ela... ela... o dentista fala desse jeito, também?

OS DOIS: Não.

DOC.: Que que vocês acham diferente, no jeito dela falar?

RAFAEL: Que a dentista fala... é...

KATIE: A dentista fala o problema, assim, que tá no dente, que tem no dente.

RAFAEL: “O dente tá branco, o daqui tem que escovar, tem que botar aparelho...”.

DOC.: Então essa segunda não parecia com uma dentista, não?

OS DOIS: Não.

DOC.: E se ela não tivesse falado nada, assim, nenhuma pista, assim, de nada: de chão, ou de coisa assim, como é que vocês iam saber, se ela era uma dentista, ou uma empregada? Se ela só tivesse dito, assim: “meu nome é fulano de tal, e eu moro em tal lugar, assim, assim, assim”. Como é que vocês iam saber, se ela era dentista ou empregada?

RAFAEL: Porque também...

KATIE: Porque às vezes a dentista tem mais condição e a empregada, não.

RAFAEL: A dentista fica calada.

DOC.: O dentista fica calado, é?

RAFAEL: É, olhando dente em silêncio.

DOC.: E como é que vocês iam saber qual das duas era a dentista e qual era a empregada?

KATIE: Que eu acho que assim, a empregada tinha assim... ou a dentista tinha mais condição, e a empregada não. Podia assim, se ela falasse aonde ela morava.

DOC.: E aqui... então tá bom. Sem falar aonde, onde mora. Se ela falasse só: “meu nome é fulano de tal, eu estudei muito, então eu sei lá...”. Ou não.

RAFAEL: Quem estuda muito, ia ser...

KATIE: ... dentista.

RAFAEL: É dentista!

DOC.: Ah é? Empregada não estuda não, é?

KATIE: Estuda.

RAFAEL: Mas estuda pouco.

KATIE: Mas estudou muito...

DOC.: E, como é que vocês iam saber, se não falasse em estudar. Como é que vocês iriam saber? Se ela só contasse, por exemplo, se todas as duas contassem a história de Chapeuzinho Vermelho, pra gente. Todas duas conhecem, como é que vocês iam saber, qual é a dentista e qual é a médica?

RAFAEL: Porque uma veste roupa verde.

DOC.: Mas você não tá vendo. Como é que vocês iam saber qual é a dentista e qual é a médica ou quem é a empregada?

RAFAEL: Uma tem a voz mais fina que a outra.

DOC.: É, uma tem a voz mais fina? Como é, quem seria a voz mais fina?

KATIE: Médica.

RAFAEL: A médica.

DOC.: Por quê? Como é uma voz fina?

RAFAEL: Porque... é aquela bem baixa.

DOC.: E a empregada fala mais alto, é?

RAFAEL: Não, fala muito pouco.

DOC.: Hã?

RAFAEL: Fala muito alto, mesmo.

DOC.: Fala o quê?

KATIE: Fala muito alto.

RAFAEL: É. E até quando fala: “oh, venha cá, isso aqui tá sujo”. [Dentista] fala calma.

DOC.: É, né?

RAFAEL: É.

DOC.: Então... é... é... vocês acham que a empregada fala mais alto?

KATIE: É.

DOC.: Tá bom, então! Sua mãe faz o que, Katie?

KATIE: Ãh?

DOC.: Sua mãe faz o quê?

KATIE: Minha mãe por enquanto não tá fazendo nada, porque ela tem...

DOC.: Tá trabalhando dentro de casa?

KATIE: É.

DOC.: Então, tá trabalhando muito, Katie.

KATIE: Ãh?

DOC.: Tá trabalhando muito, dentro de casa tem muito trabalho. E Rafa, sua mãe faz o quê?

RAFAEL: Minha mãe trabalha em sítio.

DOC.: É mesmo? Então, você chupa uma manga direto?

RAFAEL: É.

DOC.: É gente, muito obrigado pela ajuda!

ANEXO C – *Corpus* B. Dados transcritos a partir de entrevistas a professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental – Colégio Villa Lobos

Colégio Villa Lobos

Nome da Professora: Gleiciane
Idade: (Não perguntado. Aparenta ter entre 25 e 30 anos.)
Formação: Pedagogia
Tempo de trabalho na escola: 2 anos

Série em que atua: Educação Infantil

Faixa etária dos alunos: Média de 6 anos

DOC.: Que situações que envolvam oralidade você propõe aos meninos?

PROF.: Discussões em roda, quando a gente tá levantando conhecimento prévio, então as crianças se colocam, geralmente na roda... Eh ... Deixa eu pensar um pouquinho... Quando eles estão aprendendo textos, então eles memorizam esses textos e eles repetem os textos e é o momento também da gente tá ampliando o vocabulário dos meninos, né? durante outras conversas, conversas que não acontecem dentro do espaço da sala de aula, mas no parque, em outros espaços, o trabalho não acontece só na sala de aula, né? então todo momento a gente, dentro da escola, a gente vai mediando a fala das crianças para que eles possam tá realmente ampliando esse vocabulário, trazendo outras palavras.

DOC.: Que tipo de intervenção você geralmente faz durante essas atividades? Com que objetivos?

PROF.: Por exemplo, algumas vezes a gente tá é trabalhando um texto e assim esse texto precisa ser lido porque essa criança precisa ter acesso, ainda que aquela palavra ou alguns termos sejam desconhecidos ela precisa ter acesso. Então, durante essa leitura eles às vezes questionam né as palavras desconhecidas e aí eu vou trazer sinônimos dessas palavras sem é deixar de tá pronunciando as palavras que estão nos textos ou... muitas vezes eles fazem é uma colocação em roda, por exemplo, a gente fez um trabalho... né do conto (?) ou da Grécia e aí eles fazem uma colocação e eu posso estar devolvendo isso pra eles só que usando outros termos né, assim, eles fazem uma colocação na linguagem deles e eu posso tá devolvendo isso pra eles pra que eles já possam se aproximar de outros termos, eu não tô me lembrando de nada específico agora, mas, por exemplo, eh, eh, eh tem, nesse trabalho, eu fiz um trabalho da Grécia e os gregos eles ... usavam pouca roupa e em algumas situações usavam roupa nenhuma e algumas crianças usavam termos assim... da linguagem da linguagem comum né, nuelos, né, sempre se referiam 'é porque esles são nuelos, é por que estão nuelos, é porque eles usam nuelos'. Eu tive duas crianças que usavam esses termos e aí eu falava assim 'ah, eles estavam sem roupa, ah tá, a nudez dos gregos' e aí procurava aproximar outros termos, né, valorizando o termo que ela tinha trazido, mas levantando também outros termos

pra que ela po pudesse fazer uma associação, né, de que aquela palavra... é... numa linguagem mais ... formal tinha um outro, um outro termo.

DOC.: A criança se depara com uma palavra para escrever e escreve muito próximo à forma como fala. Que intervenção você faz ou pode fazer numa situação dessas?

PROF.: É porque na verdade a criança é nas nas séries iniciais, no ciclo da Educação Infantil, ela, quando ela começa a tá escrevendo, quando ela começa o sistema de escrita, ela vai associando com a fala, deixa eu ver se eu entendi, é ela associa com a fala, porém uma criança que não tenha uma uma fala correta, é isso, ou que tenha um vício de...ela tá escrevendo homi, não é que não é que tá errado, mas ela tá se aproximando da forma que ela fala. Bom, a gente pode no primeiro momento tá fazendo intervenções do tipo é, por exemplo, vamos dizer que é um texto ou que ela tá fazendo a reescrita de um texto, então... a partir de um reconto que foi feito na sala, né, aí eu contei a história, eles recontaram, e então as criança vão fazer uma produção na reescrita e aí eu posso tá voltando a leitura desse texto para que ela comece a se aproximar da fala correta porque esse essa relação com a fala e a escrita, principalmente com as crianças menores, ela é muito comum, então eu posso 'ah, o homem não sei o quê, não sei o quê tal tal tal tal tal tal tal' pra que ela comece a se aproximar disso. Talvez isso nesse momento não seja suficiente, então uma outra situação eu posso propor que ela esteja com outras crianças essa pode ser uma atividade que essa criança faça em grupo se eu percebi que é uma uma situação que tá na fala da criança e que pra ela é normal tá falando homi não homem, então eu vou aproximar ela de outras crianças que tenham uma fala ... mais correta, mais próxima do que é ... correto, pra que ela possa ... é ... ficar em conflito mesmo... se ela fala homi e o coleguinha fala homem, né, e aí ela vai começar a pensar sobre isso, mas se não for o suficiente eu posso tá sinalizando pra essa criança.

DOC.: Como você classificaria o registro lingüístico dos alunos?

PROF.: Eu nunca me dei conta de fazer uma classificação para isso, né, eu acho que se a gente tem, por exemplo, numa sala uma criança que ela traz muitas muitas falas que não existe concordância entre as falas e aí a gente realmente já supõe que assim é ... em casa será que é uma criança que convive com pessoas que que não lêem, que não não não tiveram uma oportunidade de fazer essas associações pessoas que não tiveram acesso a um determinado tipo de cultura, pessoas que não tiveram uma escolarização, pessoas do interior onde é muito comum uma certa fala, uma certa regionalidade na fala, então eu acho que de repente eu pensaria nisso, agora eu nunca pensei numa classificação, né, sé é, por exemplo, de um grupo, eu já já fiz um trabalho na zona na zona rural então aquilo naquele grupo era comum, né porque era do grupo é do lugar, todos falarem ou faltando, muito distante do que seria convencional ou faltando letras pelo próprio acesso à leitura e ái existe uma série de variáveis por exemplo nesse lugar não tinha jornal e esse foi um trabalho que eu fiz com professores, mas conheci as crianças também, né, porque passei dois dias lá, então nesse lugar o jornal quando chegava era um jornal muito velho, não tinha jornal, não tinha leitura, então aquilo era muito comum, não é. se eu tô num grupo como o grupo do Villa Lobos que é socialmente existe outras variáveis aí eu tenho que tá pensando assim 'porque que

essa criança que tem um universo que foi favorecida, né assim, entre aspas é o que a gente pensa né porque ela se ela tá aqui é porque ela foi favorecida culturalmente de alguma forma tem acesso a algumas coisas tá falando desse jeito, quem será, será que tem alguém na casa dela, por exemplo, ela convive muito com a babá que não teve acesso à escolarização é é convive muito em outros espaços será que é uma questão da família, a gente começa a pensar, agora eu nunca me dei conta assim de uma classificação, nunca pensei nisso

DOC.: Em sua opinião como uma criança entende o fato de estar estudando a língua portuguesa na escola se ela já é falante dessa língua?

PROF.: Sabe de uma coisa eu às vezes penso que eles acham que aquilo que eles sabem não é, por mais que a gente valorize, e eu não tô nem me reportando à educação infantil, mas assim das vivências que eu já tive, é que aquilo que eles sabem não é ... não é suficiente porque se fosse ele não teria que vir para a escola, né, que aquilo que ele sabe é... não tem o valor que ele gostaria ... que tivesse né porque por mais que ele fale ele tem coisas a aprender né e quando ele chega no ensino fundamental então que ele começa a estar a ter acesso as normas ... gramaticais, as regras né que eu acho que o conflito, quando é uma escola que oferece a oportunidade de diálogo, o conflito é ainda maior né porque as crianças começam a questionar assim 'e por que não, mas assim se eu escrevo com um R só, tá correto porque eu ouço R, né, é muito complicado pra o aluno, acho que sobretudo pras crianças tá lidando com essa com essa questão.

APÓS AUDIÇÃO DA ENTREVISTA

DOC.: Depois de ouvir sua entrevista você modificaria alguma coisa nela?

PROF.: Eu, na verdade, eu acrescentaria que é... Um dos objetivos da educação infantil, eu acho que o trabalho da escola né, é tá melhorando essa ... oralidade das crianças né e eu não falei não falei disso, eu fiquei falando muito na questão da escrita, mas é tá melhorando isso, tá fazendo situações planejadas, onde a gente possa tá devolvendo pras crianças uma fala mais convencional, não é, na verdade quando essa criança tem é em casa algo construído como essa coisa do HOMI porque minha mãe fala e aí Homi né e não homem isso fica mais difícil, né na verdade eu queria ouvindo minha entrevista acrescentar isso, isso fica mais difícil, principalmente essa questão da oralidade, né, porque a questão da da escrita tá claro pra pra socialmente fica mais claro que é uma uma das obrigações da escola né, esse termo, os deveres da escola, não é só da escola, mas pra sociedade tá mais explícito que a criança vem pra escola pra estar escrevendo, mas em relação a à oralidade isso não fica muito claro, assim de que é é estra na escola também pra tá desenvolvendo a fala e não só a questão, a gente falou muito eu falei muito da coisa da da do vocabulário, mas existem outras questões aí, como por exemplo, é não estar falando o que já foi dito, essa é uma situação também que pode ser planejada do tipo todos se colocam, e aí o que foi que você falou mesmo, ah eu falei que a água é azul e aí o outro vem e fala assim porque a água é da cor do céu, então essa é uma questão também que dentro dentro do que a gente faz na escola

que é trabalhada né assim e a água é da cor do céu é de que cor ah é azul então a água é azul já foi dito já então alguém tem alguma coisa diferente do que foi dito pra estar falando ou alguém pode falar mais alguma coisa além de água é azul, então assim, ouvindo a entrevista, eu percebi que é uma coisa que fica assim talvez até que seja cultural, eu mesma só falei da ampliar vocabulário, né, aproximar as crianças da fala mais convencional, mas em nenhum momento, e assim tudo me reportando à escrita, né, mas acabei não falando que a o trabalho da oralidade também é um trabalho que é feito na escola e que a sociedade às vezes não se dá conta disso.

DOC.: Pelo que você ouviu, você se considera uma boa falante do português? Por quê?

PROF.: Eu acho, eu procuro é... Ter uma linguagem clara, eu procuro... Talvez às vezes eu seja, encha lingüiça, né, quando tô falando, mas eu procuro tá falando as palavras, pronunciando as palavras né corretamente, a questão da pronúncia, tá pensando na concordância, então eu acho que dentro de alguma limitação que eu possa ter eua cho que sim.

DOC.: Você acha que os meninos nessa idade já percebem a variação que ocorre na língua?

PROF.: Já, porque às vezes quando a gente tem numa sala, uma criança ou duas ou três que trazem alguma coisa ou que falam de alguma forma, que não é comum à maioria do grupo ou às vezes você recebe uma criança de outro estado, né, eu já trabalhei com crianças de outro estado, e.. que elas tinham muitas vezes uma clareza muito maior né na fala pela idade uma preocupação muito maior com a, talvez tenha sido uma questão daquela criança, e aí o grupo ou estranhava ou ou comentava ou dava risada né ou às vezes quando a criança fala faltando letras eu já vi crianças muito críticas até no grupo que eu trabalhei esse ano que foi o grupo 5, crianças muito críticas em relação à fala do outro, né uma criança que falava faltando letra e a própria criança corrigir, engtão eu acho que eles se dão conta. Por que pra criança que estranhou o que criticou, aquilo não é comum ao universo dela, não é o que ela normalmente tá ouvindo em casa né no convívio com as outras pessoas nos outros lugares onde ela passa. Eu acredito que seja isso.

COLÉGIO VILLA LOBOS
Nome da Professora: Maíza Cotrim
Idade: (Não perguntado. Aparente ter entre 35 e 40 anos.)
Formação: Pedagogia
Tempo de trabalho na escola: 3 anos
Série em que atua: Educação Infantil
Faixa etária dos alunos: 6 e 7 anos

DOC.: Que situações que envolvam oralidade você propõe aos meninos?

PROF.: Olha, inicialmente ... nas questões informais o diálogo, na verdade em vários momentos o que eu procuro fazer é que a criança expresse o que sente, o que quer, que ele explicite também combinados pra uma convivência em grupo e depois é uma rotina já do trabalho que eu faço é ... as rodas... todos os momentos de rodas eu priorizo que todas as crianças falem, de todos os assuntos que surgem, na verdade eu costumo trabalhar dividindo as áreas de conhecimento por semana e todo dia tem uma roda, então assim, nesses momentos é o exercício da criança se expor, que na verdade a criança pequena às vezes tem uma resistência, e de falar sobre várias coisas, sobre sua vida, sobre o trabalho, sobre o que se lê, sobre o que pensa, sobre as dificuldades nas relações entre eles, então assim, contar histórias, falar sobre essas histórias lidas, e resolução de conflitos mesmo, como eles se sentem nesses âmbitos, né.

DOC.: Que tipo de intervenção você geralmente faz durante essas atividades? Com que objetivos?

PROF.: Na verdade assim, quando eu sinto que uma criança tem dificuldade de se expressar eu procuro fazer perguntas que levem ele a encaminhar seu pensamento, objetivando que ele tenha uma clareza maior, que ele elabore direito o que ele quer falar e que ele se coloque para que os outros compreendam o que ele quer dizer. É quando é em questões mais pedagógicas, de conhecimentos, que a gente tá tratando nessas nesses momentos é eu faço perguntas para que ele pensa que ele possa pensar sobre aquilo e relacione com outra coisa, porque muitas vezes a criança tem você sabe que vai sair algo legal e que ela não sabe se expressar então se você traz uma coisa que ela possa linkar aquilo né ela já consegue se expressar bem ... e ... nas questões assim mais espontâneas, de relações, eu sempre pergunto como ela se sente, o que foi que aconteceu, assim pra... ela se sentir segura em colocar o que tá realmente incomodando, o que ela quer resolver né, o que ela acha injusto, porque criança nessa faixa etária tem muito assim, elas tão rompendo com aquela coisa do... do egocentrismo e aí começa a enxergar o outro, então é bom que a gente traga assim, você se sente assim mas o que você fez causou isso no outro, o que você pensa sobre isso, se fosse você, então ela ... consegue elaborar melhor e se expressar, né?

DOC.: A criança se depara com uma palavra para escrever e escreve muito próximo à forma como fala. Que intervenção você faz ou pode fazer numa situação dessas?

PROF.: A princípio eu peço que ela leia o que ela escreveu, se mesmo assim ela não se dá conta, eu falo a palavra pra ela e peço que ela preste atenção no som que essa pa palavra surte. E geralmente depois dessas duas intervenções ela ... Se for questões ortográficas... se a criança já está é tendo esses conflitos né eu muitas vezes ela pergunta se funcionário escreve com S ou com C antes de perguntar ou com Ç e assim na medida do que do possível eu respondo o que dá pra ela assimilar. Geralmente eu peço pra ler, se ela não se dá conta eu pronuncio e peço pra ela pronunciar pra atentar para o efeito sonoro, geralmente esses dois, essas duas intervenções dão conta.

DOC.: Como classifica o registro lingüístico dos alunos.

PROF.: Em termos de qualidade? É porque a família é uma influência grande nessa questão das produções de de língua, né, tanto da fala como da escrita é a família é a referência a princípio. Ãs vezes é muito claro a família que tem uma cultura, que tem um investimento maior em termos de leitura, de linguagens, é muito claro, você vê a diferença de uma criança que tem isso e que não tem em casa, e assim é aquela coisa mesmo que a gente sabe que o primeiro modelo é a família né a professora e a escola é segunda interferência que tem, e ... as crianças da turma que ultimamente eu tenho trabalhado... mostra bem isso, é ... na verdade eu entendi muito se você quer que eu classifico como bom ou como ruim como positivo. Uma coisa que me incomoda e que me inquieta é assim, o valor que a família também atribui a esse registro, as crianças que produzem mais que tem mais estímulos familiares e que a família valoriza isso tem muito mais ... vontade e prazer de fazer, de produzir, a família que a mãe, ela ela vai fazer aquilo pra quem se a mãe não não liga, se o pai não liga, se não valoriza, se acha que a escola é uma instituição que tem que ir, mas que não importa muito o que você faz na escola, não tô preocupada, eu quero que você passe de ano e que você não me dê problema, não é, mas que não, então assim.... eu acho que essas influências da família é muito importante, e o valor que essa família dá a essas produções, de tá o tempo todo querendo saber o que é que tá acontecendo, o que que eles fazem, a qualidade do que eles fazem e valorizar isso, eu acho que isso ajuda muito o aluno a se a querer ser e a querer fazer bem feito e a querer buscar, a questão das pesquisas deles [a fala?] eu tô muito na escrita né. Eu acho que a fala, assim é muito engraçado, teve uma escola anterior que eu trabalhava que tinha uma coisa que... era muito claro nas crianças é uma fala uma linguagem mais re rebuscada, né, que era tratado tanto na sala de aula né isso e também em casa que os pais são mais intelectuais, levam ao teatro, ao cinema e tem um nível de interlocução muito maior com os filohs, que assim, os meninos usam linguagens que muitas vezes só adultos usam. E assim eu acho que é de suma importância essa interferência da família e da escola também, de ficar usando essas palavras realmente que tenham significado mais amplo, mesmo que os meninos não saibam o significado, que você trate isso, trazer o tempo todo palavras que estejam contextualizadas, mas que eles possam entender, né.

DOC.: Em sua opinião como uma criança entende o fato de estar estudando a língua portuguesa na escola se ela já é falante dessa língua?

PROF.: Na verdade assim, é incrível isso que na alfabetização eles chegam sem se dar conta de que a língua portuguesa é a língua falada por eles, assim, de saber esse fato, acho que eles não se dão conta, por exemplo, eles são falantes da língua, chegam na alfabetização falantes né, e não são leitores ainda né, entre aspas, proficientes, aí ao mesmo tempo eles começam a descobrir que essa língua é decodificada é descoberta através da escrita e que é a língua que eles falam, na verdade é uma coisa até assim interessante que eu me dei conta de que é uma coisa que dá pra conversar com os meninos sobre isso e informar né, que assim eu fico pensando todos os conteúdos que a gente traz pra escola os meninos às vezes estuda e não sabe pra que vai fa o que é aquilo o que é que vai fazer com aquilo, eu lembro que um certo tempo, quando eu comecei a trabalhar matemática, eu comecei a fazer a levar eles a pensarem, porque que a gente trabalhava matemática, onde foi que surgiu a matemática, onde é que a gente encontra os números, e começar a fazer eles pensarem que o conhecimento que eles tão a construindo na escola é um conhecimento da vida deles, e essa coisa da língua eu acho que eles não se dão conta de que eles chegam pra aprender língua portuguesa que assim chega na Educação Infantil, de uma certa forma, eles começam a classificar e aprender que os conteúdos são classificáveis né, que trabalha projeto de língua, projeto de matemática, projeto de natureza e sociedade, mas assim, até então acho que eles não pensam sobre isso, pensam no conhecimento como um todo e não se dão conta de que eles são falantes de uma língua que eles tão para aprender né outras questões dessa língua, eu acho que eles não se dão conta desse conhecimento que eles já possuem, e é uma coisa legal a gente falar né?

APÓS AUDIÇÃO DA ENTREVISTA

DOC.: Depois de ouvir sua entrevista você modificaria alguma coisa nela?

PROF.: É tão engraçado a gente se vê a gente se ouvir, na verdade a gente não se vê a gente se vê falando, ouvir o que falou e se dá conta de que deixou de falar um monte de coisa, de relacionar um monte de coisa, é na verdade, assim... Tem coisas que eu deixaria e tem coisas que eu ampliaria, na primeira pergunta mesmo, tem uma coisa importante que eu deixei de falar em relação a linguagem oral, como eu faço geralmente esse trabalho, que é a questão do do da auto-regulação dos meninos em relação ao conhecimento ao que eles queriam o que eu sabia e o que eu quero saber sobre isso, porque aí a partir do momento que você considera o que ele já traz e considera o que ele quer saber você já tem uma dimensão de que caminho ir né e assim e de tratar esses conhecimentos que eles querem saber é deixando claro pra eles mesmos que eles tão querendo saber isso, que tão querendo saber aquilo, que dá muito mais oportunidade de ele *linkar* esses conhecimentos né? E tem as coisas a questão também do reconto, que a gente faz coletivamente tem menino que chega sem falar nada sem conseguir é observar e escutar uma história e elaborar aquela história para recontar. Então a partir do momento que ele vê o colega fazendo isso e ele fazendo isso coletivamente

também mesmo que em pequenos trechos ele se dá conta de que também sabe, de que ele também pode, que a memória dele dá conta disso né, então assim de melhorar muito essa essa forma de de narrar coisas e assim a importância também da linguagem do professor que é o principal modelo de sala de aula e aí você se dá conta de que os meninos às vezes tão fazendo igualzinho igual tá fazendo igualzinho a você te imitando te achando bonito e querendo também ter uma linguagem mais rebuscada, né, conseguir se expressar de uma forma mais eficiente, em todos os aspectos. e tem uma questão também que eu deixei de tratar aí em todas as perguntas que é a questão do social né, do meio em que a a criança vive, que a gente ficou muito da família, da escola, mas a linguagem não se restringe a isso, tem os irmãos mais velhos que faz parte da família, tem os vizinhos e tem a comunidade que ele vive que é de de principal influência também nessa... construção da linguagem oral.

DOC.: Pelo que você ouviu, você se considera uma boa falante do português? Por quê?

PROF.: Média, eu me acho média, porque eu tenho uma rapidez de pensamento muito... Grande e eu tenho dificuldade em elaborar esse pensamento e me expressar do jeito que é... Na minha cabeça, assim enquanto eu escuto alguém falando, enquanto eu penso em alguma coisa, eu passo por uma turbulência muito grande assim de de relacionar uma coisa com outra, de ter uma idéia e tentar articular com outra coisa que eu quero falar e na hora de elaborar mesmo eu penso que tá claro e elaborado e na hora que eu vou é falar eu não consigo dizer tudo que eu quero e que eu pensei. Muitas vezes eu consigo, às vezes na escrita eu consigo melhor que na fala.

DOC.: Você acha que os meninos nessa idade já percebem a variação que ocorre na língua?

PROF.: Sim, eu fiz um trabalho agora um projeto Povos do Sertão e é incrível como é uma coisa assim sutil, mas que criança pequena já se dá conta. Que essa variação da língua, do sotaque, do jeito de falar e de ser das pessoas é a gente viu dois filmes ... Um foi Abril Despedaçado que é um filme que tem uma linguagem bem diferente né que é povo nordestino e a gente viu um também dos Trapalhoões que falava negócio de sertão e que assim... esse filme Abril Despedaçado eles se comunicavam muito pouco, né, as frases curtas e de um jeito bem ... sertanejo mesmo e eles perceberam logo isso e viram que eles falam diferente, no projeto também que a gente trabalhou de histórias em quadrinhos as falas de Chico Bento né, de ser da roça, aquele jeito de falar e assim e uma coisa que eu fiquei super contente com meu grupo que eles tinham um sentimento de ... de admiração por aquela ... coisa do.... da humildade né, assim teve uma criança que fez até um depoimento assim dizendo que 'engraçado eu fiquei com pena eles falam de um jeito tão simples, a risada deles' eu senti que foi solidária, aquela humildade, aquela coisa digna do homem do campo, sabe, dessas diferenças lingúísticas, eu achoque eles se tocam muito, tem uma questão também do do Salvador, o lugar que eles moram é uma cidade que tem gente que fala de todos os tipos, tem muita,

eu mesmo sou do interior e tem coisas que eles falam assim 'ah pró, só você que fala isso né? Palavras que são inerentes ao ao tipo do lugar que a pessoa viveu, que em algum momento traz de alguma forma e criança é muito sensivel a isso e eu acho que até criança menor saberia ver.

COLÉGIO VILLA LOBOS
Nome da Professora: Kátia
Idade: (Não perguntado. Aparenta ter entre 30 e 35 anos.)

Formação: Pedagogia

Tempo de trabalho na escola: 3 anos
Série em que atua: 1ª série
Faixa etária dos alunos: 7 e 8 anos

DOC.: Que atividades que envolvam oralidade você propõe aos alunos?

PROF.: Nós temos, primeiro eu vou te falar que oralidade ela é muito importante principalmente na faixa etária que a gente trabalha, né, que são essas crianças de sete anos, ou melhor, não só de sete, mas com todo um processo escolar, mas assim eh a oralidade ela permite o melhoramento na escrita e também na organização de idéias, eh e você me perguntou sobre o trabalho, né? Nós temos os trabalhos com contos na área de língua aonde as crianças através de recontos elas desenvolvem a oralidade nisso tá incluindo inserindo no caso o vocabulário né, o enriquecimento do vocabulário, elas é organizarem as idéias, por exemplo, a seqüência de um conto, o que é que vem no começo, no meio, no final, no trabalho que a gente desenvolve em outros projetos na área de Ciências, História, Geografia, eles falarem sobre os conhecimentos prévios que ele tem das histórias e também começar emitir opiniões, desenvolver o senso crítico com o que tá sendo apresentado, então assim é a organização mesmo de idéias né, saber argumentar o que ele quer, mas pra isso a gente precisa desenvolver essa oralidade, eh o ano passado também com as crianças de sete anos com a primeira série eu recebi crianças que não falavam, então elas eh eu tive que fazer um trabalho de oralidade mais pontual pontual com ela, né, e daí no final do ano essa criança passou a ser a ser uma criança falante aonde ela ex ela expunha as idéias dela sabe, ela começou a argumentar no grupo, falar e até fez um abaixo-assinado na escola (risos) reivindincando seus direitos, mas pra isso ela precisou passar por todo esse processo o professor na roda dizer 'e aí, fulaninho, que que cê acha, agora também a gente precisa respeitar esse momento da criança, se ela não quiser se pronunciar a gente dá um tempo, não esquecer, mas de vez vez em quando voltar até ... agora assim ela criar um vínculo e a confiança no professor e no grupo, a partir daí ela começa a lançar mão desses desafios, começa a se lançar no que está sendo proposto, ela começa a adquirir a confiança.

DOC.: Que tipo de intervenção você geralmente faz durante essas atividades? Com que objetivos?

PROF.: A gente apresenta novos desafios né, pra que eles para que a gente pra que eles possam desestabilizar o que eles traz porque muitas vezes as crianças de sete anos elas trazem algo que para elas é concreto ... Tem um fim né e aí quando a gente lança intervenções que fazem que dão um conflito né, que desestabiliza, aí é buscar mesmo esse tipo de situação pra que ela avance mais em sua fala, né, e... também nós temos nesse trabalho com oralidade a gente tem crianças que falam pelo cotovelo né e tem umas outras que não, mas aí a gente precisa oportunizar

essas outras para que elas também se pronunciem, às vezes a gente precisa pedir ao cara que dê um tempo né, para que o outro fale, pra que o outro desenvolva sua oralidade e também ela passa a ser um modelo praquele ou praquele que não está ainda nesse mesmo processo, mas atividades sempre lançando desafios pra que as crianças avancem.

DOC.: A criança se depara com uma palavra para escrever e escreve muito próximo à forma como fala. Que intervenção você faz ou pode fazer numa situação dessas?

PROF.: Primeiro eh nessa situação eu busco com a criança a gente vai investigar a palavra que ele escreveu, tá, então a gente vai analisar, aí nessa, primeiro eu peço a ele que ele leia a palavra, né, muitas vezes tem crianças que nesse momento ele percebe que ele escreveu de uma forma incorreta, entre aspas, mas muitas vezes ele também não percebe, não é o momento ainda dele, então eu como professora aí leio a palavra pra ele, co, aí eu digo a ele, então olha, agora eu vou ler como você escreveu, então, tomati, se ele não percebeu dá um tempo, num outro momento eu pego uma outra atividade,aonde tem um texto, pega um texto aonde tenha a palavra tomate e peço a ele que leia e que busque e depois ele vai fazer um pareamento com o que ele escreveu com a palavra no caso escrita convencionalmente.

DOC.: Como classifica o registro lingüístico dos alunos.

PROF.: É justamente isso aí é cultural né, é as crianças não só com a fala, mas de um de um modo geral num contexto cada um vem com uma cultura, né, então crianças cada um já traz consigo os conhecimentos que são construídos na família, então quando chega na escola a gente é... não é que nós não vá, que nós não vamos valorizar esses contextos que eles trazem. mas assim esses registro a forma como ela se dirige a oralidade a gente vai buscar meios não é que elas percebam valorizando o que ela traz pra que elas possam transformar e acrescentar algo mais no que elas trazem.

DOC.: Em sua opinião como uma criança entende o fato de estar estudando a língua portuguesa na escola se ela já é falante dessa língua?

PROF.: Isso é superinteressante porque assim as crianças elas sabem que na quando escola eles vêm pra aprender alguma coisa né, e a língua eh a nossa língua ela eles já começam desde que estão no ventre né a língua eles já desenvolvem essa oralidade desde pequenininhos e inclusive eles já trabalham com a língua no seu contexto desde cedo, mas o que que acontece quando chega na escola, na escola a gente começa a dar funcionalidade ao que eles trazem, por exemplo quando eles vão escrever, então o que é que acontece nesse momento a gente conversa com as crianças que ... tanto a escrita quanto a linguagem oral ela tem um contexto social, né, que a gente não escreve para nada nem tão pouco... a maneira como a gente se dirige para as pessoas é importante, então a escola, no caso nosso trabalho, é justamente esse né promover nas crianças assim, 'tô escrevendo para que, estou eh estou porque que esta atividade tem importância, então criar eh transformar no

caso a língua os trabalhos em sala de aula que ele tenha uma função social e aí as crianças saberem porque que estão trabalhando com determinado assunto, seja o que for proposto em sala de aula.

APÓS AUDIÇÃO DA ENTREVISTA

DOC.: Depois de ouvir sua entrevista você modificaria alguma coisa nela?

PROF.: Eu acrescentaria, é assim a oralidade ela antes né no trabalho com a escola ela não tinha um peso que tem hoje, né, porque a gente sabe que na principalmente na nossa época de escola as crianças ela não tinha direito a fala, as crianças ela eram podadas o professor é o certo o professor é quem faz somente o professor é o dono do saber e o que ele fala é lei, hoje náo, hoje a gente vê pelo nosso trabalho o desenvolvimento das crianças, as crianças falando, as crianças articulando, as crianças emitindo idéias, as crianças eh ... correndo atrás de algo que realmente se , por exemplo, o professor se ele vê eh o professor em sala de aula se o professor tá errado o professor fazer uma roda com as crianças e aí conversar e ele também fazer essa avaliação com o professor quer dizer a gente criou um vínculo a gente criou uma... eh, como é que se diz, a gente criou uma estrutura aonde os caras possam tá falando possam tá argumentando e possam estar sempre eh em busca de crescimento mesmo através dessa oralidade, então assim eu acho muito importante esse trabalho na escola.

DOC.: Pelo que você ouviu, você se considera uma boa falante do português? Por quê?

PROF.: Eu acho não é só no português não, eu acho assim que o tempo inteiro a gente constrói conhecimentos, né, então ... Eu já tenho algum bom... Caminhada na educação, mas a cada passo que dou nessa caminhada é uma construção de conhecimento constante, então eu acho que eu preciso crescer sim sempre, então a minha fala hoje tá desta forma, amanhã eu sei que poderei estar falando melhor porque porque que assim, fica incoerente a gente buscar nas crianças essa construção, essa [inint] esse crescimento significativo se o professor ele também não faz isso com ele, então é importante que haja que pra mim, modelo, para que eu possa cobrar de você eu também tenho que fazer, então na minha concepção professor ele está também tem sempre que está se capacitando, tem que tá buscando novos conhecimentos e sempre estar melhorando né, ou a sua fala ou sua escrita, seja o que for, né sempre tá buscando novos conhecimentos. Olha eu acho que melhoras precisam ser feitas principalmente (rindo) interessante essa pergunta sua sabe por que, eu percebi que aí tem muito aí aí, e quando a gente trabalha em sala de aula a gente procura tirar esses vícios de oralidade que a gente já traz com as crianças e é um trabalho que eu também preciso fazer comigo né, esse vícios de oralidade que acompanha a gente e que a gente tem que se policiar para que eles não aconteçam que a gente pode substituir já que a gente procura buscar isso em sala de aula, né, algumas coisas que a gente precisa mesmo melhorar.

DOC.: Você acha que os meninos nessa idade já percebem a variação que ocorre na língua?

PROF.: Percebe... Percebe, nós temos um projeto eh um projeto de contos tradicionais e um projeto com fábulas né e assim enclusive tem intervenções no projeto aonde ... Eh ... Eu levo levo uma situação, por exemplo, vamos dar uma situação de gramática, então eu levo textos totalmente contrário, por exemplo um texto que está no presente, mas muitos verbos estão no passado, então essa é uma variante também, né, a coerência textual, então quando eles começam a ler, mas pra isso a gente faz um trabalho prévio antes, claro, assi e eles começam a perceber né que o texto não tá não tá certo, eles não dizem assim o texto tá tá ... ele não traz assim a metalingüística, sabe, mas eles percebem, diz assim o texto tá ruim, esse texto tá tá inco, incoerente na sala acontece direto, esse texto tá sem coerência, ou então é aí a gente vai discutir o porquê, ou então muitas vezes numa fala do próprio colega com o outro que eh quando eles estão conversando que diz assim eh eu sou eu , deixa eu ver um exemplo , na fala deles que é, quando eles trocam alguma coisa, eu subi não, (tentando se lembrar) eu subi pra cima, alguma coisa relacionada a isso, na hora o outro vai lá e co e conserta né e assim a gente percebe que eles estão nessa busca nesse caminho de crescimento constante.

ANEXO D – *Corpus* B. Dados transcritos a partir de entrevistas a professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental – Escola Barbosa Romeo

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Nome da Professora: Mira
Idade: (Não perguntado. Aparenta ter entre 25 e 30 anos.)
Formação: Pedagogia
Tempo de trabalho na escola: 5 anos (começou junto com a escola)
Série em que atua: Educação Infantil
Faixa etária dos alunos: Média de 6 anos

DOC.: Que situações que envolvam oralidade você propõe aos meninos?
PROF.: Na Educação Infantil, o tempo todo a gente trabalha propondo situações em que eles falem, né, que eles desenvolvam a expressão oral, seja na rodinha, onde eles contam o fim de semana, ou estão aprendendo algum texto, algum poema ou cantigas de roda, textos que eles decoram pra poder analisar a língua. E também tem situações em que eles estão livres para brincar de faz de conta. Então, nesses momentos, o tempo todo eles estão ampliando, né, a linguagem oral.

DOC.: E são as atividades que você propõe para eles, né? E essas atividades que você faz, por exemplo, com... na hora que eles estão num conto ou num poema pra eles ... ou pra poder recitarem, ou na hora que eles estão falando na sala de aula, na roda como você falou, que tipo de intervenção você faz nessas atividades e com que objetivo?

PROF.: Bem, dependendo da atividade. Se for uma roda de conversa livre, onde eles estão colocando assim, por exemplo, como foi o fim de semana, as intervenções são basicamente para que eles falem melhor, explicitem melhor, né? Então: "Como é que foi?", "quem estava com você?", coisas que ampliem mais o repertório deles de linguagem. Também no momento do faz de conta a gente não tem muita interferência, eu observo mais do que estou no meio, né, da brincadeira. Mas observo que nesse momento eles ampliam muito, eles conversam muito, eles trocam muito, discutem bastante, né, por causa do conflito mesmo que tem nessa idade, do egocentrismo. Agora, quando é basicamente uma atividade de leitura, né, uma proposta didática mesmo, então a intervenção maior é sobre o texto, o que é que eles acham que está escrito, né? Então, quando eles descobrem que é um texto que eles já sabem de cor, então a gente vai abordar melhor, que palavra que eles estão, né, por exemplo, "procure tal palavra..." Então é um trabalho mais voltado, mais didático, né?

DOC.: Eu sei, na parte mais...
PROF.: Na coisa mais forçada, não tão livre.

DOC.: Agora assim, a criança se depara com uma palavra pra escrever e escreve muito próximo à forma como ela fala. Que intervenção numa situação como essa você faz, você acha que você faria?

PROF.: Então, geralmente quando a gente tem um projeto de língua voltado para um texto que eles sabem de memória, esse texto também está presente na classe ou no caderno, em forma de, de leitura ou num cartaz, então a gente está sempre se reportando a esse texto impresso pra poder ele estar fazendo a relação. Por exemplo, o "pato" eu pronunciei o "u" no final, mas eu estou vendo lá o "o" no final. Então, eles vão estar em constante confrontação, né?

DOC.: Se tem uma situação de uma palavra, por exemplo, ele escreve... você fez um trabalho com ele, ele escreveu ... E aí ele escreve com "u", você mostra esse escrito?

PROF.: Vamos ver aqui como é que está escrito "pato". Necessariamente eu não ando assim corrigindo a escrita deles, mas em situações pontuais a gente vai estar: "Observe aqui, gente, 'pato' começa com que letra? Termina com que letra? Ah, mas eu falo "patu" mas escrevo aqui com "o". Nessa circunstância, se eu quiser marcar mesmo essa idéia, essa coisa do "o" e do "u", essas que tem som do "u" no final.
Outra situação também pode ser uma cruzadinha, né? Que eles ao completar se deparam já com o "o" no final. Mesmo que ele saia, pronuncie elefante, mas está lá o "e" no final. E aí são momentos para eles estarem analisando confrontando.

DOC.: Aí conseguem ver.

PROF.: Quer dizer, pouco a pouco eles vão percebendo que nem tudo é tão assim certinho né? Essa correspondência da fala com a escrita tem algumas regrinhas.

DOC.: Tinha uma pergunta que eu acho que eu não botei aqui, deixa eu ver. Por exemplo, se ele fala "homi" e escreve "homi". Numa situação como essa, por exemplo, que é um pouco parecida com a anterior, que tem a ver com o registro. Que no caso "pato" todo mundo fala "pat**u**", mas no caso é "homi" é a forma como ela fala e não a forma padrão da fala. Aí ela termina transpondo isso para a escrita.Você faria uma intervenção como? Isso é mais uma curiosidade minha mesmo.

PROF.: Isso tem muito a ver com a idade também deles né? Por exemplo, na Educação Infantil, eu não tenho tanta preocupação no caso de "pato", que é uma questão mais regular, eu faria até uma abordagem, mas "homem"... eu mostro, eu trabalho assim no texto, mas não necessariamente, eu não tenho essa angústia deles estarem chegando na escrita, a forma convencional.

DOC.: ... Eles ainda estão numa fase de atenção

PROF.: É mas uma idade mais avançada, eu acho, perfeito trabalhar assim ...

DOC.: Que intervenção você faria?...

PROF.: ... Fazendo uma comparação, por exemplo, pegar um texto num livro, né, que tenha essa palavra. Eleger um texto que tenha essa palavra para ele observar. O dicionário também eu acho que é um poderoso aliado nessa hora, né, porque aí vê as hipóteses, varias pessoas escrevem "homi" no ditado, então como surgiu essa palavra, como cada um pensou essa palavra. Aí vamos ver em que lugar a gente pode confirmar a escrita dessa palavra. O dicionário pode ser um meio, né?

DOC.: Mira, outra pergunta, assim. O registro lingüístico dos alunos, a forma como eles falam.Você classificaria como? O registro deles, a forma como eles falam?

PROF.: Se eu classificaria?

DOC.: Se você ... de alguma forma?

PROF.: Eles..., eles...

DOC.: Você acha que eles têm o traço da fala das famílias ....

PROF.: É, eu acho que o meio influência muito né? Por exemplo, tem muitas palavras que eles não pronunciam corretamente, elefante"lefante", né? Geralmente eu ouço eles falarem, subtraem umas partes. E isso interfere, porque nessa fase eles estão mesmo escrevendo como falam cada vez mais... Mas eles vão escrever como estão falando.

DOC.: Agora, só mais uma pergunta: em sua opinião, como é que uma criança entende o fato de estar estudando a língua portuguesa, se ela já é falante dessa língua? O que você acha que ela pensa disso? Bem, eu estou ensinando língua portuguesa, mas eu falo português. Como é na cabeça da criança, na sua opinião?

PROF.: É, eu acho que a criança deve pensar assim, que ela fala, mas é como uma criança que está andando e tropeçando ao mesmo tempo, ainda não está conseguindo andar mesmo, acho que ela sente que está faltando algo, né? Que ela está aprendendo a falar melhor, a escrever melhor. Eu sinto que ela deve sentir que falta alguma coisa, deve ser um conflito grande.

DOC.: É verdade.

PROF.: Que ela consegue se comunicar, mas de alguma forma a escola está dizendo a ela que ela não está certa em tudo. Mas ela consegue se comunicar lá fora, ela faz o que ela... falou, do jeito que saiu, ela consegue as coisas. Isso daí me intrigou, porque dá aquela idéia assim que na vida eu preciso de uma coisa, mas na escola eu sou empurrada pra, eu sou pressionada pra aprender cada vez mais.

DOC.: Eu acho que tem uma coisa que eu me pergunto. O quê que os meninos devem pensar. Mas eu não perguntei isso a eles, não.
Agora eu queria propor uma coisa pra você: Queria que você ouvisse sua entrevista. Você acha que você modificaria alguma coisa, que você falou, depois de ouvir? É estranho ouvir a gente, né?

PROF.: Eu li uma transcrição uma vez de uma outra pessoa que estava fazendo uma pesquisa aqui, eu fiquei horrorizada com o que eu falei.
Eu acho essa última parte que eu coloquei, eu acho assim: a escola, ela precisa criar situações onde a criança ou o adolescente, o aluno, ele se expresse cada vez melhor, uma situação comunicativa real, um seminário, uma apresentação, sarau, criar situações onde ele precise elaborar melhor, a sua fala, acho que melhora, né?

DOC.: E o que mais, você acha que você mexeria mais em alguma coisa? Pelo que você ouviu, Mira, você se sente uma boa falante do português?

PROF. : Eu acho que, por exemplo, em algumas palavras... Você fala assim, do conteúdo, ou da fala?

DOC.: Não, você olhe pra sua fala assim ...

PROF.: Não, eu acho que eu fico com muita, assim "acho" o "né" está muito presente ainda.

DOC.: Eu acho que você é uma excelente falante. Agora, eu queria ouvir você. Como é que você se sentiu na fita?

PROF.: Eu me sinto um pouco angustiada, eu não acho que eu estou falando legal, não.

DOC.: É, né? Oh, não fale isso não!

PROF.: Normal, né? Isso é processo.

DOC.: Deixe eu te perguntar outra coisa: você acha que os meninos na idade que você trabalha, eles percebem a variação que ocorre na língua, na fala? que pessoas de classes diferentes falam diferente e... você acha que eles percebem isso?

PROF.: Eu acho que ainda não... Eu acho que ainda não! Ainda não. Eu acho que eles precisam de mais tempo, até na escola, a escola trabalhando mais, essas situações comunicativas, né? Ele se sente desafiado, falando melhor, pra que eles percebam essa variação. Você, você fala variação como assim? fala aí. Da norma culta, não, não é ...

DOC.: Por exemplo, chega uma visita ... Bem , chega uma visita, por exemplo de São Paulo.

PROF.: Ai, eles percebem, a variação. Ou então assim... Assiste um vídeo, que tenha lá...

DOC.: Alguém falando numa situação muito formal .Você acha que ele dá conta disso, ou você acha que ele não vai nem pensar? ou nem passa pela cabeça dele, nessa idade?

PROF.: Nossos alunos, eu tenho uma impressão, que eles já tenham, eu acho que eles já percebem alguma coisa, assim. Que a gente também está sempre colocando a linguagem do Conto, né? A gente está sempre buscando, assim, que eles percebem um vocabulário melhor, mais elaborado, quais são as palavras chiques, que foram colocadas aqui pelo autor. Então, a gente está sempre chamando a atenção deles para isso, né? Não sei se, já clicou né?
Teve uma coisa que eu falei, também sobre...Que você perguntou se eles percebem, se há influência sobre o meio, né?

DOC.: Não, isso foi quando te perguntei dá... sobre o registro lingüístico deles. Se é muito próximo da família, ou seja ...como é que você acha que é o registro deles? Eles

falam muito distante de uma forma padrão? ou não, como é que você sente isso na fala deles?

PROF. : Eu confirmo que o meio influencia muito, né? E quanto mais eles tiverem em contato somente com um grupo social que não tenham essas falas elaboradas, eles acabam...Quer dizer a escola tem um papel aí, fundamental de estar trazendo, mesmo.

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Nome da Professora: Aline
Idade: 34 anos
Formação: Pedagogia
Tempo de trabalho na escola: 01 ano
Série em que atua: CEB 1
Faixa etária dos alunos: Média de 7 anos

DOC.: Deixe eu te contar: essa parte da entrevista não é dado que estou analisando, entendeu? Mas é dado de controle. Como eu estou trabalhando com consciência nos meninos, eu quero ter um pouco de controle sobre o que que pode ter sido intervenção do professor, e o que é que é fruto do que eles pensam sobre as coisas que eles observam. Não é dado de análise, não é dado de controle, é para eu saber de que maneira vocês trabalham, como é que isso foi visto ao longo do período com eles, né? Aí tem algumas perguntas, não é muita coisa. Eu queria conversar um pouco contigo.

DOC.: Que situações que envolvem oralidade, você propôs, ou propõe aos meninos? Que tipo de situações com oralidade?

PROF.: Eu sempre estou buscando, todo dia, tem a roda, tem atividade de roda, atividades de leitura, eu sempre trago um texto ou converso sobre como foi ontem a noite, ou final de semana, né? Estou propondo um tema e, independente disso a gente está sempre buscando levantar os conhecimentos prévios dele, sobre o assunto que a gente vai tratar.

DOC.: E aí na roda eles sempre têm espaço para falar...

PROF.: Na roda há sempre espaço pra eles falarem.

DOC.: E na hora que você está com alguma atividade com eles, com oralidade, aí você faz algum tipo de intervenção e com que objetivo? Quando você faz alguma intervenção, com que objetivo geralmente?

PROF.: Olhe, quando a gente está trabalhando ... por exemplo, agora: animais em extinção, né? A gente fez todo levantamento prévio com eles. Tudo na oralidade pra saber o que significava o *ser extinto*, o que significava *extinção*, quais os animais que eles conhecem, tal. Aí a gente foi listando, então o primeiro momento é sempre oral, né?

DOC.: Aí nesse momento a intervenção é em cima de buscar os conhecimentos prévios deles.

PROF.: Os conhecimentos que eles já têm.

DOC.: Veja bem, tem uma situação mais ou menos parecida com esta. A criança se depara coma palavra pra escrever às vezes pode ser que a sua, seu grupo não esteja exatamente trabalhando nessas questões, mas mesmo assim como professora, como você acha que faria? A criança se depara coma palavra pra escrever, e escreve muito

próximo a forma como ela fala. Por exemplo, digamos que você esteja na fase de assim escrita próxima ao formal. E aí ele escreve, vai escrever "homem" e escrevi "homi", que é mais ou menos próximo a forma como ele fala, sei lá, ainda não me ocorreu outro exemplo agora. Nesse momento, que tipo de intervenção, você faria, você faz, quando ocorre uma situação dessa, como você vê uma situação dessa?

PROF.: Olhe, eu estou sempre voltando pro ouvir a questão do oral. Vamos prestar atenção como a gente fala, na minha turma eles agora já tão assim, por exemplo: NH, lagartinho.

DOC: Enfatizando também.

PROF.: Aí todo mundo escrevia "mioca", aí "minhoca", "então vamos ouvir, preste atenção", aí eu digo assim para eles. Vão repetindo a palavra, aí vão prestando atenção no som que você vai escutar, é "homem", porque eles escrevem mesmo "homi".

DOC: É que eles terminam mesmo escrevendo próximo ao que fala.

PROF.: BonecU, "Vau". Aí agora, Fernanda... Teve um dia que eu disse a eles que estava mostrando que o "l" no final da palavra é o "l", mas tem som de "u". Então semana passada, Fernanda fez assim: Val é o nome da minha tia, tem o som de "u" mas é um "l " no final. Está, a gente está sempre buscando isso.
E quando eles aprendem... Primeiro dá uma angústia, assim: não, eu tenho que dizer pra eles? ou eu tenho que deixar descobrir, né? Chega ao ponto de dizer assim: não, isso tem que ser ensinado, né? Que ele nunca vai adivinhar que "minhoca " porque é complicado.

DOC.: Nem tudo da para se construir, né?

PROF.: E agora aqui na turma eles já sabem que o "l"no final tem som de "u", aí toda hora que vai escrever uma palavra, há Val, né, Carnaval... A mesma coisa está acontecendo com nh, ontem Laiana escreveu: aranha. Aí ficou repetindo: "aranha, aranha, ah, já sei é o nh, né, pro?"

DOC.: Laiana é aquela caladinha, né? Ela é meio caladinha na entrevista.

PROF.: É, Laiana é danadinha, mas...

DOC.: Deixe eu ver aqui outra coisa. Com relação a fala dos meninos, o registro lingüístico deles, como que você classifica, como é que você acha que eles falam, muito próximo a forma com que as famílias deles falam? Como é que você vê esses registros lingüísticos deles?

PROF.: Eu acho que é muito próximo, é muito do contexto que eles vivem.Tem alunos aqui que tem o vocabulário mais amplo, tenho um aluno, Jaziel, se você prestar atenção Jaziel como ele fala, ele fala tudo explicadinho.

DOC.: É. Eu confundi o nome dele na hora que fui fazer a entrevista, Jaziel, fui chamar ele de Jaciel, ele não gostou não.

PROF.: Ele é muito calado.

DOC.: É.

PROF.: Fala muito pouco, toda hora eu tenho que estar: "sim, Jaziel, diga aí uma letra que você que tenha nessa palavra". Estou sempre buscando aqueles que não falam muito. E ele tem a forma dele de falar, é quase perfeita. As palavras que ele usa ...
Aí a gente vai relacionando, comparando, né, a gente não deixa de comparar né, a linguajem de um. Amanda também já tem um jeitinho de falar. Fernanda que fala alto, que grita. O falar deles eu acho que vai muito da família, do contexto, do vocabulário muito pobre, uns tem um vocabulário mais rico, outros mais pobre. Isso se reflete até na escrita.

DOC.: Deixe eu ver, na sua maneira de ver a vida, assim, como é que a criança entende o fato de estar estudando a língua portuguesa, se ela já é falante dessa língua? Como é que você acha que é isso na cabeça deles? Ou não passa isso pela cabeça deles?

PROF.: Você fez pergunta difícil, sabe que eu não parei para pensar nisso...

DOC.: É, essa pergunta que eu coloco, é porque eu já me fiz também. Como é que é isso, na cabeça dos meninos? Estudo da língua portuguesa, mas sou falante dessa língua, como é que eles pensam nisso?

PROF.: Olhe eu não sei se eles imaginam, os meus meninos, os meninos menores, que existem outros idiomas, eu não sei se eles pensam isso, porque outro dia eu estava mostrando o mapa , e mostrando onde era o Brasil, aí passou alguns dias, aí eu falando: "esse aqui é o nosso país", aí Jailson disse: "e a gente mora no Brasil, mas a gente não mora na Bahia?"

DOC.: Comigo na 4ª série aconteceu isso, a professora dando aula, e eu era do interior, meu mundo era aquilo ali. Eu fui pra Salvador depois da 4ª serie, foi que eu vim a Salvador, não conhecia Salvador. Aí a professora dando aula, ela falou assim : "Quem nasce na Bahia é baiano, a gente, por exemplo, nasceu na Bahia, então nós somos baianos". Eu senti um prazer de fazer parte da Bahia, que para mim eu não fazia parte da Bahia, eu era de Ituaçu.

PROF.: Só tinha aquele mundinho.

DOC.: É daquele mundinho, ali. Eu fiquei empolgadíssimo quando soube que eu fazia parte da Bahia. Não sei porque, mas também naquela época Bahia...vir para Bahia era vir para Salvador, então era como se eu fizesse parte de Salvador. Acho que tem um pouco disso também

PROF.: Aí eu fiquei imaginando; "Meu Deus, ele não tem noção que Brasil é o pais dele". Aí eu fui voltar pro hino, fiz essa relação, peguei o mapa: "Quando a gente canta o hino, na segunda–feira, é o hino de onde?" Aí alguém disse assim: "do Brasil". Aí eu fui explicar, fazer toda essa questão da pátria, da letra, do hino. Pátria amada, Brasil,

tal, pra ele entender. A semana passada, a gente, São Cristóvão, Laiana, ela disse: "Eu não moro em são Cristóvão, não. Eu moro no Planeta dos Macacos", que é nesse local aqui, né, a invasão. Aí lá foi eu de novo voltar a mostrar que o Brasil tem muitos estados, e tal, fiz essa relação toda, pra ela entender, que dentro de São Cristóvão existem vários lugares: Iolanda Pires, Planeta dos Macacos, tal e tal. Eu acho que em relação a língua, eu acho que em relação a língua, eles não imaginavam que existia outros idiomas. E essa história de que se escreve diferente de como se fala, que eu estou sempre buscando isso, oh nós falamos às vezes "gal**u**" mas nós escrevemos "gal**o**". Então deve ser bem complicado na cabeça deles. Aprender a escrever e a ler uma coisa que ele fala. Ontem eu disse a Carlos: "Olhe é cada palavra que a gente escreve, tem que dar um espaço entre, porque nós falamos tudo junto, mas nós escrevemos separado".

DOC.: Isso é uma coisa bem interessante,essa segmentação quando a gente fala não percebemos isso.

PROF.: É aí ele começa a escrever, a reescrever o texto, aí ele fez: "fala tudo junto, né, pro? Mas escreve separado, né?" Aí eu disse: "É ,escreve separado, então vá ler, vá pensando na palavra que você que escrever e vá escrevendo". Aí ele: "sim", "e agora dê espaço". Ai eu digo: "você já terminou de falar a palavra?". "Já". "Então você vai começar outra palavra ,então dê um espaço."
Eu procuro estar assim falando numa linguagem que eles sempre, né? Muito próxima que eles entendam. Primeiro, que eu nunca alfabetizei ninguém, né? É a primeira experiência.

DOC.: Agora, é interessantíssimo essa idade.

PROF.: É, eu ontem peguei os textos que eles reescreveram, aí levei pra outra escola, de noite, pra dar uma olhada. Estava mostrando ao pessoal. Aí o professor de matemática, brincando, falou assim: "Ah, isso aí é o que você está ensinando os meninos, é? Todo dia você fica falando, que fez isso, que fez aquilo". Você acha pouco, um menino escrever um texto de 6 linhas, falando do animalzinho?"

DOC.: Ele está entrando num mundo complexo de representação, como é escrita.

PROF.: Eu acho que na cabeça deles deve ser muito complicado.

DOC.: É.

PROF.: Eu acho que eu vou perguntar pra eles isso, o que que eles acham disso, vou começar a observar, sabe, porque a gente faz tudo tão no automático, que às vezes, a gente não pára pra pensar.

DOC.: É, na hora que a gente pensa, já soube tanta coisa, né? Às vezes vocês aqui, a gente também lá. Mas é muita coisa mesmo. Deixe eu falar uma coisa, eu queria voltar agora a entrevista, a fita, e você ouvindo a sua entrevista, aí depois eu queria que você pensasse, ouvindo a entrevista, se você modificaria. São duas coisas que eu queria que você observasse: uma é se você modificaria alguma coisa na sua entrevista, e a outra coisa eu te pergunto depois, pode ser?

PROF.: É segredo.

DOC.: Em relação a sua entrevista, você acha que modificaria alguma coisa? Do que você ouviu?

PROF.: Eu acrescentaria, ali, a questão do oral, que eu falei que a gente tem a roda, mas não se encerra ali, né? Só na roda, nem só com o levantamento do conhecimento prévio, que ela durante toda aula, eles têm um espaço e a oportunidade de estar colocando, tem os mais falantes, que já falam, que já dizem o que pensam, o que acha, tem aqueles que a gente tem que estar sempre trazendo. "Sim, você, o quê que você acha? Diga aqui".O momento da lista também, um momento de socialização das atividades que eles fazem. Eu sempre estou fazendo isso. Fiz atividade, "como foi que você escreveu? Aluno escreveu assim, aluno escreveu assim, não sei quem escreveu assim."

DOC.: Então eles tem a oportunidade?

PROF.: É pra eles vê que existem outras, outras hipóteses diferentes da deles.

DOC.: Pelo que você ouviu, você se considera um boa falante do português? Pela sua fala assim...

PROF.: Não, a gente fala "a gente", né? É, acho que é habito, mesmo. Dificilmente eu falo: "**nós** achamos, **nós** fazemos. É **a gente** fez, **a gente** viu, **a gente** acha". É, no finalzinho, assim **né**? Engraçado, que eu fico sempre observando isso, quando eu estou ouvindo alguém falar: **certo**, **né**. Aí eu, vendo aqui, eu estou sempre falando "**né**".

DOC.: Ah, Aline, você fala super bem!
Bem, Aline vou te fazer uma última perguntinha: Você acha que os meninos nessa idade, já percebem a variação que ocorre na língua, na fala? Eles percebem que num contexto se fala de um jeito,n o outro se fala de outro, já acha que eles percebem isso, nessa idade?

PROF.: Eu acho que não, com 6 anos. Eu acho que a gente tem que chamar atenção pra isso. Nós fizemos aqui dentro, logo que eu cheguei aqui, eu já peguei o bonde andando, né, cheguei no final de maio. Eles estavam trabalhando poemas, empreendimento, estava trabalhando *As borboletas* de Vinicius de Morais, eles teriam que apresentar pra outra turma, nós fomos apresentar pra turma de Mira e de Elane. Aí a gente pegou... "Quem vai apresentar? Quem vai dizer o que é que vai ser apresentado?" E ai Érika disse assim: "Eu!" "Então, vá lá, vá dizer, que vai apresentar", "**a gente** vai apresentar *As borboletas* de Vinicius de Morais". E aí eu fui construindo com ela: "**A gente**, como é que ficou melhor?" Nós vamos apresentar pra outras pessoas. Tem que entender, né? E aí, a gente arrumou, e eles concluíram que tinham que dizer: "**Nós** vamos apresentar **para** vocês o poema *As borboletas* de Vinicius de Morais". E assim mesmo eles disseram, acho que a gente pode ensinar isso, mas eles não [percebem] ainda...

DOC.: Não percebem ainda.

PROF.: Os meus...

DOC.: Por exemplo, se chegar alguém de São Paulo, na casa dele, ele não acha estranho o jeito de falar? “Ah ,esse menino fala diferente!”

PROF.: Ah, ta...

DOC.: Ou então assim, na casa dele ele ouve a mãe falar, e chega aqui vê você falando de outro jeito, fala: “Ah, minha pro fala diferente”.

PROF.: Ah, tá! Eu entendi a sua pergunta, sim. As pessoas de locais diferentes, eles fazem essa relação.

DOC.: Eles conseguem fazer.

PROF.: Tem uma...

DOC.: Que é um contexto mais nítido, né, também pra eles.

PROF.: José Mario tem um sotaque bem mais... né? José Mario chegou aqui no segundo semestre.Quando ele chegou, todo mundo: “olhe como ele fala” porque ele diz assim: “Ei pró, dá licença pra eu ir no banheiro”. Ele sempre faz isso: ”Ei, pró, dá licença, pró, não sei o que...” Mas o “**ei pró**” é a forma como ele fala, chama a atenção da turma.

DOC.: E variação assim, por exemplo, a forma como a mãe dele fala em casa? E a forma que eles falam?

PROF.: Ah tá, isso eles fazem, eles não fazem diferença, assim, deles falarem pro colega dele de um jeito, e quando eles forem apresentar eles terem que falar de uma forma diferente.

DOC.: Um contexto formal ainda é muito abstrato para eles.

PROF.: Isso ainda é muito difícil pra eles. Mas dizer que “eu falo diferente da mãe deles” eles fazem essa diferenciação, de alguém que veio do Piauí, como “José Mario fala diferente de nós aqui”.

ESCOLA MUNICIPAL BARBOSA ROMEO
Nome da Professora: Sônia Beatriz
Idade: 41 anos
Formação: Pedagogia
Tempo de trabalho na escola: (Não perguntado)
Série em que atua: CEB 2
Faixa etária dos alunos: Média de 8 anos

DOC.: Bia, que situações que envolvem oralidade você geralmente propõe aos meninos, em sala de aula?

PROF.: Bem, normalmente a gente começa as atividades sempre com bate-papo, né? Essas crianças chegam sempre com muitas historias pra contar, e eu acho que é importante esse momento, assim de... que não é um trabalho assim, especifico da escola, assim, né, porque é muito informal. Eles chegam contando o que acontece no caminho, chegam cantando...

DOC.: Geralmente na roda, né?

PROF. : É... o que aconteceu em casa, é alguma coisa que eles viram na televisão, que chamou a atenção. E aí a gente vai tecendo milhões de coisas em relação a isso, né? Então eles têm esse momento de que a gente... é ... que eu, eu digo pra eles é o momento da gente falar a vontade, que a gente pode falar de qualquer assunto, a gente pode falar de qualquer coisa. Todo mundo tem que dar opinião, pode ser que ninguém dê opinião. É muito assim.

DOC.: Eu sei.

PROF.: Tem esse momento é, e de oralidade, assim. Se é o que estou entendendo, temos momentos de debate, mesmo, de que a gente está conversando, de buscar, muito dos meninos, o que é que eles pensam a respeito das coisas.

DOC.: Certo.

PROF.: É... nos projetos, os levantamentos de conhecimento prévio, onde a gente busca mesmo, ali no miudinho, de que vai afunilando mesmo os conhecimentos que eles têm... é... é... sei lá. Toda vez que a gente trabalha, dessa coisa de oralidade, eu sempre fico meio... porque quando você fala oralidade, dão uma sensação, assim, de que quando você está falando, você esta produzindo um monte de coisas, né?

DOC.: É verdade.

PROF.: Então a gente fala o tempo inteiro na sala de aula. O tempo inteiro os meninos são requisitados pra darem opinião, pra dar resposta, pra perguntar alguma coisa. Então, a gente está trabalhando oralidade a vida inteira, o tempo inteiro na sala.
Agora, assim, eu acho que essas marcas, que é a marca da roda, a marca da...dos debates, mesmo, que eles estão assim, que já é uma coisa assim que já vai mais no especifico, né? Que a gente vai caminhando mais numa coisa especifica, mas eu acho que o tempo inteiro a gente está falando, está trabalhando assim, né?

DOC.: Nessas situações, por exemplo, quando você está na roda, você faz algum tipo de intervenção com eles, e com que objetivos? Quando você esta trabalhando com algumas situações dessas com oralidade, algum tipo de intervenção sua, e com que objetivos?

PROF.: Aí você está querendo saber assim, se eles estão... se por acaso eles falam errado?

DOC.: Não, quero que conte alguma situação, tipo na roda, por exemplo, qual o tipo de intervenção que você faz com o trabalho da oralidade, geralmente com que objetivo? Quando tem alguma situação assim, um debate, por exemplo, que você está com um debate entre eles na sala, que tipo de intervenção você geralmente faz, e quais são os objetivos que você tem em mente?

PROF.: Tipo, na roda, é... algumas crianças, eles, elas têm dificuldades de falando assim [ININT] a seqüência narrativa, né?
Tipo, de contar os fatos, mais ou menos, estipulando algum tipo de seqüência.Tem meninos, que eles vão contando, aí estão contando aqui, daqui a pouco eles pulam, vão pra outra coisa, voltam, não sei o quê. Aí, umas crianças eles não têm, esse tipo de seqüência, então até para compreender o que eles querem dizer, muitas vezes fica complicado pra gente, porque como eles fazem esses saltos,né, na fala, aí tem intervenção que é feita, aí eu vou fazendo questões que vão possibilitando que ele vá trazendo histórias, quer dizer, as seqüências mesmo dos fatos.

DOC.: Ajudando a seqüênciar.

PROF.: A seqüênciar, né? Eu acho que de ir fazendo essas coisas, né, de ir trabalhando dessa maneira, eles vão, vão percebendo. E até dando exemplo de questionamento, assim, até tipo pontos, né? De alguma forma que... eles perceberem quando a gente estabelece assim: "Tá... o que que a gente faz quando a gente entra na sala?" Que assim é que a gente se organiza, normalmente eu formato alguns grupos. Eles já sabem que isso acontece na sala, né, que fulano senta junto com fulano, eles sempre sabem que tem um momento de você sentar comigo, por exemplo, se nesse dia você está sentado comigo, eles podem não conhecer de fato qual é o objetivo que eu quero, mas eles sabem que tem isso. Então tem toda uma organização. Então a gente procura, aíi eu vou perguntando o que que a gente faz, vai fazer, como? não sei que, não sei que. Aí vai estabelecendo esses fatos numa linha cronológica, para algumas crianças perceberem que isso acontece, né, que você não acorda, e abre o olho, e vai diretamente tomar café, que até o acordar, abrir o olho, tomar café, tem algumas etapas que são dentro, mas os meninos queimam essas etapas e aí até mesmo quando eles estão é... se a gente está trabalhando alguma coisa de conto, de reconto com fabulas, com essas coisas assim, às vezes, os meninos têm dificuldade de fazer essa seqüência narrativa, né? Então as intervenções são feitas muito dentro dessas questões, né? E aí eu, aí eu não sei se tem a ver com o que você está perguntando, uma coisa assim que mais ou menos eu observo é a maneira como eu falo, em determinadas ocasiões em que os meninos estão no momento assim de que eles estão prestando contas do que estão aprendendo, tipo uma apresentação, um outro. Num momento assim formal dessas atividades eles tentam se aproximar muito mesmo dessa, sabe? ... dessa forma como eu falo até, eu uso muito as mãos, essa coisa toda ,aí eu fico vendo os pequenos, eu acho super interessante isso,,como eles também

usam muito as mãos, e aí eles vão tentando se aproximar, né, meio que desse modelo.

DOC.: É verdade.

PROF.: Acho que as intervenções são basicamente essas, assim, de tentar mesmo organizar os pensamentos dos meninos, né, de estabelecer mesmo uma seqüência pra que eles possam é... eu acho até que facilitar como eles buscarem, né, como eles vão aprender, porque se não fica tudo muito desorganizado.

DOC.: Agora uma outra situação: a criança se depara com uma palavra para escrever, e escreve muito próximo a forma como ela fala, por exemplo, assim, você vai escrever a palavra "homem" e ela escreve "homi", que tipo de intervenção você faz ou poderia fazer numa situação dessa? Por exemplo, ela vai escrever e escreve muito próximo como a forma como ela fala ou aliás como a gente fala, né, em modo geral.

PROF.: E isso acontece quando os meninos estão alcançando, quando estão chegando na escrita alfabética, a primeira escrita alfabética deles é muito próxima da forma como se fala, né, e aí uma coisa que acontece, Amarante, na sala que é ...que eu acho que vivo dizendo para os meninos que a gente fala, e tem uma forma que a gente fala, que a gente escreve, né? Eu não sei se eles já percebem assim de fato essa diferença que a gente estabelece na minha fala, né, mostrando no oral essa questão, mas aí começa uma intervenção, assim, é... por exemplo, quando eles falam uma coisa mais simples, quando eles falam é...tipo "boneca", aí eu pergunto: "BONECA?" Aí eles... a maioria assim quando já está nesse debate, assim, da base alfabética, mas assim pensando nas questões ortográficas, aí eles dizem: "ah, é um *o* com som de *u*". Então essas coisas eles vão se aproximando assim, agora em relação a essa questão do *h*, existe uma dificuldade em trabalhar. Você trouxe esse exemplo do *h*, esse *h* é muito complicado porque o *h* não faz o som, né? Isso aí não tem uma regra estabelecida que palavra é com *h* que palavra não é, então isso aí a gente vai ensinando, vai mostrando mesmo como é, tipo, esse tipo de palavra que não tem uma regra estabelecida, que não tem uma regra, aí a gente vai mostrando a escrita convencional, né, em milhões de situações pra eles estarem se apropriando, que aí essa apropriação é assim mesmo e as outras questões que tem as regras, aí a gente vai debatendo algumas regras, né?

DOC.: É.

PROF.: Mas eu acho que pra isso que você está perguntando é... eu nem sei como é que eu falo isso, mas que tem meninos que escrevem mesmo da maneira que falam tem. E aí é uma coisa de ensinar mesmo de que a fala não é ...

DOC.: ...ele fala uma coisa e escreve outra coisa.

PROF.: ... não é, não é...

DOC.: Com relação ao registro lingüístico dos alunos, Bia, como é que você classifica? Você acha que eles se aproximam mais do registro lingüístico dos pais? Próximo do formal, distante do formal?

PROF.: Olhe, pegando o gancho do trabalho que a gente está fazendo agora, a gente está fazendo, a gente está trabalhando fábula, eu optei por fábula porque os meninos estão cansados.E eu queria um texto que eles tivessem satisfação em trabalhar que as fabulas são muitos agradáveis, né, pra segurar de memória, pra depois a gente está reescrevendo, pro trabalho, as coisas da língua. Eles são mais fáceis do que os contos, os contos são mais longos, e a gente tinha pouco tempo agora. E assim, quando os meninos estão nessa produção, e até mesmo assim, a gente está fazendo com fábulas e está fazendo com texto informativo, né, eu percebo que eles já tem uma preocupação assim de estar se aproximando do formal, que a gente também tem uma preocupação de dar bons modelos para eles e estar debatendo esses bons modelos, e estar mostrando o porquê que aquele texto é um bom modelo que não adianta você estar ... um texto bom na sua mão e você não sabe porque que ele é bom. Então eu tenho essa preocupação de mostrar, assim, eu chamo de pérolas, né, quando o autor usa determinadas palavras para enfeitar o texto, até a questão de pontuação mesmo, de como ele usa. Então a gente faz essa aproximação, os meninos ficam bem próximos assim do formalismo, do convencional. Eu acho que é interessante isso sim, eles sabem que aqui na escola eles precisam escrever, eu só queria que eles compreendessem que aqui na escola, eles precisam escrever assim e em outros lugares também, lá fora. Eles precisam, né?

DOC.: É verdade.

PROF.: Mas assim aqui na escola eu percebo que eles já sabem que eles precisam escrever essa língua, que é a linguagem mais formal, a linguagem mais arrumadinha, mais bonitinha e acho que, que os meninos já...

DOC.: Como é que uma criança entende o fato de estar estudando a língua portuguesa se ela já é falante, Bia, se ela já é falante dela, como é isso na cabeça deles pra você? Na cabeça dos meninos assim, eu estou estudando a língua portuguesa, mas sou falante dessa língua.

PROF.: É o usuário, né? O pior de tudo é isso, eu acho interessante ... Eu não sei, às vezes, Amarante, se eu posso chamar isso de falha de... como professora porque em alguns momentos eu acho que os meninos não tem essa coisa assim de que eu falo e essa mesmo língua que eu estou falando é a que eu estou analisando, quando eu escrevo, né? Eu acho que é... Engraçado que você está perguntando aí agora e eu estou aqui na minha cabeça já pensando que acho que talvez pudesse... a gente fazer esse trabalho com mais clareza, assim se a gente dissesse isso pros meninos, mas aí eu penso que eles não, eles não...

DOC: É, é verdade, isso é uma coisa que eu me pergunto .Como é que é na cabeça dos meninos: estão aprendendo a língua portuguesa, mas eu falo a língua portuguesa.

PROF.: Eu acho que fica uma separação bem grande aí, é como se fosse, como se você estivesse fazendo as duas coisas. Eu estou aqui falando com você, quer dizer, eu não estou fazendo nenhuma análise do que eu estou falando, eu não sei o que é verbo, eu não estou parando pra pensar se é verbo... É, essas coisas mesmo se é substantivo, se concorda, se não concorda, simplesmente eu estou falando, né? E aí tem aquele momento que a gente está lá escrevendo, que eu estou preocupada com a ortografia, que eu estou preocupada com pontuação. E aí aconteceu uma coisa interessante, que

a gente trabalhando com pontuação, limpando a pontuação do texto dos meninos, e a gente lendo piadas, é um texto que dá um suporte legal pra fazer esse debate, e aí os meninos pegaram rapidamente a questão da interrogação, né, a questão da pergunta foi bem fácil, foi bem tranqüilo isso. Os meninos perceberam essas marcas, aí eu ficava falando na sala, eu ficava assim falando várias frases, varias coisas pra eles, eu queria que eles identificassem que horas e que momento eu estava fazendo a pergunta e que momento não era uma pergunta, e aí eu não sei se eles estavam analisando isso quando a fala, a minha fala é a mesma língua que eu estudo, né, eu acho que não tinha essa análise, tinha a coisa somente assim de perceber mesmo até a questão da minha entonação, de se eu estava botando a pergunta, se eu não estava botando a pergunta, mas não teve análise.

DOC.: Bia, eu queria te propor uma coisa. [Propõe a audição da entrevista]

[AUDIÇÃO DA ENTREVISTA]

DOC.: Agora ouvindo você falando na fita você se sente uma boa falante do português?

PROF.: Eu utilizei nessa entrevista assim, talvez se eu tivesse escrevendo, estaria com uma preocupação muito maior de me utilizar dessa norma culta.

DOC.: ... na fala...

PROF. : Na fala, não.

DOC.: Mas ouvindo você assim, como é que você se sentiu enquanto falante?

PROF.: Eu percebo que tem momentos que eu falo alguma coisa na linguagem oral, e aí como eu estou nesse lugar de entrevistada, aí a gente procura corrigir, mas de uma forma bem coloquial.

DOC.: É, mas é uma boa fala, né?

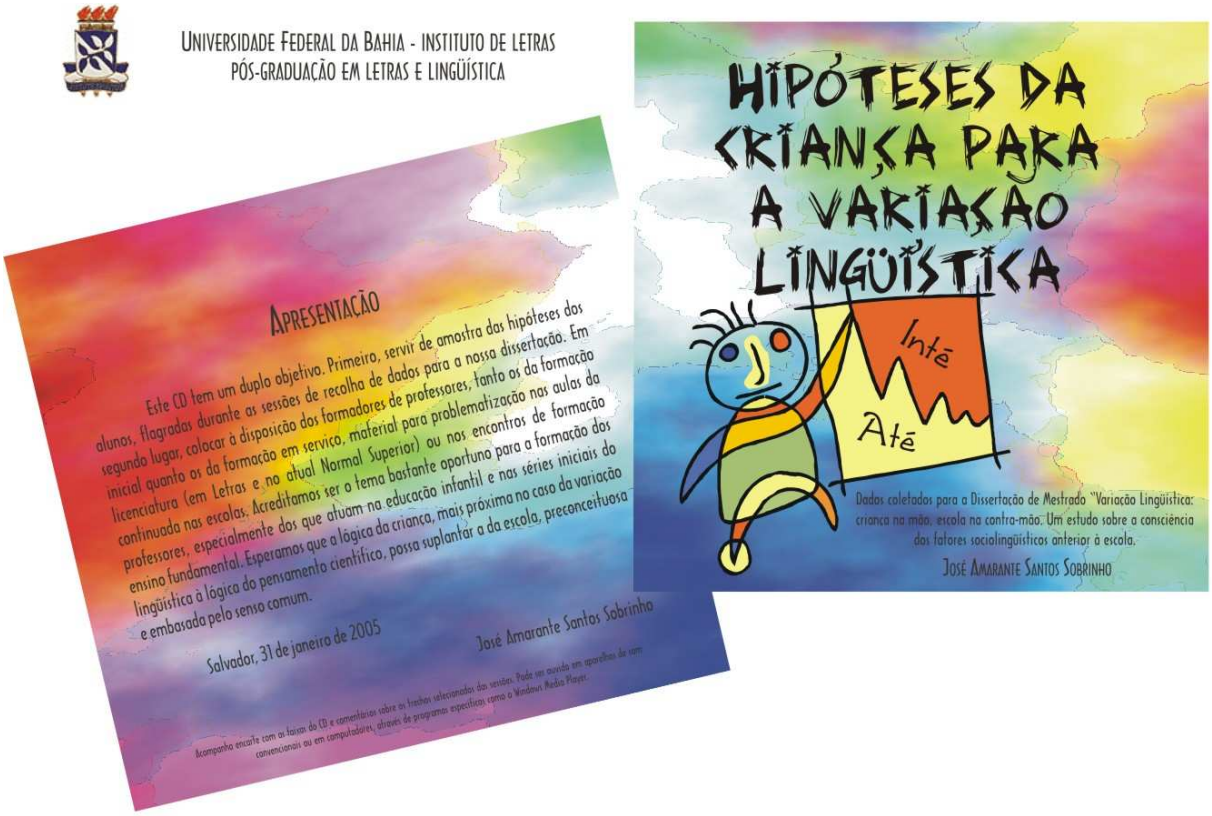
PROF.: É, eu gosto.

DOC.: ... você acha que os meninos nessa idade já percebem a variação que ocorre na língua, na fala, você acha que se atentam pra isso com a idade que você trabalha? Os meninos percebem, sentem, já falaram alguma coisa sobre isso?

PROF.: É se o erro for muito, muito assim percebido, se alguma criança fala assim alguma coisa que, vou usar um termo assim: "dói muito no ouvido", alguns meninos já dizem: "não é assim não, fulano, é assim", mas precisa ser assim bem saliente, eu acho que como a gente, né?

DOC.: Tem alguma coisa do que você falou, que às vezes termina uma entrevista, aí a gente fala, "puxa, não é bem aquilo", tem alguma coisa que você acha que diria de outra forma, que às vezes fica assim, acabou de falar uma coisa, mas não era aquilo que

eu queria dizer, às vezes tem. Eu sempre gosto de perguntar depois das entrevistas isso.

PROF.: Não, eu acho que não, acho que está certo, se precisar de alguma coisa você volta.

ANEXO E – CD *Hipóteses da criança para a variação lingüística*. Trechos das sessões realizadas com as crianças, organizados a partir de suas hipóteses.